

TERRA DO MAR LONGE

MARIA
SÁ

EDIÇÃO
DIGITAL



Há algo que nos determina, redime e nos torna únicos.

DNA? - Talvez... Mas, para mim, são as memórias!

Nada é mais exclusivo, pessoal e íntimo que as memórias – experiências vividas, interpretadas e assimiladas, tão determinantes como os genes, as memórias também são transmitidas de geração em geração, mudando sempre até que manifestem a sua verdadeira essência mítica, na intersecção do real e do fantástico.

Terra do Mar Longe é a catarse necessária de uma portugalidade complexa e rica que nos transcende e confunde, se procuramos as raízes apenas no contexto geo-político, histórico, étnico ou linguístico. As raízes da portugalidade vão muito mais fundo.

A autora não evoca apenas lembranças de uma época, dos locais ou das pessoas. Chama a si todas as vivências – são as suas memórias. Revive-as coerentemente, com irreverência e provocadoramente, porém apaziguadoramente.

Na narrativa de Maria de Sá, todos os personagens e até os narradores, são ela própria. Etna, evocando as memórias de uma infância na Terra do Mar longe, Etna Maria, à procura de si mesma no Outro Lado do Equador. O terceiro narrador, revela-se no final e é o EU da autora, aquele que resulta do intrincado processo da construção da personalidade.

Terra do Mar Longe, é o sétimo parto de Maria de Sá que, após ter dado à luz seis filhos, desta vez, dá à luz a ela própria.

Um parto é um acto de amor.

*Teresa Baptista
Editora*

Terra do
Mar Longe

Maria Sá

Terra do Mar Longe

1ª Edição





Rua Maria Lamas, 29 - r/c D1º
2600-051 Vila Franca de Xira
woweditora.wordpress.com

WOW editora é uma chancela de Teresa Baptista

Título: TERRA DO MAR LONGE

Copyrights Maria Fernanda Paxis Garcia de Sá Pires, 2013
Publicação exclusiva WOW editora
Foto da capa: Eduardo Calane, Moçambique, 2008

ISBN: 978-989-20-4550-4

Todos os direitos reservados

“**Não se envelhece enquanto buscamos.**
Jean Rustand

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais, António Júlio e Ana do Carmo;

Aos meus Filhos, Juca, João, José, Regina, Shelley e Paulo;

Aos meus Netos, Nuno Américo, Catarina Filipa, Paulo André,

Tiago António, Ana Isabel, Maria Estefânia, Ester Miriam, Rafael Martim,

Mauro Alexandre, Fábio Filipe, Natasha Maria, Micaela Jennifer, Gabriela

Ashley, Carlos Miguel .

Porque família é tudo!

À Amiga de muitos anos Felizarda Cabral, ” minha Mãe Guitonga”;

À Amiga de longa data, Maria Teresa Acabado Baptista pelo apoio dado á revisão da Terra do Mar Longe via internet.

Ao Professor José de Sousa Miguel Lopes, a minha eterna gratidão, pelo apoio dado ao longo da escrita da Terra do Mar Longe.

Aos meus amigos:

Eduardo Calane pela cedência da fotografia da Capa.

Fernando Ferreira, por me ter fornecido informações preciosas sobre a cidade.

Salimo Normomade pelos esclarecimentos e ortografia dos vocábulos bitonga.

Mário Cota Cruz Costa pelo empenhamento e aclaramento dos significados de alguns termos gentílicos, bem como ao meu amigo Francisco Guita Júnior.

PREFÁCIO

Foi com enorme prazer que recebi o convite da Maria de Sá, para prefaciар seu livro “Terra do Mar Longe”.

O título já diz ao que vem. Nele está presente o mar, mas não qualquer mar, mas sim um mar longínquo, um mar ao qual a autora parece não conseguir resistir ao chamamento. Mar: esse espaço infinito, de expansão e de aventuras! Um mar que, implicitamente, remete para lugares distantes, lugares de memória, lugares de fruição de um tempo que não volta mais, lugares agora impregnados de uma dolorosa nostalgia.

Maria de Sá dá continuidade ao tema do mar sempre tão presente na literatura em língua portuguesa. Recorde-se que desde o século XVI, o mar é largamente cantado por historiadores e poetas. Fernão Mendes Pinto permaneceu 21 anos no oriente e escreveu Peregrinação, onde a temática do mar é recorrente ao relatar o que se passou nesse período. Os Lusíadas de Luís de Camões, datado de 1572, considerada uma das maiores obras da literatura portuguesa, faz constantemente referências ao mar na trajetória épica do povo português a caminho da Índia. Na peça teatral “Auto da Índia” Gil Vicente critica a ambição dos navegadores e os naufrágios que aconteciam frequentemente. Já no século XX, o poeta Fernando Pessoa e os seus heterônimos, usam a

temática do mar nas suas poesias.

Por se constituir na via líquida por onde singraram as caravelas chegando aos mais distantes portos, o mar se tornou símbolo do alargamento dos domínios portugueses, criando o fenómeno crucial do “ser português”: o Império. Sob essa perspectiva, pode-se mesmo dizer que as águas salgadas foram o ponto privilegiado de onde a nação mirou-se ao voltar seu olhar ao Outro, engendrando, a partir da espessa camada de representações elaboradas sobre os povos dos portos, uma imagem de si própria.

Dessa maneira, em uma intrincada rede de representações super postas, revistas e ampliadas, o olhar oriundo das naus fez com que os portos onde elas chegaram fossem vistos e ouvidos. Se as imagens criadas eram encharcadas de mar e explicitavam o poder das caravelas, pode-se afirmar que no confronto entre olhares e vozes foram sendo moldadas novas visões, de tal maneira que o ponto de vista da caravela foi, por muito tempo, o que informou os portos, acabando por se tornar parte de seu imaginário.

Sob a perspectiva dos portos, fazia-se necessária uma outra viagem: aquela que propiciasse uma real descoberta de si próprios, tentando deslindar as imagens super postas e tornar audíveis suas falas. Em outras palavras, tentar resgatar a memória e os sonhos. Nesse processo, foi fundamental o papel da literatura.

É nessa viagem literária que Maria de Sá nos apresenta o porto da “Terra do Mar Longe”, como carinhosamente se refere ao território banhado pelo Índico, que já tem sua própria voz e no qual se consolida uma imagem singular. Agora pode prescindir do ponto de vista das caravelas e, triunfante, dizer que o mar também lhe pertence e, assim, ver a si própria como um dos pilares da ponte que une as várias margens

desse mar tão específico, o dos falantes da língua portuguesa. Não é difícil perceber na trama da memória resgatada pela autora, processos de ruptura, que levaram à saída “forçada” de um território, com todos os traumas inerentes.

Está subjacente a todo o fluxo narrativo o processo perturbador de descolonização, que “empurraram” a autora e tantos outros como ela, a ter que enfrentar uma vida nova na longínqua terra portuguesa ou na diáspora. Apesar de subsistir pontualmente alguma mágoa ou ressentimento, o que diferencia estes seres é a sua identidade forjada numa “dupla diáspora” e as suas vivências africanas, percebidas e mobilizadas positivamente como capital social e cultural. A maioria continua com saudades de África, sendo que o significante África pode revestir-se de variados (e por vezes contrastantes) significados — o espaço, o clima, a paisagem, o exótico, a abundância, o nível de vida, o prestígio social, o poder, a infância e a juventude, as sociabilidades, o convívio multirracial, etc. —, em função das experiências de vida individuais. Porém, no campo das memórias volitivas e das emoções partilhadas, África é, invariavelmente, o paraíso perdido. É este o caso reflectido no texto “Terra do Mar Longe”.

Por isso nada mais adequado para retratar esses lugares da memória do que o género lírico, pois ele, pela sua natureza é essencialmente poético, expõe a subjectividade do autor e diz ao leitor do estado emocional do “eu-lírico”, aquele que fala no texto. A autora socorreu-se da prosa e como se constata, não há, necessariamente, o relato de uma história nem de acções encadeadas no tempo. O objectivo da autora é expressar seus sentimentos íntimos.

É prosa poética de alta qualidade, perpassada aqui e ali de traços epistolares. Frequentemente é uma escrita perpassada pela tristeza,

pela nostalgia, pela melancolia. Uma escrita belíssima, impregnada de poesia por todos os poros. O fluxo narrativo está ancorado na memória e leva o leitor a compreender a ligação visceral da autora com a Terra do Mar Longe. Estamos em presença de um belo momento de escrita, onde memória, saudade, amor, paixão, mágoa, dor, tristeza se mesclam numa narrativa poderosa que prende o leitor. Toda esta prosa transpira poesia, pois ela assume uma dimensão maior, revelando em inúmeras passagens uma beleza comovente. Como não ficar sensível e impactado com a beleza literária em trechos como estes “... Sei lá se volto, carrego já muitas distâncias e muitos cansaços. Não passo de uma varanda do Tempo que mais namora com a minha moçambicanidade (...) O tempo já tão longe vai trazendo lentamente a noção de que a vida é como um sonho e os sonhos são como as nuvens e nada nos pertence, senão a sua sombra. Vou sendo gente sem história. Vou existindo na memória do acaso. Os que morrem, desaparecem como se fossem estrelas que tombam. Caem sem nenhum ruído, sem se saber onde nem quando. Ficam ténues lembranças que, por vezes, não deixam pertencer a um só lugar e impedem a tranquilidade de não dividir memórias. (...) Por muitos anos que decorram sobre a partida daquele rincão africano, as recordações das infâncias criadas ao sol e ao vento, abrirão sempre as portas da saudade para espaços e tempos, hoje desertos, ao fluir da amargura e da saudade. (...) Desfilaram retalhos de infância, adolescências de libidos recalçados, jogos de sedução escondidos para se manter incólumes, éticas preconceituosas, autênticas portas abertas a vidas sem projectos, mas vivenciando amores da cor de ébano fechados a sete chaves no coração. (...) — Incrível este êxodo, Mãe Guitonga. Os teus búzios já quebraram o silêncio sobre a nova História ou estarei enganada? (...) Outros caminhos marcados nas estrelas perderam-se

na bruma e no silêncio feito de solidão aos pés dos que partiram. (...) A Terra do Mar Longe está tão distante, num longe muito longe. A maresia aconchega-a, ao ritmo das marés sobre o feitiço do homem. Canta segredos íntimos do oceano profundo de amores escondidos.”

Memórias e afectos se dão as mãos nesta viagem ao passado. É também um texto esperançoso.

“... — Certamente, não ficas indiferente por quem se empenhou em alargar os horizontes de tantos jovens que hoje lutam por tornar o meu e o teu País num lugar Cimeiro na conjuntura internacional.”

Um grito arrebatador de nostalgia e de beleza literária em língua portuguesa. Pátria — língua, língua — pátria, nos lábios de poetas como Maria de Sá é uma só realidade, ao mesmo tempo caminho e luz. Ela nos fala desse ser navegante aprisionado na memória, antecipando horizontes. O tempo da memória é simultaneamente interior e exterior, enunciativo e social, voz e coro, expressão concreta de um sentir que se profere, da canção do ser humano, na assunção dolorosa ou esfuziante da vida.

“Terra do Mar Longe” — continente escrito em português — adoçado pela brisa dos trópicos, pela música, por esses seres que o habitam, magmas sonoros, coloridos e dançantes. A língua onde foi escrito este texto, é a chama no coração de todas as línguas.

Toda a linguagem, como se sabe, é um meio de o homem se encontrar consigo mesmo, mais do que descobrir as qualidades objectivas do seu universo. Por isso, a linguagem se cifra no simbolismo dos arquétipos e é tanto mais rica e expressiva quanto as imagens colectivas do inconsciente são despertadas. Ela evoca o sonho interior que preside à educação do ser humano. O processo de individualização, tanto de um homem, quanto de um povo, começa

com uma pseudo-ruptura da linguagem. Simboliza uma viagem no desconhecido, e esse desconhecido pode ser representado por uma língua estranha. Mas não aqui, pois reina soberana a língua portuguesa: língua de viagem e mestiçagem. Rio de muitos rios. E talvez pátria de várias pátrias.

Nesta criação literária memória e esquecimento apresentam-se como inseparáveis. O escritor José Saramago, diz que “todas as memórias são falsas”. Já o poeta uruguaio Mário Benedetti reafirma, em sua poesia, que não há esquecimento, o esquecimento está cheio de memória.

Entre a tese de Saramago (de que todas as memórias são falsas) e a de Benedetti (de que não existe esquecimento e, portanto, o que existe, na verdade, é a memória), adoto as duas e adoto também a de outros, como Nélide Piñon, quando diz que “a memória, ao contrário do que as pessoas pensam, não recorda. Ela vai interpretar o que se viveu ou o que se pensa ter recordado. O homem recorda simplesmente o que a memória quer. Ela é autônoma em relação a nós”. É nesse sentido que compartilho igualmente da preocupação de Umberto Eco, que ao analisar a crise atual da memória, compara a Internet a Funes, um personagem de Borges que se lembrava de cada folha de cada uma das árvores que viu em sua vida, de cada letra de cada frase de todos os livros que leu e, por não possuir a capacidade de filtrar, não podia agir nem se mexer e uma das funções da memória, seja individual ou coletiva, não é somente reter, mas também filtrar. Ainda de acordo com Eco, até o presente, a sociedade filtrava para nós, por intermédio dos manuais e das enciclopédias. Com a Internet, toda a informação possível, mesmo a menos pertinente, está lá, à nossa disposição e então, pergunta-se: quem filtra? Ampliamos a nossa capacidade de

estocagem da memória, mas não encontramos ainda o novo parâmetro de filtragem, conclui o pensador.

São pistas que nos levam a acreditar que a memória não pode ser lógica (o esquecimento e a retenção são acidentais), ela está ali, permanece em compartimentos fragmentados, escaninhos secretos, cuidadosamente selecionados pelo mistério dos critérios da mente. O fato real, mas já sendo outra coisa, quando escrito ou verbalizado.

Quanto à autora, apesar de sempre escrever partindo do real, recolhendo fragmentos cotidianos como cernes de sua digressão, não se preocupa, no momento da sua criação literária, se o seu resultado vai corresponder a esse fato. Naquele momento ela parece preocupar-se em utilizar o melhor da linguagem ao seu alcance para registrar esses fragmentos da memória vista, ouvida, sentida, vivenciada e transformá-los em expressão literária. É memória, sim, e é real, mas é ainda outra coisa, literatura.

Não é possível precisar em que tempo realizar-se-ia o encontro do universo simbólico do sonho ou do desejo com o visto e retido na memória. Mas isso não importa a quem escreve; a arte transcende as questões teóricas e suposições de crítica genética. Maria de Sá quando registra o seu tempo, ultrapassando-o, realiza a verdadeira literatura. Gostei muito de ler o livro da Maria de Sá. E ao lê-lo, não pude deixar de me remeter à perspicaz observação de Jacob Ritts. Afirma ele que “Quando nada mais parece ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras, martelando sua rocha, talvez cem vezes, sem que uma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi aquela a que consegui, mas todas as que vieram antes”.

É isso mesmo que a Maria de Sá faz, quando paciente

e laboriosamente se entrega a um texto impregnado de lirismo. Martelando cada palavra, como o cortador de pedras faz em relação à sua matéria-prima, dá-nos o exemplo da persistência, balizado pela certeza que cada palavra no lugar certo é resultante de todas as outras palavras anteriores. Em decorrência, quem fica ganhando é o leitor de “Terra do Mar Longe”.

José de Sousa Miguel Lopes

(Moçambicano, Doutor em História e Filosofia da Educação
e professor na Universidade do Estado de Minas Gerais - Brasil)

Belo Horizonte,

1/11/2011

Terra do Mar Longe

Depois que cumprimos as missões impostas no berço: ter uma profissão, casa e procriar, passamos a ser livres, a escrever a nossa própria história, a valorizar as nossas qualidades, a ter um certo carinho pelos nossos defeitos.

Venho de outra latitude
No meu cavalo de saudades
Retraço
Com punhais de silêncio
Os vendavais
Sou o que sou
O que Pandora me reservou
Maldita, sem Terra
Despida de memórias
Ferida das minhas glórias.
Mas...
Prenhe de Histórias.

A Terra do Mar Longe, plantada junto ao Mar, consola-se a contemplar o vai-vem misterioso das marés. Furiosamente, sobem e descem o paredão da marginal saudosa da criançada. Agora, ausente para lá do Equador já encanecida. Aí, mergulhará num novo respeito pelo Planeta Terra e por culturas diferentes. Contudo, no fundo do coração, ninam a Terra do Mar Longe que a viu nascer e partilhou do seu crescimento mergulhado pela tarde nos segredos do pôr-do-sol. O astro rei entrelaçado ao amarelo, castanho, bem brilhante, em pinceladas avermelhadas esboçava projectos de vida. Uns sonhados, outros inacabados e, talvez, alguns coroados de êxito e até convertidos em projectos socialites. Quem sabe? Possivelmente os deuses da NOVA HISTÓRIA, de ceptros e bastões, predestinaram tal sucesso ou insucesso.

Afinal, Paul Valéry teve razão em nos legar a frase “Somos todos campos de batalha, nos quais se digladiam deuses.”

Como devem adorar jogar com os nossos destinos!

Aquelas marés gostam de subir e descer o paredão na tentativa de invadir a rua. Por vezes, atrevidas, galgam o paredão, espumando furiosamente por momentos. Uma saudade ficou dos tempos de menina. Etna Maria chapinhava os espaços molhados pela rua espalhados já sem forças. O sol habitual, sem preocupações, devolvia o bafo do calor africano.

Casuarinas⁽¹⁾ centenárias agitavam-se incomodadas por não poderem enfrentar os ventos das monções. Invadiam espaços, nos me-

(1) Árvores semelhante a ciprestes, comuns na linha da praia, em estado silvestre de ramos verdes capazes de atingir mais de 25 metros. Os frutos são pequenas bugalhas redondas com picos curtos e cortantes que caem quando completamente secos.

ses de Setembro a Novembro descontraidamente pelas frinchas das janelas zeladamente fechadas. Jamais Etna Maria esqueceria o que simbolizavam aquelas casuarinas. Seriam poemas que a Terra do Mar Longe escreveria nos céus dos brancos de segunda classe, onde quer que estivessem. Caberia a cada um, a sua conotação no silêncio dos astros dizendo, como dói este eco africano!

As bugalhas, miniaturas de pinhas, espalhavam-se pelo passeio esfarrapado pela erosão dos tempos e possível esquecimento dos actuais e novos donos daquele rincão histórico. Aqui e ali terra solta. Covinhas davam-lhes guarida. Quando pés descalços aí tropeçavam... Ai...Puxa... Que picadela! Uf! Aquelas bolotinhas gorduchonas fer-ravam bem com os dentinhos aguçadas.

O sol insistia em aquecer o aeroporto pejado de gentes. Um vento fresco trazia o eco de Mar, como expressão passiva do drama, envolvendo madrugadas sem sono.

Uns partiam, fervendo em horas de expectativas cruéis ao deixarem a terra que vira nascer gerações. Era o torrão natal perdido para sempre. Ficou na penumbra da memória. Outros não encontravam razão para a estrada longa da esperança no futuro. Outros, ainda, comportavam-se como meros espectadores.

Já nem se reparava em ninguém, como se entre uns e outros, o presente e o passado fossem vocábulos sem conotação afectiva. Velhas amizades iam-se transformando em sombras de lembranças. Abrigos que já nada ofereciam.

Tiraram o verde das ervas. As raízes perderam o viço como se uma queimada tivesse irrompido bruscamente de mãos calosas e ásperas e, pela calada da noite, preparassem as entranhas da terra. Uma nova colheita de amendoim, mandioca, batata-doce e feijão cafre

não tardaria.

O regresso, para lá do Equador hostilizado no âmago da inquietude, assustava as flores aninhadas no matagal circundante, as folhas das palmeiras e dos cajueiros verde-jantes.

Aquele céu sempre tão limpidamente azul, por vezes, cobria-se de nuvens coléricas, na época das chuvas, assistia estupefacto àquela debandada. Deuses vulneráveis no seu livre arbítrio, cheios de desdém, e indiferença tinham encontrado outro mundo, outra bandeira.

Uma terra feiticeiramente acolhedora, repleta de requiebros sensuais, esvaziava num abrir e fechar de olhos, uma identidade secular, olhando impassível aquele vai vem apressado.

Aquelas gentes converteram-se, num ápice, num fóssil histórico. Os tempos se encarregariam de ignorar em nome de uma nova Paz e de uma nova Justiça. Porém, ninguém estava em condições de antever o que iria acontecer. Aqueles que tinham decidido ficar, nem se apercebiam de que já não eram senhores de si próprios, nem tão pouco do seu poder aburguesado.

Uma nova Era tomava vulto. Enigmática. Talvez, por isso, se partia. Os que teimavam em ficar, acabariam por se descobrir, como seres deslocados num tempo e num espaço.

Por muitos anos que decorra a partida daquele rincão africano, as recordações das infâncias criadas ao sol e ao vento, abrirão para sempre as portas aos espaços e tempos perdidos aqui... Ali... Além. Hoje desertos, ao fluir da amargura, da saudade e da partida para a Luz Cósmica.

A identidade dos que, por lá, vivenciaram a vida perder-se-á, fragmentando-se na angústia profunda minando vidas. Há anos, que Etna Maria projectava visitar a Terra do Mar Longe. Pedaco de ter-

ra plantado à beira mar, a mando dos deuses. Casuarinas milenárias defendem-na da erosão eólica das monções de outras paragens africanas. Um constante “zummmmmmm”. Arrastam poeiras arenosas invadindo, sem cerimónia, o interior das casas.

Projectos vão comandando sonhos. Lentamente irão sendo nadas a cavalgar noutro tudo da vida. A ambição de revisitar a “Aterra do Mar longe” foi ficando como um plano inacabado. Etna Maria sentia que não teria palavras para expressar o reencontro com as sombras e as lembranças de proporções gigantescas. Um passado não se visita apenas nos museus, mas também na simpatia da saudade.

Despedir-se-ia sem palavras, se um dia voltasse a pisar aquela terra abençoada por um céu sempre azul companheira do mar, igualmente sempre azul, “Palavras que não dão luz, são inúteis e aumentam a escuridão de uma grande solidão” (sic. Madre Teresa de Calcutá) que, para se sobreviver, se fecha na mão. Respirava-se uma nova Era, sem contornos, nem linhas definidas e muito menos sem a capacidade de aguarelizar o futuro em tons quentes e esfusiantes.

Os que insistiam em não arredar pé, comportavam-se com curiosidade como se estivessem instalados num camarote de um teatro. Refastelados em almofadas aveludadas de vermelho arrematadas a dourado. Parecia que assistiam a uma peça burlesca ou melhor ainda, a cenas hipotéticas, grotescas ou caricatas de alguma ópera de ouvir falar. Não entendiam correctamente o enredo, porque a encenação era de gestos, correrias, vozes alteradas, gritantes.

Etna Maria jamais esqueceria essa tarde, como a película de

(2) Nunus: Mulheres muçulmanas de idade avançada.

(3) Galagalas: Lagarto de cor acinzentada e cauda comprida que levanta a cabeça para auscultar o inimigo. Segundo a tradição infantil, estes animais atiravam-se aos seios das crianças.

um filme constantemente em rodagem na retina por anos ininterruptos. Sabia de cor a sequência das cenas.

Conhecia pormenores de cada uma delas. Reencarnariam como sementes do passado.

Porém, aspirava uma nova época bonita, bordada a ouro num manto de esperança. Dispersava as energias negativas da História dos Homens. Quando morresse, Etna Maria seria uma morta sem sossego. Voltaria para reviver naquele espaço que lhe era castrado, apenas por causa da cor da pele. Seria então feliz. Voltaria a andar descalça. Saltaria os muros das *nunus*⁽²⁾ da esquina e deitar-se-ia na esteira.

Lambuzar-se-ia de lifete, ou bolinhos de côco, ou fisingando as *galagalas*⁽³⁾ de cabeça acinzentada, esbranquiçada, sobre os muros, gretados.

Ninguém tinha consciência das alterações a suportar. Esse tudo implicaria aprender outro tipo de coragem, para que a vida não se transformasse num inferno. Ficariam limitados à condição de forasteiros na terra dos antepassados. Naquele momento, aquela África, maternal, castrava nas suas entranhas, a sua maternidade humanista. Como todas as terras africanas têm bosques, florestas, clareiras, mata-gais, savanas sedentas de vida verdejante. Parem segredos, mistérios, paixões com a cumplicidade da noite, cóleras. Enquanto os *sotiçôs*⁽⁴⁾

(2) Mulheres muçulmanas de idade avançada.

(3) Lagarto de cor acinzentada e cauda comprida que levanta a cabeça para auscultar o inimigo. Segundo a tradição infantil, estes animais atiravam-se aos seios das crianças.

(4) Almas dos muçulmanos falecidos.

de *Agar*⁽⁵⁾ vagueiam em liberdade, quer pelos becos encarniçados, quer pelas margens das águas como guardiões de uma nova Era que se avizinhava. Momentos doridos, arrastando, na caminhada em delírio, ecos de sobrevivência feita de desencantos de um povo agarrado, cada minuto, a um futuro promissor .

A Etna Maria, restava-lhe apenas caminhar de olhos vendados, e neutralizar obstáculos para não produzir mais estragos na sua alma. Só Deus sabia, como afinal todos estavam com os nervos em franja. Quer os que ficavam, quer os que partiam nem imaginavam as surpresas que o amanhã, o depois de amanhã entrariam pela casa a dentro. Ora felizes, ou traiçoeiras, subtis, engenhosas.

Poriam à prova a capacidade de reconstruir um homem como cidadão de uma Pátria igualmente ancestral com outros objectivos, capazes de gerar novos seres. Ninguém tinha consciência de como tudo seria alterado. Claro que seria inevitável o aparecimento de muito Zé-Ninguém, transformado em LULUS a sacudir a cauda constante-

(5) (Do hebraico moderno: Hagar, Agar; latim: Hājra; árabe: Hājar). Nome da serva egípcia de Sara, esposa de Abraão, segundo o livro de Génesis na Torá, capítulos 16 e 21. Sendo estéril, Sara teria permitido que Abraão coabitasse com Agar e gerasse um herdeiro. Da união, nasceu Ismael, e Agar passou a desprezar Sara. Ismael perseguiu e humilhou o seu meio-irmão. Sara incitou Abraão para que expulsasse Agar e Ismael que quase pereceram de fome e sede no deserto, até serem milagrosamente socorridos por Deus. Agar acabou cuidando de Ismael até que este crescesse e se casasse.

mente. Não faltariam lambe-botas, servis, dependentes, cortesões, ousados, vira casacas e até *molúrias*⁽⁶⁾, tipo *magajojos*⁽⁷⁾. Insignificantes, solícitos, incomodativos pela gelatina de que se revestem quando espezinhadados. Criaturinhas nojentas.

Muitos levariam tempo a esquecer as patranhas deitadas ao vento, clamando uma ascendência virtual. Afinal, esta residia nos molhos de lenha à cabeça, nos maços das eiras e tempos de mineiros. Mas, ao passarem o Equador, tudo ficara coado. Em contrapartida, choveriam as gabarolices de um nível de vida sustentado pela criadagem, alguma até fardada. Um passado pintado com as cores do arco-íris. Nem davam conta de como ficariam limitados à condição de forasteiros na terra dos antepassados. Estranha condição humana!

Um subproduto social, subsistindo, de início, com o pão que o diabo amassou, enquanto horizontes não se abrissem para um novo *modus vivendi*.

Etna Maria viu que o azul daquele céu já respirava memórias do outro lado do Equador para onde se dirigiam os brancos de segunda classe. Aventureiros sem rota definida. Paisagem humana. Andavam de um lado para o outro à procura de um lugar, onde pudessem descansar humilhações e amarguras. Ou instalar-se-iam em espaços de um passado longínquo habitado por rostos familiares na tentativa de recuperar a vida aburguesada trazida a reboque do antigamente. A

(6) Ser indolente, mais conhecido por magajoso, mole, e preguiçoso que, ao ser pisado, expele uma baba nojenta para afastar as pessoas.

(7) Também conhecidos por “holotúria” ou “pepino de mar”, são invertebrados marinhos, inofensivos, que pertencem à classe dos equinodermes, como os ouriços-do-mar e as estrelas-do-mar. São apreciados como iguaria na China.

memória é como uma câmara escura. Flashes repentinos iluminaram aquele presente de Etna Maria.

Desfilaram retalhos de infância, adolescências de libidos recalcados, jogos de sedução escondidos para se manter incólumes, éticas preconceituosas. Autênticas portas abertas a vidas sem projectos, mas vivenciando amores pela cor de ébano fechados a sete chaves no coração. Ainda hoje, os revivem, quando a solidão visita como inclemente maldição. Etna Maria olhou, pela última vez, os coqueiros altaneiros, os cajueiros coloridos com pomos de néctar africanos já voluptuosamente atrevidos.

Mufanas⁽⁸⁾ e moleques⁽⁹⁾ encostados ao gradeamento de controlo do embarque, apreciavam inexpressivamente aquele agitado reboliço dos brancos de segunda classe.

As memórias de um passado em redemoinho despertariam outras memórias. Iam despir-se de ressaibos passadiços que fantasiaram linhagens mistificadas numa ascendência brasonada.

Os montes e vales, rebanhos de cabras criadas ao relento, tiritando de frio, balindo pela imensidão das terras, eram agora a imagem de outro mundo. Molhos de lenha para cozer o pão, crepitar a lareira ou fumar os enchidos, para aconchegar o estômago na falta de outro *peguilho* ⁽¹⁰⁾. O arado sulca a terra. Cresce o fruto. O odor a terra paira no ar.

(8) Rapazinho africano normalmente companheiro das crianças brancas.

(9) Empregado doméstico.

(10) Conduto que se põe no pão.

Porém, a nostalgia do mundo africano existiria com resignação dentro de cada um, embalado pelo vento das monções.

A memória, afinal, não era assim tão curta. A dura realidade rural, a da criada de servir a soldo miserável, sem direitos à dignidade humana, para todo o serviço iria emergir da bruma da memória.

Ficariam para trás os mosquitos nos sítios mais recônditos do mato. A cantina sempre povoada de africanos com as latas de petróleo aproveitadas para a castanha de caju colhida nas suas terras culimadas com afã empenhado.. Vendiam ao cantineiro pelo preço que ele quisesse e a conta corrente desequilibrava-se sempre a favor da cantina...

Presentear-se-ia, então, a sua *tombazana*⁽¹¹⁾ com uma *capulana* multicolor⁽¹²⁾. Dengosa, ofereceria os seios e os braços nus numa voz humana e doce como dizendo “eu dou-te o paraíso”. Era o restolhar do Amor.

O que aquele sol não sabia! A experiência de navegador universal pelos sete céus valia-lhe de muito. Deveria ter ficado a meditar como a Vida é uma batalha enorme — uns perdem e outros ganham. Mas, naquele momento, a ignorância aturdiava o afã dos que partiam. Tinha-se perdido a liberdade de se ser quem se julgava ter sido sempre. O aqui já não existia, o agora não tinha limites de espécie alguma. Nesse agora, haveria que desafiar os deuses volúveis para que des-

(11) Jovem africana encantadora.

(12) Em algumas regiões, também conhecidas por “kanga” (galinha da Índia em língua Swahili, porque as primeiras capulanas eram estampadas com fundo negro e pintinhas brancas a imitar essa ave) são peças de tecido de tamanho de 1,80 mt de comprimento por 1,20 mt de largura que as mulheres africanas utilizam como roupa para se cobrir ou para transportar as crianças às costas. Entretanto, hoje em dia, existem capulanas de diversas estampas, além de outras, representando a flora e fauna das savanas de Moçambique e também desenhos geométricos pela forte influência árabe.

sem outro significado ao regresso para não se encetar uma vida com medo. Acaso àqueles brancos de segunda ter-se-iam varrido da memória, os montes escarpados, os vales aninhados de verde, os campos desertificados e as habitações rurais? Se calhar já nem se lembravam das cozinhas toscas, palheiros moribundos por onde se enroscavam ervas daninhas, esconderijos recatados, tendo como inquilinos lagartixas encobertas pelo musgo arrepiado pelas geadas. Terras esquecidas, abandonadas ao tojo.

Estábulos semi-decapitados envelhecidos pela senilidade dos velhos proprietários, cansados daquele viver na solidão dos tempos e dos espaços. Há muito que os tamancos lamacentos, os botins enlameados, a charrua enferrujada, o candeeiro trémulo de azeite pendurado num prego num barroto bolorento, descansavam encostados às paredes rugosas. Bem sombrias pela fumaça do fogareiro. Caminhos escalavrados temidos pela lama invernosa, sentiam a necessidade do afecto humano. Ali aguardavam o encontro de outro homem e do ecoar de vozes mais além. O carro dos bois frustrado de tão longa inércia e a pocilga tresandando a fetidez, anoiteciam na terra que os despiu do poder de servir.

Velhos palheiros esperavam ansiosos por superar o medo do fantasma da solidão. A solidão dói mais que a mágoa. Sentiram, embora de tão longe, que em breve, deixariam de ter as lágrimas resguardadas na sombra da memória. Os seus meninos iriam transformá-los em recantos aconchegados pelo halo de novas famílias. Os ventos levariam para outras paragens os ais de saudades de infernos que coabitaram nas suas almas por tempos incontáveis. Eram seres viventes amargurados pelo abandono, carregado de desconforto trôpego.

Ecos do longe vieram das habitações adormecidas por tempos

de olhos vendados ,arranhadas pelo vento. Queixam-se do medo de tanta solidão. Querem o fim da amargura carregada de segredos. Tiveram grandes dificuldades em habituar-se a viver tão sós. Foi longa aquela viagem da nostalgia.

Pobres brancos de segunda! Nunca se tinham dado conta que, afinal, não passavam de simples aduladores de um poder tirano que, naquele momento, se extinguiu sem nenhuma fogaça e cada um ficara entregue ao cadáver das ilusões.

Aqui, ali, lá mais adiante, esperavam os granitos enegrecidos. Olhavam entre lágrimas silenciosas o espírito das árvores sem ninguém cuidar delas e os moinhos de vento enfraquecidos pelo reumatismo. Tinham a consciência de que os brancos de segunda, de mãos vazias, lábios secos trariam a esperança, com sangue e suor ao rumorejar dos campos. Tinham um deus dentro de si. Um deus menor? — Porque não? — Todo o ser humano é um deus menor! O Deus do Universo não o fez á Sua Imagem e Semelhança?

Aquele sol de um azul límpido, acariciado pela aragem amena e pelo odor da maresia ao cair da tarde pela maré enchente, viu Etna Maria sair da sala de controlo. Aproximou-se do gradeamento no desejo de um adeus afectuoso. Ali estavam os serviçais de longa data, gente que ajudara a criar as suas *sananas*⁽¹³⁾. Nela tremia a saudade antecipada. Não estava a ser nada fácil desenraizar-se, muito menos expatriar-se e passar a ser uma sem terra. Mas, partia-se! Deixar a Terra do Mar Longe era enfrentar os abutres do medo e do silêncio, disfarçados num Cristo de voz doce e amena. Os deuses loucos impunham um naufrá-

(13) Crianças de tenra idade.

gio de que os sobreviventes nunca mais se salvariam nem da solidão, nem da escuridão da morte.

— Incrível este êxodo, *Mãe Guitonga*⁽¹⁴⁾. Os teus búzios já quebraram o silêncio sobre a nova História ou estarei enganada? Perguntou Etna Maria.

— Uma Nova História. Novos Tempos, minha filha. Novas Vontades. Novos Horizontes.

— E tão repentino! — Comentou surdamente Etna Maria.

Antes de subir para o avião, virou-se de costas e falou em voz alta para o distante, como se um ser mítico ali pairasse. Espanto dos ventos com as ondas às costas, o rumorejar longínquo das casuarinas e do bambolear dos coqueiros.

— Mãe Guitonga, que silêncio o teu! — Estranhou Etna Maria.

— Filha, cada um escolhe o seu caminho.

— Não te sabia tão indiferente perante esta debandada inquieta. Mais parece um êxodo bíblico! — Exclamou Etna Maria.

— Só que, neste êxodo como dizes, não há nenhum Moisés para divinizar milagres, nem mandamentos e também não há um Mar Vermelho para atravessar a pé enxuto e muito menos há soldados em perseguição.

— Mas, Mãe Guitonga, perder-se-á para sempre a riqueza das coisas pequenas por dentro. — Retrucou Etna Maria.

—Eu sei! Olha, Etna Maria, essas coisas pequenas com os seus suspiros e a sua revolta tomarão proporções gigantescas. — Vibrou Mãe Guitonga.

(14) Bitonga ou Guitonga é uma língua da família Bantu falada em Inhambane, Moçambique. A expressão “Mãe Guitonga” é uma referência à sua língua mãe.

— Mãe Guitonga, que queres dizer? — Indagou Etna Maria.

— Quero dizer que essas coisas pequenas ricas por dentro, com o tempo, vão trazer histórias das longes infâncias perdidas. Saudades estranhas, silêncios esmagados por momentos de amores da cor de ébano...

— ... Quer dizer, esse será o rumo a percorrer para que os brancos de segunda classe possam um dia rever esta terra sem ressentimentos. Concluiu Etna Maria.

— É a maneira de se redescobrirem até que ponto foram protagonistas e voltem a sentir, que é aqui, que estão as suas raízes. — Acrescentou, sabiamente Mãe Guitonga.

— Qual será a linha dos Novos Horizontes? — Perguntou Etna Maria, soluçando.

— Serão Novos Homens que irão tecer nos Novos Teares, uma Nova História. Tal como na História do outro lado do Equador acontecerá o mesmo. Não me digas que para ti o tempo pára! Se parasse, haveria só fósseis. Também Novos Homens vão destruir velhos mitos. Os brancos de segunda classe serão incompreendidos, cuspidos, humilhados, censurados insultados, marginalizados... Afinal, vampiros com energia, não para fazer o mal, mas, cautelosos porque “gato escaldado de água fria tem medo”!

— Pelo que acabas de me dizer, vives eufórica este momento! Despes a tua melancolia, a revolta silenciosa e ouves a voz do Progresso, um progresso de almejas para a nova diáspora. Como o teu coração é gigantesco, Mãe Githonga! Considerou Etna Maria.

— Já esqueceste que toda a História tem o seu *timing*? Dá tempo ao tempo. Deixa que a Nova História se movimente ao ritmo do tempo africano. Para lá do Equador, o tempo teve sempre o seu próprio ritmo

e é imparável!

— Diz-me, eu não faço parte deste ritmo que é tão peculiarmente teu? Indagou Etna Maria.

— Tu é que tens de fazer a tua opção.

— Não posso! Vivo em constante pânico com o troar das metralhadoras à noite...lá longe. Os postos de controlo são supervisionados por africanos ao compasso quente de tempos em mudança. Fora aqueles que entram pela casa dentro, equipados de bazucas, cartucheiras à laia de colares havaianos, como forma, talvez, de intimidação. — Respondeu Etna Maria.

— Nada disso. Sabes bem que em momentos de rotura, há sempre excessos de zelo. — Observou Mãe Guitonga.

— De zelo? Ou antes prenúncio ostensivo de opções? É o que queres dizer? — Quis saber Etna Maria.

— Não. Quando muito é um desafio às regras articuladas pela chicotada do cavalo-marinho e das palmatoadas, bem como às grilhetas nas pernas como jógós de um circo. Sempre os viste com os maços a bater nas ruas e estradas circunvizinhas, cantando em coro para abafar o que sentiam na sua casa interior. Cada batida no solo, ao ritmo dos maços sob a vigilância do capataz branco, fumando um cigarro, atento e desconfiado. Como se agrilhoados pudessem desertar... Já não chegavam as jaulas em malha de ferro, onde ficavam presos ao relento, expostos às inclemências do clima com uma esteira para descanso do corpo atordoado pelo peso das correntes, subnutrido da parca farinha de milho e caril de peixe seco, mal amanhado. Cobertor frágil, onde a destruição da sua dignidade humana se escondia! — Respondeu Mãe Githonga, deixando que a água lhe marejasse os olhos.

— Já te esqueceste do que te aconteceu quando menina, viste aquele

maconde estiraçado no chão, esquartejado das chibatadas ensanguentadas no quintal do comissariado da Polícia, porque recusava reconhecer o Imposto de Palhota? Foi precisa muita coragem para se negar assim – Para o africano, a Terra era do povo. Não tinha de pagar! Um africano era chicoteado por incumprimento fiscal, e se um branco se recusasse a pagar, também o chicoteavam? — Claro que não! Tu, ao regressares a casa, os teus pais não tiveram de chamar o médico? Os teus nove aninhos estavam compadecidos, silenciados e os nervos febris. O que tu vês agora e tanto te intimida, não passa de uma espécie de hybris da tragédia grega.— Concluiu a Mãe Guitonga

— Ah! Já percebi. Significa uma forma sub-reptícia de desafio à velha ordem. — Aquiesceu Etna Maria.

— Nenhum desafio faz um percurso linearmente. Sabes tão bem como eu. Certamente que haverá um longo caminho de esperança a percorrer como também fome, guerra, doenças, injustiças, corrupção, carências. Enfim, conjunturas, desconjunturas ao sabor de interesses falaciosos.

— Comentou Mãe Guitonga.

— Prevês percursos com avanços e recuos dominados por desconfianças infundáveis? — Perguntou surpreendida Etna Maria.

— É verdade. Deixem os povos seguirem o seu caminho. Aprenderão que esta terra deu coragem, resignação e espírito de luta sem miragens, sem os mitos de outrora que nos foram impostos. Acabem com o preconceito de manter povos com uma esperança de progresso dependentes do instinto da sobrevivência. Há caminhos nunca andados, mas sonhados. — Concluiu Mãe Guitonga.

— Estou a compreender-te, Mãe Guitonga! As transformações serão irreversíveis. — Respondeu Etna Maria.

— Sem dúvida, filha. Parte, se assim entenderes. Se um dia vieres

visitar-me, só o sol, o ar e o mar esperar-te-ão tranquilamente, sentados à sombra da tua casuarina mais encanecida. Vai *bulablar*⁽¹⁵⁾ carinhosamente das tuas traquinices de meninice. O teu imaginário regressará à tua infância perdida. Será sempre um reencontro. Ouvirás a tua *mamana* encher-te de *shi... ish...* Com o desfilar das tuas fugas de casa, das tropelias com os assaltos às goiabas verdes encostadas ao muro da vizinhança. Fisgavas as goiabitas às pobres e indefesas lagartixas em correria louca pelo muro, esgueirando-se por qualquer buraquinho meio descarnado. E ainda, o *jamboleiro*⁽¹⁶⁾ onde te encarapitavas. Besuntavas de roxo o teu vestido de chita barata. Aflita, a tua *mamana*⁽¹⁷⁾ apressava-se a prevenir-te da *xaia*⁽¹⁸⁾ *maningue*⁽¹⁹⁾ que te esperava em casa.

O teu sorriso saltará de alegria. Ouvirás ainda histórias sem fim de *molungos*⁽²⁰⁾ armados em heróis. Desfechos imprevisíveis sem tempo nem lugar não se perderam nos fios da tua memória. Muito rirás daquele *molungo* de porte vaidoso da magreza física. Às tantas da mattina, desentorpecia os músculos para manter-se em forma, correndo miudinho ao longo da muralha.

A tua *mamana*, a bom rir, far-te-á lembrar esse molungo que, no estilo *british*, de chapéu de coco, incluindo a bengala de castão de prata, ao descer do avião foi surpreendido por uma ovação entusiasta. Em passadas confiadas reverenciou o que não lhe pertencia, encaminhando-se para a gare, semeando um oh! de revolta.

(15) Conversar.

(16) Nome vulgar de uma árvore frutífera da Índia e do Brasil, da família das Mirtáceas, que produz frutos comestíveis.

(17) Empregada que cria a criança do branco.

(18) Tareia, açoitar.

(19) Muito.

(40) Patrão.

Muito gargalharás ao ouvires a tua mamana recontar os se-
rões, assapada no chão, a escutar aqueles discursos patrióticos emi-
tidos em ondas curtas sobre o molungo lá de Lisboa. Aplaudiam com
som vibrante os “Vivas” ao que ela, num sorrisinho maroto replicava
“vivô...vivô...” Rindo a bom rir. O pai perguntava: Que percebeste?
— “AH! Pat’rrrão, este gente está mesmo contente. Encheu barrigui-
nha dele, agora fala mentirinhas dele “Eh eh eh eh”.... Levanta-
va-se rapidamente, batendo palmas, os pés ao ritmo de batuque, lá ia
para a cozinha.... Gargalhando sem parar

Como esta mulher foi um grande ícone, na tua vida Etna Ma-
ria. — comentou Mãe Guitonga, passando a mão pelo rosto da sua
menina.

Nem o tempo nem a distância serão capazes de castrar as tuas
recordações. Fixa bem o que vou dizer-te “As recordações serão as
grandes malas que os brancos de segunda vão carregar debaixo dos
braços, qualquer que seja o seu destino. Quanto mais o tempo passar,
mais pesarão na memória do coração.”

Abraça a tua nova existência, Etna Maria, mesmo num circuito
de lágrimas para um amanhecer diferente. O teu amor pela Terra do
Mar Longe é capaz de entender a tua ternura por esta terra que te deu
vida e descendência.

— Mãe, sinto-te renascer com um sorriso de fé e de esperança. Partin-
do, meus beijos abraçam-te. — Disse Etna Maria soluçando.

— Filha, estou onde sempre estive. Simplesmente agora não posso
adiar a conquista do futuro. Este rodopio zunindo aos meus ouvidos
desfaz-me tantas interrogações. — Acrescentou Mãe Guitonga.

— Pudera, Mãe Guitonga, tens de compreender, sai-se de uma Histó-
ria para se entrar numa Nova História. — Observou Etna Maria.

— É o regresso a outra infância. É África a seu tempo, ao tempo determinado-o de acordo com as suas regras. — Replicou Mãe Guitonga num tom de voz entusiasta.

— Vais recordar as mágoas deixadas pela colonização? A mestiçagem? A miséria do saber? A volúpia na euforia da madrugada? Virgens desfloradas? Soluços oprimidos? As picadas(*) dos caminhos? Filhos a dormirem com fome? Mulheres sem destino? — Balbuciu Etna Maria.

— O rumor da independência fala mais alto, minha filha. Como gostaria que ouvisses o pulsar do coração do Mundo Novo! — Comentou emocionada Mãe Guitonga.

— Mãe Guitonga, para onde quer que eu vá, acredita, serás uma esperança com o rosto da Lua. Em cada lufada de vento, tu estarás nas minhas lágrimas, na tristeza e na dor por uma guerra que mutilou almas e corpos.

— Abraça-me Mãe Guitonga, sofro na alma o amargor que tu choraste. Levo-te comigo neste meu caminhar sem destino. Que se conserve em ti, a esperança de rever-me. — Balbuciu Etna Maria.

— Etna Maria, lamento muito a tua opção. Não consegui demover os teus medos. Sei que, no outro lado do Equador, farei sempre parte da tua essência a Mãe África. — Sussurrou Mãe Guitonga com a voz embaraçada e de lágrimas nos olhos..

Etna Maria silenciou-se. Naquele momento atravessava um mundo solitário dos dias que haviam de vir. Rendera-se à evidência dos argumentos da Mãe Guitonga, a consciência de uma nova História a desafiar mortes seculares, os alicerces de uma nova Era.

(*) Caminho aberto no meio do matagal.

A Etna Maria, restava-lhe a memória. Jurou nesse momento, cuidar bem dela. Para Etna Maria, África seria sempre a África das suas infâncias. A África de todos os tempos. As caçadas aos *inhalos*⁽²¹⁾, dos *cocones*⁽²²⁾, *kudos*⁽²³⁾, aos búfalos para os lados de longes paragens.

As praias a estender-se de vista, os *machongos*⁽²⁴⁾ cultivados a paredes meias com as marés. Os *wagalawa*⁽²⁵⁾ de velas enfunadas e cuidadosamente remendadas. Os marinheiros de calças arregaçadas de braços em jeito de cadeirinha, a levarem as *sinharas*⁽²⁶⁾ para terra.

Ah! O *xitimela*⁽²⁷⁾ a bufar lentamente pela avenida em direcção à ponte de cais: Puf... Puf... Puf... A criançada corria ao ritmo do Puf... Puf... Puf... Às gargalhadas numa competição desenfreada. Era ver quem aguentava o desaforo daquele Puf... Puf... Puf... Que os punha fora da corrida à entrada da velha ponte de cais.

Os mufanitas a venderem amendoim açúcarado em baciazinhas a quem passava, à *quinhenta*⁽²⁸⁾, em quantidade de uma latinha de *pó royal*⁽²⁹⁾ *Xitimela*. Jeito infantil de arranjar algum *xapau*⁽³⁰⁾ para uma camisita baratinha *xunguila*⁽³¹⁾. Esquecido da mãe perdida ou do Pai, nas *minas do John*⁽³²⁾.

(21) Herbívoros africano de médio porte.

(22) Boi-cavalo, (*Connochaetes taurinus*).

(23) Herbívoro africano de grande porte.

(24) Terreno pantanoso propício para o cultivo.

(25) Bote à vela.

(26) Patroa.

(27) Comboio.

(28) Moeda de 50 centavos.

(29) Fermento químico em pó, comercializado sob a marca Royal.

(30) Dinheiro.

(31) Bonita, vistosa, formosa.

(32) Minas, sobretudo as situadas na zona de Johanesburgo, onde trabalhavam os “Magaízas”, emigrantes negros na África de Sul.

E o *xinkuérengué*⁽³³⁾, aos fins-de-semana para gáudio dos molungos? Fervendo, que nem bestas ferozes, cravavam as garras nas doces deusas de ébano da noite.

Uma África feita de eventos, maltratados, chorados, amaldiçoados, arrogantes, maldizentes.

Etna Maria procurou-se no que restava da luz da tarde. Afinal também é África. Nasceu África. Pensa África. Pariu África.

Onde quer que estivesse não esqueceria que era errando que se aprende.

Quem estaria a errar naquele momento? O livre arbítrio estaria em questão? Alguém poderia dizer que o que estava errado era certo e o certo errado? Para Etna Maria só a experiência seria capaz de encontrar a verdade do certo ou do errado.

Etna Maria ficou parada, por momentos. Os pensamentos esqueceram-se da sua perseverança. Aprenderam com o vento das monções a impedirem caminhadas. Eram vozes solitárias. Silenciaram-na.

Encaminhou-se para o gradeamento em direcção ao velho serviçal. Esguio, enrugadinho pela magreza dos anos, as mãos chupadas pela força do trabalho. Era já um passado que, amargamente, consciencializava o presente.

O velho serviçal perguntou:

— Senhora piquino, vai mesmo no *famba*⁽³⁴⁾?

— Etna Maria, engolindo em seco, retorquiu: tem de ser.

— Lá na terra dos *brranco de prrimera* como vai ser? *Sinhora* não *brranco di prrimera e mininos já outrros brrancos*.

(33) Bailarico africano.

(34) Ir embora.

— Não sei! — Respondeu Etna Maria, encolhendo os ombros, com os olhos molhados de lágrimas, enquanto torcia as mãos.

— *Sinhora piquino*, não vai, fica com nosso... Suplicou o velho serviçal.

— Lembra aquele pneu mesmo, pneu de caminhão? Lembra onde ficou parado? Foi mesmo em cima do terraço, no lado onde *Sinhora* trabalhava. Desde *piquino*, nosso ouvir os velhos falar *shiiiiiiiiiiiiii maningue* desgraça. *Sinhora* vai sofrer *maningue*. Aqueles nuvens dentro dele, estão falar como leão com fome, falar: chorar, doença, morrer... *Shiiiiiiiiiiii maningue problema... Sinhora... Não vai!*

— Meu velho, tenho de ir. — Murmurou Etna Maria, abraçando o velho serviçal de olhos enternecidos num rosto enrugadinho que mais fazia lembrar o ondedado do areal.

Na saudade, já entrada nos “entas”, Etna Maria diz para si centenas de vezes: — Meu velho, és o meu quinhão sempre presente na vida. És a recordação mais deliciosa dos teus mininos. Um tesouro que se preserva e se quer levar na Barca de Caronte. Partida para o outro espaço. Aí seremos de novo uma Família.

As rugas do velho serviçal estavam ali naquele rosto. Perdiam-se em tempos de copos de vinho que o punham a cantar as *manqueiras*⁽³⁵⁾ ardilosas dos *molungos* manhosos. Os lábios grossos gretados, semi-descaídos, asseados pelo pau de *melala*⁽³⁶⁾, deixavam que dentes meio decapitados espreitassem. Denunciavam uma burla nutricional, uma frugalidade desvitaminada por muitos e longos anos.

Etna Maria não podia deixar de recordar aquela manhã

(35) Cantigas jocosas ou de maledicência.

(36) Raiz que depois de limpa é usada para lavar os dentes.

abafante de Fevereiro. O calor asfixiava. O céu ostentava as vestes cinzentas plúmbeas. Foi quando o velho serviçal a chamou para ver aquele parto impressionante...arrepicante. Etna Maria desceu contrariada. Precipitou-se para o muro do quintal. Levantou os olhos. Ficou boquiaberta. Nuvens em pequenos anéis deslizavam do ventre do pneu mãe. Circundavam-na como deuses sentados com a angústia espelhada em anéis encaracolados. Deslizavam vagorosamente para o lado da sala. Chegados aí, pararam. E sentaram-se, como abutres do silêncio.

Naquele momento de destroço emocional em que a vida se tinha transformado, Etna Maria, levava aquela visão perturbadora. Medo da negritude?

Antes de entrar no avião, virou-se para o velho serviçal pela última vez. Sentia que aquele velho fazia dela uma pessoa que não era — solitária e magoada.

Para trás, ficava o fio da memória sob as sombras das seculares casuarinas. Era uma viagem por uma via escura com uma curva fechada.

Dentro do avião, procurou o lugar. Junto à janela oval barrada de pó que impedia a visibilidade das últimas imagens da Terra do Mar Longe. Etna Maria fechou os olhos por momentos.

O avião descolou, subindo pesadamente para o céu. Viu o canal com filas de *gamboas*⁽³⁷⁾ encançadas, os coqueiros na orla de um braço de areia por onde vagueavam pombos verdes ariscos, testemunhas de amores clandestinos, o velho barco de ferro estropiado,

(37) Armadilha alta feita de caniços estreitos amarrados a toda à volta devidamente enterrados na areia lodosa ao longo do canal das marés para os peixes entrarem sem poderem sair na maré vazante. No fundo ficavam os caranguejos grandes.

prisioneiro centenário das areias. Ferrugento. Paralítico das lides da pesca à baleia. As cavernas descarnadas eram contadoras de histórias de pirataria, abalroamentos no alto mar.

A pequenada entretinha-se a ficcionar outras histórias, transpondo as portas da imaginação. Tombado, passava o tempo à espera do chape-chape das marés até ficar submerso. Coitado, tão mutilado, o que podia criar? Reminiscências de escravidões passadas? Era, sem dúvida, uma espécie do expresso do tempo. Sem préstimo. Desfigurado, esquelético escuta os rumores dos ventos das monções. Pelos solstícios, por ali entravam alegremente. Traziam novas misteriosas das savanas de outras paragens. Rumos por desvendar. Oráculo de tempos a perder-se na distância.

O avião seguia o seu rumo. Embalava enganos. O ostracismo seria uma constante. Criaria um vazio. Já não haveria histórias de outros lugares, de outros tempos já sem tempo. A maioria dos brancos de segunda classe com raízes longínquas, iria percorrer um caminho de pés fatigados. Vinham de uma terra quente, verde, meiga, cheia de vida. Teriam de enfrentar a palavra solidariedade sem temer o confronto. Rigorosamente viajariam num Tempo Novo. Não passavam de pássaros peregrinos. Tardariam a quebrar as amarras da geografia do corpo africano.

Etna Maria vivia num casulo labiríntico da solidão, urdido pela trajectória da vida. Ninguém seria capaz de dimensionar o seu

mundo despovoado de ilusões. A vida roubara-lhe as raízes da calma terra verde onde germinara o passado de menina, de adolescente, de mulher e de mãe. Restava-lhe o futuro. Pertença de Deus. Por isso, deambulava pelo seu casulo. Aí contava as suas lágrimas pelas árvores selvagens e os ventos das monções que zuniam cantares de outras paragens. Repelia com ferocidade quem quer que ousasse desventrar a sua geografia humanamente africana. Alguém suspeitaria da cratera vulcânica que a habitava? As pressões do magma das crostas familiares, sociais e políticas não conseguiam que entrasse em erupção. Aprendera que não há justiça para os direitos humanos. Lutava, por isso, por não quebrar os vínculos com a Terra do Mar Longe. As coisas pequenas, mas ricas por dentro, foram referências ao amor, à liberdade e a uma vida irrecuperável. Um mundo enigmático.

Eram as coisas pequenas mas grandes por dentro que faziam parte dos voos da memória. Convertiam-na numa mulher sem pátria afectiva. Por isso, refugiava-se no labirinto de si própria.

— Etna Maria, posso entrar? Perguntou Etna.

— Claro. Que tens feito? Quis saber Etna Maria, curiosa...

— Nada de especial. Parto para a Terra do Mar Longe. Informou Etna.

— Tu, permaneces demasiado num tempo já sem tempo. A saudade da Terra do Mar longe só faz crescer a dor...

— Eu sei, mas é preciso ter pulso na trajectória do tempo. Disse Etna Maria.

— Para quê? Quis saber Etna.

— Para contabilizar o que se perdeu - Observou Etna Maria.

— Perdes tempo. —Respondeu Etna.

— Se não o tivermos, tornamo-nos em noras de puxar água. — Retorquiou Etna Maria.

— Que eu saiba, as noras renovam a água, monotonamente, lavando as agonias sofridas — Retorquiou Etna. — Eu digo-te... Por que viajas constantemente para onde já não tens lugar?

— É a maneira de encontrar o equilíbrio do meu EU. — Respondeu Etna Maria.

— Já sei. Julgas-te assim fiel a ti própria... Rezingou Etna.

— Parece-te que me alimento de mágoas e ressentimentos? O meu presente é apenas um mensageiro do futuro. Pertença de Deus. — Disse Etna Maria conformadamente. — Quando a Barca de Caronte vier buscar-me, não esqueçam a moeda, nem o ramo de Acácia. Festejem, entre família e amigos, a minha partida para uns tempos com outras voltas. — Acaso Etna Maria acreditava num ir e voltar num outro útero para completar o que ficou por ser feito? — Pensou intimamente Etna. — De contrário, o meu espírito deambulará pelo Universo á procura de um abrigo... quem sabe se não regressarei á Terra do Mar Longe para reencontrar aquele pneu feito de novelos de nuvens cinzentas? Ainda hoje me perseguem. Como gostaria de lhe perguntar — Porquê eu? — Avisou-me que seria ferozmente sancionada pelos caminhos de Katmandu. Foi aí que as minhas infâncias se perderam e nunca mais regressaram... Estarão á minha espera em alguma casuarina ou em alguma duna onde escorregue no alarido das suas gargalhadas? Sofismou Etna Maria.

— As perdas tornaram-te cautelosa. Tens a preocupação de precaver a viagem do espírito... Replicou Etna. — Foste sempre assim, desde menina... Atribuis a tudo um significado místico de que não consegues despir-te.

— Achas? Interrogou Etna Maria.

— Claro. Até continuas a ouvir o cantarolar dos riachos naquela

propriedade onde se ia passar férias! Vêm de muito longe. Trazem-te ecos de uma infância perdida. Relembrou Etna.

— Tens a constante presença da álea enfeitada de árvores frondosas desembocando no espaço do *molungo*, amigo dos nossos pais. Lembras-te como era? Havia o largo acimentado e em volta as palhotas dos trabalhadores. Sempre que havia amigos do *molungo*, à noite dançavam ao som dos batuques. Cantavam. Saltavam. Batiam palmas, bradando Oh... Eh... Eh... Oh... Eh... Batendo os pés com uma força impressionante... Era a maneira de dar as boas-vindas.

De manhã cedo, lá íamos alegres que nem pássaros à solta à beira do riacho onde brincávamos até querer... Íamos buscar o sol que partilhávamos com os raminhos da *Flor de Mulata*⁽³⁸⁾ de que tanto gostávamos. Como tudo ficou na memória tranquila!

Ainda hoje, tropeçamos por aqueles espaços com alegrias e dores.

— Ainda tens presente o nascer do sol, irrompendo avermelhado, passando a rosa límpido à beira do nosso mar? — Um deus com o seu ceptro e bastão de raios dourados a espreitar o nascer do dia. Ao cair da tarde em tons de aguarela. Castanhos variados envoltos em matizes diferentes. Apareciam depois engalanados de amarelos dourados bem sofisticados próprios do deus astro rei deste universo. — disse Etna. Ficávamos hipnotizadas. Despedia-se do mar azul, pacificando as ondas, as almas e corpos.

— Em silêncio demorado. Murmurou Etna Maria.

— Etna Maria, acaso serias capaz de lá voltar? Etna procurou saber.

—Não. Porque perguntas? Perderia a liberdade de me insurgir contra

(38) Também conhecida por “beijo de mulata”, pequena flor silvestre, geralmente de 5 pétalas, variando as cores entre amarelas e rosa.

a injustiça. Respondeu Etna Maria.

— Não acreditas na justiça? Observou Etna.

— Não, mas abafou esse ressentimento. Gritar é sinónimo de morte. E a morte faz heróis. Respondeu Etna Maria. — Heróis já há o suficiente que dilaceraram a alma da nossa Terra.

— És uma caixinha de surpresas. Replicou Etna.

— Talvez. Sempre preservei a minha liberdade interior. Gostaria de ter coragem para um dia regressar à minha falésia. Aí sentia-me uma deusa da minha nudez interior. As ondas não passavam de sereias embaladas, em soluços de quem parte sem regresso. Esclareceu Etna Maria.

— Referes-te ao teu *cuvissa*⁽³⁹⁾? Perguntou Etna.

— Já partiu... De vez em quando, escrevo-lhe. Respondeu Etna Maria.

— Escreves? És doida! Exclamou surpreendida Etna.

— Se não acreditas, então lê. Disse Etna Maria, estendendo-lhe umas folhas de papel.

— A lua foi cúmplice da tua ausência pelas margens do mar naquelas cálidas noites africanas. Silenciou os cânticos das sereias. Elas desistiram de me ensinar a enfeitiçar-te.

Morreram as frases. As palavras já não existem. Apaguei assim ilusões. Sou um devaneio de mim própria a galope ao vento escoltada pela maresia.

Já não vou sentindo a tua ausência no meu templo. Como

(39) Proprietário ou dono da mulher, marido autoritário e dominador.

sempre tão longe do meu Ser.

Agora, nesse Universo etéreo, acaso as minhas palavras teriam o condão de tocar o teu coração? É o que me resta dos luares em silêncio.

Asfixiei-as em meu pensamento. Por vezes, prendo todo o alfabeto nos meus braços. Embrulho-o em folhas secas. Ponho-o num vaso de recordações. Ali travam o vazio com que sempre coabitei. Sei onde estão as minhas palavras. Quietas. Silenciadas. Já não penso no passado. Guardei-te na memória. Aí dei-te um abrigo, para me manteres esquecida.

— Que surpresa, Etna Maria! Que segredo tão bem guardado. O retornar, afinal, é remexer no fracasso, no vazio que as circunstâncias foram criando. Acrescentou Etna.

—É possível. Receio transformar-me num vulcão incandescente e o magma, ao saltar em rodopio, libertariam conflitos interiores há muito amalgamados. Complementou Etna Maria.

—Tens medo de ti própria? Quis saber Etna.

— Medo? Mágoa? Nada de ressentimentos — retorquiu, baixando os olhos, Etna Maria, acrescentou: — Quando partir quero levar a mala das mágoas vazia...

— Sabes, Etna Maria, no fundo de ti há uma réstea de sol que fixa a tua saudade. Replicou Etna. — Basta ler o que está em cima da mesa. É um rumor perdido. Rumor de um tempo já não existe?

*Aguardei um gesto teu, uma palavra tua.
Tardou.
Quando estavas de viagem para o outro Universo,
Abraçaste-me.
Ciciaste a despedida, aconchegando-me ao teu peito
Como se a minha alma te pertencesse.
Senti-me frágil como um copo de cristal, mas forte
Como o mar embravecido.
Nunca matei a esperança.
Apaixonara-me pela vida, mesmo aquela que me deste,
feita de ausências de fogo afectuoso.
Eu própria sonhei no meu corpo, desejos, abraços e beijos.
Juntei-me ao mar e dei-lhe as minhas lágrimas
De saudade ao pôr-do-sol.
Partiram para nunca mais voltar.
Quero eternizar aquele momento
De despedida e guardá-lo no meu coração.
Talvez um dia, num amanhecer
Banhado pelo sol tonga desta terra,
Eu vá buscar-te ao teu Universo.
Juntos, sonharemos abraçados
Mesmo sem as palavras que nunca me disseste.
A saudade alimenta-se de mim,
Mas já não preciso das tuas palavras.
De ti, resta-me a memória do silêncio.*

— Realmente Etna Maria, o encanto do afecto é como uma orquídea. Precisa sempre de uma estufa climatizada para não se reduzir a folhas de lembranças. Acrescentou Etna.

— Olha, a vida não tem definição, nem compreensão. É o espírito de cada um que a fabrica para depois emergir de acordo com o contexto em que se vive. Proferiu Etna Maria.

— Etna, afinal quando partes? Perguntou Etna Maria, mudando de assunto.

— Brevemente. Ainda não decidi! Mas... Reparo, tens aí um monte de folhas rabiscadas... Rascunhos, não são de certeza... Estou curiosa! Considerou Etna.

— Tens olhos de lince. Observou Etna Maria. — Vá lá, lê o que para ai está. Aí tens um encontro com Deus e com a solidão. Os homens consideram a mulher ilógica no raciocínio. Tornaram-na vulnerável à culpabilidade como arma de controlo.

Entrei assim no mundo interior de Etna Maria feito de contestações, apelos implícitos, incompreensíveis e inquietações. Nesta alquimia havia um Deus. Para Etna Maria, Deus é Deus incontestavelmente. Com rosto ou sem rosto, não estava em causa. Que lhe importava? Sabia da voz, turbulenta, manifestações de clarões e de uma indómita vontade, feita do quero, posso e mando. A concepção de um Deus autoritário e selectivo não tinha cabimento.

Deus é simplesmente Deus. Alguém com quem se conversa, se insurge e questiona. É ELE. Apenas ELE. Um ELE que dá os passaportes para as outras dimensões.

O próprio Filho não disse: “Na casa do meu Pai há muitas mansões?” Para quem seriam essas mansões? Porque razão, os seus servidores terrenos não clarificam esta metáfora? Julgar-se-ão

endeusados, ou não saberão? Já passaram tantos séculos. Continua-se à procura do significado daqueles espaços divinos. Porque será? Que segredo contêm? Grande mistério divino. Se calhar, o Espírito Santo anda muito atarefado em encontrar Tempo e Homens para esclarecerem o esplendor da Vida. Será a harmonia entre o Deus de todos e o mundo das coisas?

É a Hora de revelar o mistério das Mansões. Como não tinha as respostas das quais precisava para se sustentar firme nas suas convicções, Etna Maria guardava para si perguntas sem resposta .

Defendia-se assim da solidão, conjecturando-a de modo perplexo. Porque Deus é Deus e tudo mais à Sua Volta não passava de um entretenimento espiritual. Então, porquê tanto mistério?

Virava as costas para conservar intactas as coisas pequenas mas grandes por dentro, as gentes de várias raças e religiões. Com este receio humano preencheram-se de alegrias e tristezas com encantos mil e, histórias castiças. Tornaram-se assim o quotidiano diferente. Criaram uma estima que nada tinha a ver com o presente superficial e monótono que agora vivia.

Era assim que Etna Maria convivia com ela própria. Sentia-se sã e viva. O presente de rugas autênticas, batidas pelos ventos da História. Vivia partilhando-se com um Deus. Apenas Deus que tinha a ver com Aquele Deus que lhe impingiram quando criança? Era um diálogo sem fim numa história de vida inacabada ao ponto de O equacionar de forma impensável.

Afinal, eu não conhecia verdadeiramente Etna Maria!

Sabia-a enclausurada numa torre de marfim a que eu chamava casulo labiríntico.

Com aquelas folhas entre as mãos, eu partilhava do Ego

profundo de Etna Maria naquele relacionamento num exílio da sobrevivência. Apenas noites sem luar. Mantinha-se fiel à convicção de um Deus que dormia nos seus olhos, acordava com Ele, vivia no seu coração, guardava-lhe as lágrimas das memórias. Agitava-lhe a sede de justiça, na terra do medo, transformada em cinzas dos tempos. Quem as transformara? Homens? Deus? Certamente que Homens. Se esse Deus presenteou os Homens com o Livre Arbítrio, as opções trazem dor, tristeza, desamor e o amor é ouvido a morrer de fome. A verdade do que cada um é em si próprio.

— Tu és Javé, para uns, Jeová, para outros, Emanuel, Osiris, Hórus, Alá, Buda, Zeus, Júpiter, Thao, Shiva, sei lá que mais. Afinal não importam os nomes. Importa sim, o Mistério de TI. Cada povo recria-Te no seu imaginário. Sei apenas que és um Ser, o eternamente escondido. Escapas aos sentidos como uma enguia. O Indecifrável. A força da distância. Um tempo sem tempo. Circulas o espaço... Se calhar por isso, não estás em lado nenhum, a uma velocidade, do que fica apenas o som, as memórias em cada povo...

Etna leu então o que estava escrito naquelas folhas.

Dialógo com Deus

— Cada vez que conversas comigo, estás a pôr-me à prova? É, ó Deus? Falo por mim e por muitos que TE vêem como eu. Afinal és o GRÃO MESTRE de indiscutível soberania, o Supremo dignitário, o grande Arquitecto do Universo. Com um poder organizador espectacular ao ponto de administrar esse Universo numa precisão sem computadores.

Cada elemento constitui, no seu todo, um cosmo dinâmico. Desculpa lá se estou a dizer um chorrilho de disparates. Tu sabes bem que eu sou um existir, um EU sem tempo, um nada. Tens um condão *sui generis*.

— Ai sim? Qual é? Pergunta Deus.

— Até parece que não sabes. Espertalhão! Estás a puxar-me pela língua. Quem não TE conheça... Que TE compre.

— Achas que não me conhecem? Dizem que não, mas Sou sobejamente conhecido.

— Tens razão, se assim não fosse não fariam os estragos de almas e corpos em Teu nome. Pudera, só conhecem o Teu nome. Replicou Etna Maria

— Mas estou convosco, ando na rua, estou no café, respiro o vosso ar que, por vezes, me traz alergias. Viajo, passeio, nas sabotagens, nos púlpitos, nos mosteiros, conventos, ermidas, com aqueles que falam em meu nome... Não acreditas? Deus quis saber.

— Ai andas? Nunca dei conta. Sabes, TU baralhas-me e de que maneira. Para mim és o Tudo do Invisível. Queres que te diga porquê? Perguntou Etna Maria.

— Claro que quero. Sou todo ouvidos. Respondeu Deus.

— Criaram apenas uma estima por Ti que nada tem a ver com o presente que se vive. Não tens forma. Manifestas-te com um vozeirão vindo de um abismo incomensurável. Ouve-se bem. Não me assustas e se pensas que fico longe de Ti. Como se fosses um papão, enganas-te. Estou mais perto de Ti que nem imaginas. Sabes porquê? Porque Tu estás na minha solidão.

— Eu sei que é aí que me pões. Sou o que sou. SOU. Depende do modo como cada um me vê. Tu apenas me sentes na tua casa interior. Sou um mistério fascinante para ti por descobrir. Para ti, Sou o que

Sou, não é verdade? Disse Deus

— Como Apolo, o deus da música, da poesia, das coisas belas? Ou uma estrela na distância? Ou uma espingarda na mão? Porque não a palavra que se detesta? A imagem visualizada, uma translação de percepções sem dimensão? Perguntou Etna Maria. — Ao fim ao cabo, uma evasão de incoerências, inconsequências, restos de gestos balbuciados à volta do que o homem tece como convicções de acordo com as conveniências de cada momento.

És um *show off* com que iniciamos a vida. Mas, nem imaginas como me divirto a ver como Te comportas comigo, sabendo-te na minha casa interior. Considerou Etna Maria. — Já te esqueceste como Te manifestaste a Moisés? Perguntou Etna Maria.

— Como havia de esquecer? Respondeu Deus.

— Acaso era preciso aquele vozeirão com clarões a brotar do chão aqui... Além... Acolá para intimidares? Ou quiseste marcar o teu espaço? Para dares as leis das dez tábuas necessitaste de proceder daquele modo? Estavas mesmo irado! — Claro, há pais que se aceleram desse modo como forma, se calhar, de impor a autoridade. Compreendo-TE.

— Já acabaste? Perguntou Deus.

— Isso era o que querias... Nannnnnnn... Nessa não caio eu. Não sei porque te escondes. És o eterno invisível. Tens olho clínico. Sabias o que o rebanho andava a fazer a caminho da Terra Prometida. Adoravam ídolos em ouro. Ainda hoje os homens se grudam aos ídolos...

— Ídolos do futebol, do cinema, da música, da política... — Que Éden político! Aos montes, de acordo com as conveniências do momento, num determinado tempo, às vezes sem tempo... Sei lá de que mais. Resmungou Etna Maria.

— Opções de vida, mas aquele rebanho tinha um destino. Respondeu

Deus.

— Um destino? Quer dizer tinha de ser tudo linear e não podia haver nada que atrapalhasse aquele destino... Já percebi... Objectou Etna Maria.

— Não quero que os homens sejam cepos enfeitados, nem troncos corroídos. Esclareceu Deus.

— Desculpa lá. Essa de tronco corroído é complicado... Há tanto tempo que me sinto precisamente esse tronco... Ainda não vi nada que me levasse a crer que afinal tu me vês. Se sou um tronco corroído é porque tu me deixaste à deriva na inconsequência com os destroços na alma... Queixou-se pesarosa Etna Maria.

— Se tens Fé, sentes-te bem que me manifeste na tua casa interior ou não? Pergunta Deus.

— Se te manifestas ou não, sei lá. Será quando respeito os outros? Quando tento sair da ignorância? Compreender que a irresponsabilidade não compensa? Descobrir que o tédio, o medo, a ira, a inveja, a cobiça, o ódio, a indiferença, tornam uma vida curta e infeliz? Verificar que o importante é andar para a frente, vencer obstáculos que impedem o Bem? Não ser limitada nem viver na mesquinhez? Nem com a ganância do dinheiro? Ser perseverante! E à noite, antes de mergulhar no vale dos lençóis conversar contigo sem ladainhar? Indagou Etna Maria.

— Vês como tu tens a tua dimensão espiritual? Retorquiou Deus

— Ora, deixa-te dessas considerações sobre a dimensão espiritual.

Essa questão, como outras desse mundo, é para os eruditos da Fé. Saberão que a Fé é um segredo? Criam uma Filosofia cheia de retórica. Quem os entenderá? Olha, eu? Não! Porque te leio e o que por aqui disseste é simples. Eles só TE complicam e a gente por cá, escuta sem perceber patavina. Falam, falam, e tantas vezes falam por falar, perde-se

a pachorra de escutar, caindo-se num vazio de TI. Temendo-Te. Não se passa disso e vamos envelhecendo-TE, convertendo-TE num Mito. Achas bem? — Porque será que não estão em sintonia com os simples de intelectualidade? Safa, gente pretenciosa! Retorquiou Etna Maria.

— Não sejas dura. É sempre bom escutar. São vozes portadoras de conselhos e se não os entendes... Replicou Etna Maria — Tanta complacência... Esqueceste um pormenor...

— Qual? Quis saber Deus.

— Os eruditos da Tua transcendência criaram à Tua volta a Filosofia da Fé. Fazem de Ti propriedade privada e não colectiva. Precisamos de saber, de conhecer, de aprofundar com clareza a Tua realidade, torná-la inteligível e não uma mistificação.

— É simples. Basta interrogar-te: de onde venho? Quem sou?

— Que singularidade de argumento! Sendo TU invisível, julgas que não sabemos que quando menos se espera alteras a interioridade de cada povo? Depois andamos num rodopio como pássaros à procura do ninho.

Criam-se dissensões, disputas, desavenças, divergências, extremismos, condenações *had oc*.

— Diz-me onde estão os olhos da alma? Sinto muito que vivam sem horizontes da harmonia, filha. Suavizou Deus

— Também não TE culpo. Apenas lamento seres o eternamente invisível... A rebaldaria instala-se por aqui quando se tenta descobrir a Tua humanidade! Respondeu Etna Maria.

Onde fica a porta das Tuas mansões? Quis saber Etna Maria.

— Acalma-te, filha. Afinal, o que queres de mim?

— Muito simplesmente, saber por onde andas. Se ao menos tivesses uma central telefónica e arranjasses um atendedor voice mail...

Sempre se ouviria uma voz a informar que a chamada estava em lista de espera!

Será porque Te ausentas no momento que mais se precisa de Ti? Sempre que estás longe, nem imaginas no que se transforma este Universo terrestre... Um espaço onde ventos desavindos desfraldam bandeiras antagónicas... Fazem lembrar a Torre de Babel...

Eu não pertenço ao grupo desses privilegiados armados em teus arautos e bem desajeitadamente, sabes ou não disto? Se calhar, como te escondes, andas por aí a brincar ao esconde-esconde com os teus meninos. Eu não passo de uma insignificância na TUA existência. Será por isso que faço parte dos troncos corroídos? Perguntou Etna Maria

— Não procures a tua definição. És o que és. Vê-me com os olhos da tua alma. Não deixes que o desencanto te fragilize. Acrescentou Deus.

— Estou sempre a vosso lado. Bem de perto.

— Ai estás? Dessa não sabia! Estás sempre Invisível. Pior ainda, Incomunicável. A tua mansão deve ser desmesuradamente grandiosa. Cuidas dos teus jardins? Interrogou Etna Maria curiosa.

— Claro, minha filha e até dos riachos chilreando, das árvores recheadas do Bem, movimento libertador do Espírito.

— Ai! O que por aí vai... Afirmou, rindo-se Etna Maria.

— Como me dimensionas nesse teu mundo tão finito, filha!

— Eh! Não Te amofines. Se me expressei assim, é porque penso que o Teu Éden não está vazio... Cabem lá todos, muçulmanos, judeus, cristãos, budistas, hindus, ortodoxos, menonitas, amishes, tutoristas, reformistas, alauitas, mães santas, pais santos, timbolés, mediuns.... Shi... Sei lá quem mais... Por aqui, dizem que TE comportas como uma balança, com precisão e justiça... Sem excluir ninguém, não é

verdade? Indagou Etna Maria.

— Claro que não excluo ninguém! Ninguém têm o coração fechado em si mesmo... “E dou-lhes a vida eterna. Nunca hão-de perecer e ninguém os arrebatará.”

— Ah! Trazes a TI uma frase de Ghandi: “Para mim, as diferentes religiões são flores provenientes do mesmo jardim ou são ramos da mesma árvore majestosa. Portanto, são todas verdadeiras.”

Uma filosofia de vida Até deixou a frase: “O único tirano que aceito neste mundo, é a pequena voz interior que há dentro de mim. — “Grande Homem”!

Afinal, és tão invisível que apenas se TE sente como “pequenina voz interior”! É demais... Não achas? Indignou-se Etna Maria. — Não comentas? — Está bem! - Arrematou Etna Maria. — Que alívio saber que não tens um sentido selectivo como por aí se prega para nos assustar. Tu criaste o nosso mundo. Se o fizeste tinhas um propósito, não é verdade? Nunca ninguém me respondeu a esta pergunta. Mas criaste-o para quê? Às vezes penso que Te sentirias só e disseste lá para Ti: — Bem, vou criar um mundo, colocar lá uns seres iguais a mim, e vamos ver no que dá!

Assim arranjaste quem te fizesse companhia. Quando te passeias, fartas-te de rir e achas giro, como a tua obra Te recompensa. Agora deixaste de estar aborrecido com a tua solidão. Acertei?

Perguntou a rir Etna Maria

— Calma aí... Eu não criei o vosso mundo. Vocês o criaram. Dei o Livre Arbítrio para fazerem da vida o que quisessem. – esclareceu Deus.

— De facto, foste magnânimo. Libertaste-nos dos preconceitos e sobretudo do anátoma do pecado que escraviza o homem. Acaba por

o pôr fora da sintonia da tua complacência. O Livre Arbítrio é uma grande ratoeira, sabias? — Outra pergunta: criaste o Livre Arbítrio que já nos dá muito que fazer. Diz-me porque Te definiste no horizonte do ascetismo? Quis saber Etna Maria — Para que serve? Se eu caminho em sua direcção, eu nunca o alcanço!

Deus sorriu dizendo:

— É precisamente para não desistirem de lutar por um amanhã em concórdia perfeita entre todos os seres viventes.

— Quanto ao Horizonte, criei-o para que andem sempre na minha direcção. Explicou Deus.

— Achas? Perguntou Etna Maria? — Isso é o que TU desejas!

— Claro. A pessoa que está convencida da liberdade de escolha, tem um maior sentido de responsabilidade. E é muito complicado, pelos vistos. Quer dizer, achas que vos dei palavras mágicas... — O que importa é aceitarem-me como sou: Paz, Harmonia, Perdão e Amor pelo próximo. É mais difícil escalar o Monte Everest do que Amar o próximo. Esclareceu Deus

— Ora, fácil de dizer... Tratados, convenções, rituais dos mais variados, reuniões, compromissos e no fim... És afastado da vida real das comunidades. Como o Teu Universo é tão grande e não conseguimos alcançá-lo, recorreremos ao Teu Filho. Ele, melhor do que ninguém, conhece os desígnios da Tua essência. Acaso tiveste necessidade de TE humanizar nesse Filho? Indagou Etna Maria.

— Revelo-me seja qual for a maneira e a forma. Esclareceu Deus

— Estou contente por ser panteísta, ao menos sei-TE pela natureza em plena Liberdade – acrescentou Etna Maria. — Criaste-Te antes. E todo o Universo no qual habitamos, somos afinal o produto acabado do SER que és, Criador. É isso? Ah! compreendo, então os poderes

demiúrgico dos homens. Retorqui Etna Maria.

— Não sejas tonta. Já reparaste que esse poder demiúrgico acaba por boicotar as pegadas para que a Fé aconteça? Preocupa-te em te descobrir quem queres ser e não quem és. Respondeu Deus.

— Sempre sentencioso. Não vale. Não tens forma. És apenas Energia Dás o livre Arbítrio como presente, um Horizonte para ser calcorreado em todas as direcções e o Homem procurar-TE... Nas estrelas, nos seres viventes coabitando com os homens... Olha que acreditar em TI... É complicado! Dás e tiras. Não te surpreendas com o cepticismo nem com a falta de humildade. Resmungou Etna Maria.

— Não é assim. Eu sou todas as coisas experimentadas no Amor e Perdão. Insistiu Deus.

— Por isso Te subdivides? Pergunta Etna Maria.

— Se sou TUDO, posso saber como sou vivido em cada ser. Disse Deus.

— Ah! Já entendi. Daí o primeiro homem. Feito à tua imagem e semelhança... Complicado, sabias? — Olha, vou confidenciar-te o que guardo na memória de menina. Havia na paróquia da Terra do Mar Longe, mesas com livros enormes forrados a veludo vermelho debruados por um cordão dourado com a Tua imagem. Metias medo. Tinhas barbas acinzentadas, semi-encaracoladas, compridinhas, mangas largueironas, rosto carrancudo, gorduchão, vestes purpuradas, e uns olhos nada amistosos. Emergias de nuvens igualmente acinzentadas, assustadoras. Pareciam zangadas. Seriam uma imagem de Ti próprio? Desabafou Etna Maria.

— Felizmente sem bastão, nem ceptro. – replicou Deus.

— Gostaria de saber quem te imaginou daquele jeito! Eras mesmo o Evangelho desfigurado. Parecias mais uma figura mitológica. Se calhar

querer-se ia assustar os ares, os mares e as crianças na Catequese. Mas que mania de se servirem de Ti para o medo, o temor, o receio... Voltaire dizia: “O mundo perturba-me e não consigo imaginar que este relógio funcione e não tenha tido relojoeiro...” — Tu És silencioso e discreto. Será por isso que o medo, o temor, o receio servem de arma para seres respeitado como o tal relojoeiro? Quis saber Etna Maria.

—Tens razão... Tal como contas, eu devia assustar-te. Disse Deus. — Como lamento! Sabes, minha filha, dispenso bem o ceptro e o bastão. São expressão do Poder. Significam pomposamente autoridade. Replicou Deus tristemente.

— Que bom ouvir essas palavras. Aliás, o Teu filho usava apenas um cajado tosco, enosado. Nesse cajado descansava por momentos as pernas trôpegas por causa dos pedregulhos grotescos empoeirados. Coitado... Quanto não calcorreou... Por caminhos sem fim. Lamentou Etna Maria. — Preocupava-se com o abuso do poder... Projectos de vida ensombrados pela cupidez da corrupção com os talentos recebidos. Tão poucos puseram os talentos a render em favor dos que mais necessitavam...

— Minha filha, tens de perceber que, cada época tem a sua visão própria da vida, de mim, e do mundo. Vão tentando uma nova Terra ao seu jeito e a novos interesses. Nada têm a ver com os meus preceitos de Amor e Perdão. Lembrou Deus

— Uma nova Terra? Andas distraído? Ódios, guerras, fome, analfabetismo, violência, corrupção, gente sem abrigo, sem terra, sem amor, fundamentalismo, extremismo, xenofobia, crianças e mulheres indefesas, abandonadas, exploradas e mal tratadas... Já nem falo noutras calamidades, sociais e naturais... TU mandas cada Tsunami de meter medo... Vulcões que, agora, aparecem quando menos a gente

espera!

— É errando que se aprende a construir um mundo diferente... O sofrimento faz encontrar a fraternidade e a solidariedade, podes crer! O Homem só encontra outro Homem através do sofrimento. Replicou Deus.

— Ah! Esta frase faz-me lembrar Pascal num dos seus *Pensées*, que li há muito tempo! Precisas de um novo São Paulo e de outro escriba para novos registos bem como de muitos S. Francisco, para que a Tua Paz interaja na Paz humana, não Te parece? Quis saber Etna Maria

— Se calhar até tens razão-disse Deus.

— Claro que tenho. Julgas que é fácil lidar com os teus servidores? Homens purpurados, rendados, bem nutridos em nichos aveludados e dourados, bem instalados, abastecidos de boas iguarias, saborosos vinhos e palitos. Não há regra sem excepção, evidentemente... Mas, noutros espaços!

— Já agora... Quais são essas tuas excepções? Perguntou Deus, sorrindo.

— Ora! É simples! Bastam os espaços planetários devastados por interesses de vária ordem que reduzem os seres que os habitam ao silêncio das madrugadas sem sono. São os Teus servidores especiais ao encontro de outros seres castrados na dignidade humana.

— A humanidade age e reage de acordo com os seus horizontes. Replicou Deus

— Bolas... Tanta complacência... Até parece que não te desgostas. Cortou secamente Etna Maria.

— Sou de facto clemente, independente da raça, da etnia, cor, religião e crença. Todas as criaturas têm a minha misericórdia. Fazem as suas opções, responderão pelas mesmas. Basta-me uma palavra,

o arrependimento.... crê que aprender a arrepender não é fácil...
Prosseguiu Deus.

— Por isso, o Teu Filho ensinou o Perdão de 70 x 7. Apressou-se a dizer Etna Maria.

— Exactamente, minha filha. Sabes, eu perdoo sempre, o homem às vezes, e a natureza nunca. Concluiu Deus

— Quando a natureza reage às agressões no seu universo, pensa-se logo em Ti. Irado. Castigador. Inclemente. Uma forma de Te revelares austeramente.

— Eu sei... Mas, depois reiniciam outra caminhada. Redescobrem-se. Afirmou Deus.

— Redescobrem-se ou nós redescobrimos janelas abertas sobre a vida de povos que revelam amizade, espírito de partilha e apreço pelas suas culturas? Espicçou-O Etna Maria

— Que pretendes dizer-me? Quis saber Deus.

— Na Terra do Mar Longe, outros teus servidores não se negam a nada.

— Ai não? Indagou Deus

— Até parece que não sabes. Deixa-me rir... Partilham da mandioca, milho pilado, peixe seco em caril, *matapa*⁽⁴⁰⁾, batata doce,

(40) Prato da gastronomia moçambicana, confeccionado com folhas picadas de mandioca, amendoim, geralmente cozinhadas com caranguejo ou camarão.

(41) Raiz usada na alimentação da qual se extrai uma fécula nutritiva com que se faz a tapioca.

(42) Infusão medicinal tradicional de Moçambique, também conhecida como chá de gnaga.

(43) Pequenos frutos tropicais secos (nativos), em cachos, de cor acastanhados, com sementes.

(44) Frutos secos de cor castanha, cujo aspecto se assemelha aos piões (brinquedos de rodar).

(45) Variedade autóctone de feijão, de tamanho médio, em extinção por causa da guerra civil ocorrida após a Independência. (Para não morrerem à fome tiveram que consumir as sementes que serviriam para novas plantações).

mandioca⁽⁴¹⁾, frutas exóticas. Quando há, *chá de ganga*⁽⁴²⁾, de barbas de milho, maçarocas... *Dzrriva*⁽⁴³⁾, *cigoma*⁽⁴⁴⁾, *feijão cafre*⁽⁴⁵⁾, caju e castanha. Bifes? Só de caçadas de *inhalos*.... *impalas*⁽⁴⁶⁾, *cocones*, *kudos*. Ali encontram um talho de ocasião

— E quando há faltas? Pergunta Deus.

— Andam quilómetros, em camionetas caídas de podre, a fumar pelas picadas dos caminhantes quotidianos, desde madrugada até à noite escura. Calcorreiam até aldeamentos e comem o que lhes dão.

— Sempre houve homens e mulheres semeando fraternidade, minha filha. Respondeu Deus.

— Tens razão, vivem a Tua humanização, esforçando-se por um amanhã sem marginalizações. Disse Etna Maria.

— A minha Igreja é sempre a mão aberta. Lembrou Deus.

— Ainda bem. Por isso, o Teu Filho correu os vendilhões do templo com um látego... Pudera, a Tua casa não é nenhum bazar... Não precisou nem do ceptro nem do bastão. Estes apetrechos são a tragicomédia da Tua palavra... sabias?

— Folgo com essa tua sede do verdadeiro e do fraterno. Aplaudiu Deus.

— Tu fascinas-me! Revelas-Te como, quando e onde TU queres, presenteando-nos, apesar dos desencontros neste planeta. Deste-o para ser guardado, conservado e coabitado por todos os seres. Mas estamos sempre a competir Contigo com devastações diversas, cruéis.

— É verdade, minha filha. Aquiesceu Deus.

— TU és uma espécie de baú que, em vez de guardares objectos, conservas valores e sentimentos, hoje já fora de moda. — Servem de tema de discussão. Levanta-se a tampa e uma data de mãos enfiam-se lá

(46) Antílope africano de médio porte.

dentro. Cada um puxa a “brasa à sua sardinha”. Aos Teus ensinamentos, chamam “Direitos Humanos”. Uma criação de Jean-Jacques Rousseau. Arrojam-se ao longo da História, pelo respeito do ser humano sempre que dominado por um soberano, amante do Poder. Uma autêntica caixa de Pandora! Ironizou Etna Maria.

— Que grande busca na memória! Gracejou Deus.

— Pudera, és o eterno escondido. É natural a tomada de consciência. Como por exemplo, o modo como transformaste a Terra. Sem forma, vazia, envolta na escuridão. Deambulavas pensativo e triste por causa da solidão em que Te encontravas.

— Achas? Perguntou Deus.

— Se assim não fosse, não nos darias a luz! Foi para TE vermos?

Com a luz veio o Dia, as águas, os mares, os rios, a vegetação, as árvores, os frutos, as estrelas, os peixes e os animais. Não satisfeito, criaste o homem. Como conheceste a solidão, tiveste pena tirando a mulher do nada. Essa história da costela... Um mito para crianças...

A seguir, o que foste buscar ao baú? — Complacente como és, deste a mulher ao homem para partilharem do teu Éden. Mas falharam por serem humanos. Não tiveste pena de os ver solitários e assustados?

Eles expulsaram-se e não TU? Perguntou Etna Maria. — Ao longo da vida, surgem opções. Servem para se redescobrir e seguir um caminho.

O medo prende, infecta, agride e acobarda. Continuou Etna Maria. —

Sempre que penso nesses progenitores, Ícaro vem à memória. Esqueceu-se das recomendações de Dédalo. Mas, a ânsia da liberdade foi tal que se aproximou demais do Sol. As asas derreteram-se e caiu no Mar Egeu. Ficou como símbolo da insensatez. Quanto mais se enfronham no Teu Universo menos se satisfazem. Pudera! Esse Universo é o Teu exlibris ...Eh eh eh eh... Pretenções não faltam ...pelo menos andam

entretidos em comprovar que esse Universo não foi criado por TI ... Há quem acredite que o Universo nasceu do nada, resultado de uma grande Explosão a que se deu o nome de BIG BANG – Não dizes nada? Perguntou Etna Maria

— Quanto mais mergulharem na minha Infinitude, mais se situarão num Universo dinâmico, sustento de todas as coisas visíveis e invisíveis... A Ciência e EU andaremos juntos... Existe vida fora da Terra... Se não existisse, a Ciência não procuraria o desconhecido com inteligência e tenacidade... EU estou nesse desconhecido... Que te parece, filha?

— Gostei do que disseste. TU tudo sabes e tudo vês. Respondeu Etna Maria. — Não expulsas ninguém nem com nenhum látego. Dás oportunidade de investigar em liberdade e criatividade, não é verdade? Retorquiu Etna Maria.

— Com certeza. A partir de então estou sempre à espera que o homem descubra que tem um Éden magnífico, dentro de si próprio. Aasegurou Deus.

— Bolas... Contigo ninguém leva a melhor! Estás sempre atento. Resmungou Etna Maria.

— Sabes porquê? — Porque amo o ser humano. Explicou Deus.

— Um povo que acredita no Amor encontra a Felicidade na Terra. Acrescentou.

— E eu a ver-te como és, sempre escondido, mas complacente com um coração imensurável. Repliou Etna Maria.

— Nada receies, estou sempre contigo. O medo fecha-te, isola-te. Só te faz mal. Murmurou Deus.

— Eu sei que andas sempre por perto, num percurso imparável. Sabes que até Te humanizo?

— Sério? Como? Sorriu Deus.

— Não Te rias. Imagino-Te como o progenitor que me deste. Retorquiu Etna Maria.

— Estou curioso. Manifestou-se Deus.

— Queres mesmo saber? Perguntou Etna Maria. — Era risonho, generoso, justo, amigo de ajudar, doce, bonacheirão, tolerante! — Tenho que Te dizer outra coisa. Acrescentou Etna Maria.

— Diz, então, minha filha. Quis saber Deus.

— Ao criares o Universo, TU transformaste num Planeta palpitante de vida. Tinhas um projecto para a humanidade: amor pelas coisas visíveis e respeito pelas invisíveis, misericórdia, perdão, alegria, tolerância... Enfim, a humanização na vida. Respondeu Etna.

— De facto... E muito mais... Concordou Deus.

— Passei o tempo a correr atrás desse projecto. A minha busca foi um duelo de incertezas e de medos. Nunca aí me encontrei. Onde estás afinal? Perguntou Etna. — Longe, muito longe, o eternamente escondido. Será que me está interditado o Teu projecto de vida destinado a fazer-me crescer e aprender a ser pessoa à Tua imagem e semelhança? — Não estás na sinagoga, nem numa Mesquita simples e modesta ou numa Mesquita sumptuosamente rica em Arte, espaços ricamente bordados, coloridos e suavemente silenciosos. Também não estás nas catedrais seculares. Construídas à custa das Cruzadas ensanguentadas. Como também não estás nos Pagodes dourados, nem nos Templos Hindus, muito menos nas ruínas de Templos antigos. Outras crenças não conseguiram suportar a busca de TI.

TU habitas-nos simplesmente, moras em algo feito de carne e osso, num minúsculo vermelho vivo que vive e nos revive como seres humanos. Como não TE vemos, somos bem diferentes mas, afinal todos iguais.

Compreendi a existência de Etna Maria. O que eu lera não era um delírio de ficção barata. Etna Maria escrevia para si o que lhe era desconhecido. Tinha sido injectada pela crença de uma entidade ausente e poderosíssima. Por isso, A procurou. Deve ter pedido uma audiência... Teve sempre muitas perguntas a fazer. Sem resposta. Questões reflexivas. Apenas o desejo de comunicar crenças e descrenças. Não passava de uma acácia em lenta agonia, ou talvez uma palmeira tombada. Em Etna Maria, refugiava-se uma amargura imensa, um sol defeito, um andar sem destino fechado no seu peito. Precisava de uma réstia de sol para energizar o cansaço da esperança do retorno à Terra do Mar Longe. E aí depositar o seu estar no mundo.

Um diálogo num casulo para que a solidão não fizesse sentir o peso da claustrofobia. Recordava o que aprendera com Mãe Guitonga, a esmolar o que sobrava dos teares da Nova História. Afinal uma esmola negada, deixando um vazio no coração e a memória de um Deus sempre escondido.

Quilómetros infindáveis outrora percorridos sempre com a mesma sensação de que tudo que fora longe já não era perto. Não passava naquele regresso de um mito.

Havia uma familiaridade entre a estrada e o automóvel. Etna não ia só. Levava consigo as infâncias perdidas... Levava como missão deixá-las ao sol e ao vento. Vieram para ali ficarem. Livres, gargalhando pelas dunas cobertas pela vegetação rasteira a que se agarrariam. Deslizariam pelos morros da areia solta escaldante.

Uma sensação de bem-estar invadiu-a. Prestando atenção ao

nevoeiro surgido de onde em onde, ouvia as vozes que a acompanhavam — cuidado, uma lomba, afrouxa. De repente, era ultrapassada por um *bólide* potente, com faróis que mais pareciam holofotes. Até arrepiava. Num ápice caía uma escuridão de breu.

Que delongas! Estava ansiosa por chegar. Por mais que tentasse contactar com as pessoas em fila indiana nas bermas da estrada, não tinha êxito. Fugiam em debandada pelo mato fora. De que teriam medo? Ninguém a esclareceu. Ela atribuiu a raptos ou ao medo da noite importunada por estranhos. Se verdade ou não, o que interessava era sentir-se deliciada só por estar ali, naquela estrada tão cheia de memórias das infâncias perdidas.

A dado momento, vislumbrou um casal muito jovem.

Informaram-na que lhe faltavam apenas três ou quatro quilómetros para entrar na Terra Do Mar Longe. Recomendaram que abrandasse a marcha.

O coração de Etna bateu aceleradamente. Ia finalmente chegar. Suspirou e comentou:

— Tenho de escrever a Etna Maria.

Naquele momento, Etna virara uma página de vida. Chegara completamente exausta. Uma longa e atordoada viagem de noite escura como breu. Uma série de peripécias pareciam travar aquele retorno mágico. Um furo. Uma jante retorcida por um buraco enorme bem disfarçado sob uma camadinha de água em cima do *matope*. Uma estrada alcatroada aos solavancos. Uma multa choruda. Um sinal de limite de velocidade escondidinho pela folhagem de um arbusto. Um crepúsculo semi-enevado. Constantes mercados rurais numa incessante troca de produtos transtornaram o ritmo da chegada. A noite acabara por desabar. Trazia sombras de um passado, embalado por um

retorno... De um dia... Um dia... Repetido centenas de vezes... Sempre que olhava o rio da cidadezinha do outro lado do Equador, sempre a tiritar de frio.

Movida pelo cansaço, suspirava. Dizia “ter-me-ia enganado? Que estranho! Nunca mais vejo uma povoação para saber a quantas ando”. Quantos quilómetros? Esta estrada nunca mais tem fim. De repente, um cruzamento... Ah! Etna reconheceu um espaço que definhara com a partida dos brancos de segunda — era ali que, aos domingos, a criançada se divertia com o *kudo* deliciado com as laranjadas que lhe davam num biberão... Nas suas memórias de infância, chamavam-no de João grande — porque lhe teriam dado esse nome? Já não se lembrava! Havia ainda um nicho da Senhora dos Caminhos, colocado ali com grande pompa e circunstância. Que destino teria tido? Encolheu os ombros... Já lá iam uns bons trinta anos.

Lentamente, Etna dirigia-se para a cidade. Passara por gente imparável, negociando tudo, desde roupa a géneros alimentícios.

Embora já tão noite, lojinhas iluminadas, encaniçadas ou de pau a pique, eram bem afreguesadas.

Parar? Nem pensar! Tinha de procurar a casa do Jô e da Lisa. A cidade tranquila estava iluminada. Não foi difícil saber o que queria num café, pertinho do bazar.

Lisa e Jô tomavam a fresca na varanda arrematada por suportes de ferro forjado. Espreitavam hastes de ramos coloridos. Pequenas árvores aqui, acolá. Ao longo dos canteiros vasos matizados com florinhas de cores quentes.

— Posso Jô?

— Quem é? Perguntou

— A Etna das casuarinas...

— Etna! Aqui? A estas horas! Surpreendeu-se Jô.

— É verdade. Posso ficar por aqui hoje? Perguntou Etna.

— Claro. Entra. Dá cá um abraço. Disse Jô levantando-se do seu cadeirão. — No fim de tantos anos... Quem diria! Grande surpresa, de facto. — Até nos fazes companhia. Mas, diz lá como deste connosco? Quis saber Jô.

— Não foi difícil... Quem tem boca não manda *assoprar*, não acha? Perguntou Etna. — Esta terra continua na mesma, tranquila e acolhedora. Diga lá quem não vos conhece? Comentou Etna com ar trocista.

Na varanda se ficaram, na *bulabula* sobre o outro lado do Equador.

Jô, apenas curioso. Lisa interessada no que Etna contava sobre coisas e loisas daqui e dali, sobretudo da terra do seu exílio, célebre pelas touradas e bateiras dos avieiros onde viveram tempos sem fim e onde pariram outras gerações, transmutadas pela força da modernidade.

As feiras anuais cheias de *aficion*, barracas de artesanato, tasquinhas de comes e bebes, louça variada, carrosséis, carrinhos de choque, circo, que se enchia de gente miúda, encantaram a curiosidade de Lisa.

A espontaneidade daquele encontro ocasional, tinha-a enchido de uma energia nova. Já não se sentia um tronco despernado, nem um tronco envernizado. Era uma haste pendurada. A vida deixara-a já sem flores e eram tantos os pedregulhos no outro lado do Equador! Tinha afinal um cantinho. Que sensação de bem-estar e segurança! Era a sua haste da sobrevivência. Aquele chão, com a alegria da vida,

(47) Árvore de fruto que produz a manga.

(48) Árvore de fruto que produz papaia.

sem *timing*, na intimidade com o que a natureza dá naturalmente. *Mangueiras*⁽⁴⁷⁾, *papaeiras*⁽⁴⁸⁾, coqueiros, *jamboleiros*, goiabeiras, maracujás, cajueiros, *coração de boi*⁽⁴⁹⁾, bananeiras, *mafurreiras*⁽⁵⁰⁾ ao Deus dará.

Que cumplicidade com as forças de Éolo! Pelos campos mandiocas, batatas doce, ganga, piteiras, flor de mulata, fetos, uns altivos, outros humildes... Enfim, um mundo em que a mão gananciosa do homem ainda não tinha decapitado para dar azo a uma urbanização selectiva. Um Éden ainda em estado puro!

Ao longo de anos de ausência, Etna vestira outras roupagens. Sob estas não conseguira abafar o que guardava no coração: “A casa da saudade chama-se memória: é uma cabana pequenina a um canto do coração.”

Naquele momento, Etna Maria estava ali, embora em pensamento no mundo muito seu. Recordava-o.

Um mundo feito de stress, dominado pela discriminação, fundamentalismo, esquerdismo multifacetado, agressivo, marginalização com rótulos de ordem vária, hostilidade contra quem viera do outro lado do mar, indiferença pelo outro, humilhado, castrado, vilipendiado... Enfim. Tanta solidão, tão escondida...

Etna Maria, achas que valeu a pena ficares enclausurada nessa tua claustrofobia num sol desfeito que te deixou numa angústia sem voz? Etna lembrou-se de Etna Maria. Decidiu escrever-lhe.

(49) Fruto semelhante à ata, fruta do conde, com formato de coração de boi, no Brasil é conhecida por “Graviola”.

(50) Árvores de fruto que produzem mafurra, cujas sementes (oleaginosas) têm aproveitamento industrial.

Carta da Terra do Mar Longe

Etna Maria,

Cheguei finalmente à Terra do Mar Longe. Nem calculas quanto fiquei emocionada. Embora já noite, bem noite, passei pela estação de comunicações... A Gónio... No cimo do morro ladeado pelas árvores que serviram de baloiço contra vontade da Mãe. Era aqui que o Pai trabalhava de madrugada na companhia do seu ajudante. Aquele latagão a quem o Pai extraiu um dente com um alicate desinfectado em petróleo. Ri-me com este episódio.

Lembras-te também da mocinha franzina, sua companheira que se enforcou após a morte do seu amado? Queriam-na casada com o irmão mais velho! Shi... Etna Maria! O que os pais se escandalizaram. Como choraram a partida do bondoso companheiro das horas solitárias do Pai.

O Colégio lá está, ao lado da Gónio, obra projetada pelo teu *molungo*, preguiçosamente debruçado sobre o seu pedestal vestido de verde.

Aqui, os mais novos. ensaiaram os primeiros voos na busca do saber.

A Capela estaria como o teu *molungo* a decorou? Ele que se dizia agnóstico... Quem diria, hem?

Imagina que a estação meteorológica ainda cumpre as suas relações com a meteorologia. Parecia que o tempo não a trespassara.

O hospital, onde pariste as tuas *sananas*, com a assistente da freira parteira que mandava calar os teus gritos. Nem imaginas como está bem conservado e de roupagem colorida! Apesar de ser já tão

de noite, a iluminação clara deixou que eu o visse de um azul tão festivo.

Nada morre na memória, apesar do tempo e da distância. Onde estaria aquele enfermeiro dentista, *mafuta*⁽⁵¹⁾, com umas mãos enormes? Ralhava contigo por não abrires a boca para te extrair o dente cariado. Berravas que nem uma cabra montesa. Ele não se cansava de repetir: — Cala... Cala... Cala... Já falta pouco... Num gesto brusco dizia: — Pronto já está. Vai embora. E tu desandavas a sete pés, ouvindo ainda... Ai menina, menina...

Trinta anos! Céus... É de facto, muito tempo! Quanto tenho para te contar. Nem imaginas! Esta terra não perdeu aquele sortilégio que só nós o conhecemos e saboreamos.

Porém, este tempo, é um tempo já sem tempo. Nada tem a ver com aquele tempo em que ingenuamente não passávamos de borboletas ao vento. A rua era a casa, as *sananas* dos *molungos* usufruíam do passeio, o bem-estar das suas cabriolices sob a vigilância das *mamanas* e o ripanço na esteira com a cumplicidade da mimoseira florida de amarelo.

Havias de gostar de voltar a ver a Lisa e o Jô. Ela, ainda bonitona e insinuante. Parece que os anos não querem roubar a frescura da vida!

O Jô, como sempre, aquela figurinha esguia, agora seco e o cabelo todo branquinho, rijo, num constante vai-vem na sua carrinha.

O amor é um grande santo milagreiro. Dei comigo a pensar na Lisa e no Jô. As voltas que o mundo dá. Encontraram-se ainda jovens. Deveriam ter-se amado discretamente. Tinha de ser assim mesmo. A

(51) Gordo, gordura, óleo.

época era cruelmente preconceituosa. Mas devem ter ficado sempre enamorados, seguindo rotas da vida diferentes. Opções. Habituar-se a tropeçar um no outro sem nada exigir ao amor fechado a sete chaves no coração.

Perguntaram porque não vieste. Ficaram a saber dos teus medos e do casulo em que enclausuraste. Sabes o que disseram? — Devias ter vindo para te sentires bem com a vida e fazeres as pazes contigo e com a liberdade. No mar, lavarias as saudades sempre suspensas entre palavras.

As decisões impõem um percurso. É algo que nos move. Também se modifica. Exige uma atenção perspicaz. É como uma borboleta cujo esvoaçar nos extasia quando poisa. Não pára. Quer pôr-se de imediato a caminho, saltitando, depenicando e arrasando o pólen.

Abrira-se agora um caminho para os espaços a visitar já com migalhas de histórias. Naquele momento era apenas a nossa história.

Etna encheu o peito de ar. Agarrou na sacola. Enfiou nela *bolinhos de sura*⁽⁵²⁾, umas bananas maçãs e casquinhas de caranguejo compradas na *nunu* vizinha. Como estava obesa por passar horas sentada a despachar encomendas para fregueses no *xilunguine*⁽⁵³⁾. O rosto marcado por rugas impressionantes. Quando viu Etna disse logo:

(52) Em algumas regiões, também conhecidos por “Mícales”, são bolinhos (de vários formatos, consoante os hábitos culturais de cada região) confeccionados com a sura em substituição do fermento industrializado, por isso mais saborosos. A sura é uma seiva retirada nos topos dos coqueiros, logo pela alvorada, e que, passado pouco tempo após a sua extracção, fermenta. Além da utilização desta seiva, “sura”, como fermento para a confecção de bolos, também é utilizada como bebida alcoólica pelos autóctones

(53) Cidade grande.

— Shi...minina veio... Mesmo... Fazer o quê? Perguntou.

— Ora... Voltar à minha terra... Como se lembra de mim? Quis saber Etna surpreendida.

— Porque foi embora? Medo? Aqui? Shi... Aqui ninguém fez mal a branco...

— Eu sei, mas havia criança na barriga e médicos? Todos no *famba*.

— Ah! Perceber. Respondeu a *Nunu*.

As casquinhas eram o seu ganha-pão. Ao falar, ria-se de vez em quando e abanava a cabeça... Por mais que perguntasse porque se ria, apenas respondia: — Já esqueceu *lifete*⁽⁵⁴⁾? E bolinhos de côco!

Etna lembrava-se da garota a saltar o muro para se lambuzar de *lifete*. A casa de muros altos com um portão tosco, lá para os lados da praia, ainda presente na memória.

Etna embrenhou-se pela cidade do caniço, de ruelas tortuosas e areia solta, sem se preocupar o que lhe aconteceria. Receava que a pele branca não escondesse o desagrado em rostos hostis com que poderia cruzar-se. Apressou o passou cumprimentando quem varria o quintal com as tradicionais vassouras, grossas, nodosas e já nem se lembrava se eram das palmeiras ou não.

Sabia-lhe bem caminhar despreocupada como criança que fora por aqueles espaços tanta vez pisados à procura da *mamana* das suas *sananas*.

Uma vez, muito ausente, por causa de falta de assistência

(54) Amendoim assado pilado com açúcar e leite.

médica adequada a um surto de varicela. As bermas do mar, de mãos dadas com o rio, encharcavam as margens de detritos e as terras lodosas empapavam-se, acolhendo a mosquitada que, por sua vez, picava as *sananas* da cor de ébano. Com as mãozitas coçavam-se, desencadeando uma vacinação *sine die* com febrões tremendos. À porta das palhotas arrefeciam o febrão acalmando assim o mal-estar em grande berrata infantil.

Ao ver aquela calamidade, procurou quem tinha a Cruz vermelha a seu cargo.

Num ápice, uma brigada sanitária ocupou-se da ocorrência infantil. A *mamana* das suas *sananas* pôde regressar ao trabalho, na condição de sair mais cedo para o seu bairro encaniçado.

Etna ia matabichar com a velha amiga Vivi, na pequena e rasteira vivenda a precisar de urgentes reparações. Pudera, passava a maioria do tempo no *xilunguine* na convivência dos búzios, os guardadores de segredos do universo sagrado africano. Aí se obtém a resposta sobre o que inquieta quem a procura. Uma espécie de oráculo num microcosmo onde se projecta a vida. A casinha ficava tristinha de solidão, sujeita a interesses escusos, com uma invasão clandestina de outras casas em estilo variado — achavam-se nesse direito, na medida em que aquele espaço passou a ser considerado terra de ninguém...

Era o momento há tanto tempo sonhado. Dois mundos de profundas emoções na luz da sinceridade. Muito *bulabularam* acomodadas numa esteira sob a velha e bonacheirona *mafurreira*.

Prestavam, naquele momento, uma homenagem à estabilidade da amizade. Milhares de quilómetros não tinham conseguido afogá-la na distância dos tempos, tal como raízes de duas árvores, longe de um bem estar que custara caro. Naquele momento afundaram-se numa

história de sedimentos secretos, de dois mundos sem falsidades.

Foi uma manhã polindo a memória sem fantasmas. Divertidas, gargalhadas ao compasso de genealogias de vidas em navegação solitária. Momentos hilariantes como a estrela papagaio, de fio ainda não perdido. Se assim não fizessem, aquela guita arrastava um novelo de estrelas e a brincadeira acabava sem graça nenhuma.

Saíram as duas para o bazar. Vivi queria amendoim para ser torrado e depois confeccionado em *lifete* no velho pilão ansioso por mimosear aquela freguesinha, vinda de tão longe. Prestava, deste modo, as suas homenagens, vendo-a a pilar vestida de uma *capulana* bem vistosa.

Vivi tinha destinado para o almoço um carilzinho de camarão bem picante. Chegada ao Bazar, Etna parou e exclamou: — Ainda é o mesmo, Vivi!

Estugou o passo, mas teve de recuar. Tanta gente! Um corrupio de produtos apressados. O Bazar ali estava. Olharam-se e sorriram. Desbotado pelos acontecimentos sucessivos da História Natural. Abandonado ao Deus dará. Grande injustiça! Mas ergueu-se revitalizado. O portão grande estava escancarado. À direita e à esquerda, artefactos variadíssimos, desde candeeiros em pau preto, cinzeiros de todos os tamanhos e feitios, sacos de palha, um não acabar de trabalhos em madeira e em palhinha. O *bric-à-brac* era assombroso.

As bancas cobriam-se de peixe, caranguejos. Legumes e especiarias por tudo quanto era sítio, nos seus montinhos tradicionais.

Etna deu uma volta pelas banquinhas das *mamanas* com os produtos das suas machambas, piri-piri, limões para a pasta picante com que temperavam petiscos. que apenas as mais velhas ainda sabiam

confeccionar saborosamente.

Pequenas batidinhas nas costas.

Etna virou-se. Foi um momento de alegria. Três matulões sorriam abertamente. Antigos alunos que a reconheceram sem qualquer dúvida. Imaginavam de modo trocista a familiaridade com que Etna teria *bulabulado* com as *mamanas* sobre a *cigoma*, *ddzirriva* e os montinhos da castanha de caju torrada, já descascadinha.

Riam-se da procura daqueles produtos. Viram que era filha da terra. Perguntas. Respostas. De repente as vendedeiras passavam a notícia... Risotas inesperadas... E *hambanini*⁽⁵⁵⁾ sorridentes e apressados.

— D^a Etna, não é verdade? Perguntou um dos seus antigos alunos.

— Claro e vocês?

— Não diga que já se esqueceu... Respondeu rindo-se o mesmo aluno.

— Bem... Deixei-vos adolescentes... Esguios... Agora tenho diante de mim três homenzarrões. Ah! Tu tinhas a mania do Inglês, este queria ser professor, que foi na tropa, e tu, enfermeiro. Enganada?

— Venha um abraço... Bem aconchegado. Pediu Etna com os braços abertos.

Foi um momento agitado, agradável sem rodeios de perguntas sobre a vida como uma criança mimada.

— E filhos? — Riram-se. Nada adiantaram. Etna percebeu. A poligamia continuava de pé. Valorização da maternidade? Ou ainda a persistência da tradição ancestral como forma de manter a virilidade do homem?

Choviam perguntas sobre o outro lado do Equador. — Ainda se lembravam dos “olhinhos azuis”, “o bisguinhas”, a gazela e o

(55) Adeus, até à vista, saudação de despedida.

“ruivinho”.

Houve momentos em que se riam a bandeiras despregadas com histórias que cada um contava ou com as suas próprias histórias, ao ponto das lágrimas correrem pelas faces.

Comportavam-se como se o tempo não tivesse galopado.

Ali estavam pedaços de vidas felizes naquele encontro... O que é a vida!

— Ó Mãe Guitonga... A vida passou, levou consigo anos, amores, o medo, tantas dores, a insegurança, gestos, rostos, mas as coisas boas não passam nunca!

Fica eternamente o fascínio com o qual aprendemos a viver e a tê-lo sempre no pensamento.

Recordações levaram Etna para o mundo das infâncias em que viveram mimadas... Até ouvia: Mããããããããããã... Tou aquiuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu... E estava mesmo, escondido por detrás de uma coluna desbotada pelas chuvadas... — *Languça*⁽⁵⁶⁾ o menino...

— Minino... Dá mão... Olha o *tanana*⁽⁵⁷⁾... Leva minino...

Era mais uma façanha... Etna e Vivi riram-se...

Como estava tão longe esse tempo! Etna olhou o céu e na sua casa interior perguntou: foi esta a decisão com que os espíritos da negritude sentenciaram aos brancos de segunda classe?

Vós, espíritos africanos, enviastes-me aquele pneu de novelos de nuvens acinzentadas. Prenúncio de que as minhas infâncias se perderiam pelos caminhos de Katmandu! Impressionante esse veredicto... Impedioso.

Foi para me obrigar a partir? Grande espinho espetaram na minha alma. Já bebi todas as lágrimas. Fiz delas uma lagoazinha,

(56) Espreita. Vê. Observa.

(57) Criança de tenra idade.

onde dois peixinhos cabriolam. Um, como sempre, ladino, o outro, doce como uma flor... Guardo-os religiosamente.

A dor encolhe-se como todas as coisas. Anoitece-se, contudo, com lágrimas de nostalgia.

— Ó Mãe Guitonga os teus cheiros de terra molhada vindos das tuas entranhas fizeram-me visitar-te. É o que me resta da tua humanidade. Recuso-me a ser olhada como lixo. E também não admito que me digam que esta terra já não é minha.

Etna começou a planear as saídas por aquela pacata cidade.

Porque não uma ida pela praia ao longo da muralha? Como gostaria de rever os caranguejos verdes em correria para os esconderijos esburacados na areia. Ainda se lembrava como eram ariscos com as hastes em forma de tenazes de defesa. Seria que ainda havia *guimbasses*⁽⁵⁸⁾ afoitos?

A muralha gastara-se. O tempo encarregara-se de aligeirar-lhe a estrutura removendo pedaços aqui e ali. (Já havia pedaços esburacados ao longo da muralha). Mas seus caranguejos nem vê-los! Teriam emigrado por causa do mangal? Era tanto. Descalça palmilhou a muralha até à casa do Capitão. Já velhinha. Lembrava-se bem dela desde menina, do seu amiguinho, um menino deficiente sempre atrelado à empregada. Uma portuguesa branca. Naquela época de menina, era um achado arqueológico. Ainda se recordava da frase desse menino quando via um missionário de sotaina branca passeando pela marginal: “à labé”, dizia benzendo-se.

Agora, aquela casa estava em degradação. Uma haste de casuarina trepava pelo telhado. Ainda tinha a larga varanda com rede e nem sabia como. Estava construída sobre um vasto pilar com as ondas em

(58) Caranguejos.

constantes “choc-choc-choc” dia e de noite.

O quintal era enorme, abençoado por casuarinas pujantes. Esconderam por momentos, deliciosos *topless* para escândalo da época falsamente puritana.

Viu que aquela casa perdera o rosto colonial, tristemente abandonada. As dependências serviam de abrigo aos sem-abrigo? Não tinha a certeza da veracidade do facto. E se a aproveitassem para turistas do passado, do presente e do futuro em vez de uma morte lenta e tão inglória?

Saltitando pela muralha, teve a nítida sensação de que não estava só. Os que com ela tinham vindo, sentiam a mesma pena de ver a casa do Capitão já esquecida de um tempo histórico. Poderia servir de uma lição de História a vários níveis. As dependências não faziam parte do interior da habitação dos patrões. Esse facto era uma pedra no charco que as chuvas torrenciais se encarregariam de converter em *matope* com o andar dos tempos.

Que pena! Paciência! Os Teares da Nova História se encarregariam de incentivar novas arquitecturas, novos croquis seriam avaliados e escolhidos. Aquela casa, afinal, não passava de um entristecido e decapitado mausoléu.

Estava num mundo em mudanças na linha da modernidade. Já era tarde para se assumir erros, ódios, injustiças, vexames, desrespeito pela dignidade. Um provérbio hindu ocorreu a Etna: “Não existe árvore que o vento não tenha balançado”. Naquele momento, mais do que nunca, Etna era essa árvore balançada, mas não derrubada. Por isso, viera visitar o espaço também sua pertença — Terra do Mar Longe. Eis, a branca africana assumida. Lembrou-se, no momento, de uma máxima do outro lado do Equador: “Cada lágrima ensina-nos

uma verdade”. Essa verdade nua e crua significava que já não se pode parar, mas caminhar com o fardo de uma partida sem diálogo.

Etna já não saltitava. Corria pela muralha como fazia em menina, livre, feliz com as carícias da maresia, os sopros das casuarinas centenárias. Corajosa olhou para trás. Já não havia espaço para ver factos e pessoas como foram. Agora, o olhar via a realidade, até de si própria. Essa realidade levou-a à casa em estilo colonial ainda com o telhado de zinco avermelhado. Ali, ficaram pedaços de vida habitados por lágrimas engolidas em seco. Etna sempre a conheceu envelhecida. Centenária? Encolheu os ombros. Nunca se preocupara com a sua existência. Trazia consigo a memória dos degraus onde, usualmente, se sentava o apaixonado da mulher amada “falava uma coisa, pensava outra e sentia outra”. Um afecto constante sempre presente nos encontros nocturnos. Não passava de um pássaro de asas tristes. Etna ainda ouvia os “*Anssssssssssss... Shissssssssss... os Ishhhhhhhhhhh...*” consecutivos do serviçal, em dias de férias nos *mufundiças*⁽⁵⁹⁾. Trouxe a descoberta inesperada do Céu ser habitado por um santo africano — S. Jacinto, *moleque*, com Menino Jesus ao colo... Palavras esvaziavam-se, talvez, intimado pela cor da pele.

Etna Maria riu a bom rir. Reentrou no seu percurso pela amurada adjacente à praia, como uma peregrina em romaria. Esse agora era povoado de lembranças com reflexos de um há muito tempo, surfado de lágrimas.

O cheiro a maresia inundava-a. Quem lhe dera deter a marcha do tempo para desfrutar a paz do esquecimento. “Simplesmente o que a memória ama, fica eterno...” Talvez por isso, “A Terra do Mar Longe”

(59) Naturais de uma região perto de Inhambane..

era como água que não sacia o rio do silêncio carregado de segredos.

Acaba-se, por sentir que o tempo mergulha na intimidade das raízes e fazem acreditar que ainda se pertence a esta Terra.

Há mágoas que magoam
Outras p´ra longe voam.
Há mágoas que se domam
Outras que alto clamam.
Há mágoas que amargam.
Ainda hoje choram.

O dia amanhecera como habitualmente em Agosto. Frescura matinal que arrepiava já o corpo. O mês de Agosto fora sempre privilegiado pela amenidade. Agora esta amenidade revestia-se da presunção de um príncipe encantado de capa e espada. Ao alvorecer, a capa protegia-o do fantasma da cacimba pela manhã, a espada cortava os arrepios, substituindo-os por uma temperatura amenamente aquecida pelo astro rei que, velozmente, se empinava no firmamento.

Um corripio de gente carregada de produtos daquela terra abençoada, apressada dirigia-se para o bazar, *capulanas* multicolors vaidosas da sua cor garrida alegavam aquele constante vai vem.

Crianças, com a cadeirinha azul em plástico, livros debaixo do braço, passos corridos a caminho da Escola, de janelas escancaradas ao sol, ao vento e à chuva. Era o espaço da aprendizagem do respeito pelo trabalho e do saber, para um país em crescimento.

Etna alimentara durante anos o retornar à Terra do Mar

Longe. Ali estava, caminhando por entre aquele burburinho de mulheres carregadas dos filhotes a amamentar e os produtos da terra. Compreendeu que o seu retornar não se limitava a revisitar, mas a sentir, bem no fundo da alma. Era ali que estavam as suas raízes de branca africana. O seu ser pertencia àquele lugar daquelas gentes em constante labuta pela sobrevivência da família. Como pertença daquele lugar, Etna procurou de novo a marginal.

Parou. Sorriu do sonho de antigos alunos, de pretenderem fazer daquela casa colonial uma espécie de residencial. Foi uma ideia que morreu à nascença. Agora ali estava solitária ao sabor dos ventos que soavam como uma despedida. Sentia que se um dia voltasse, aquela casa seria outra realidade. Que pena se fosse transformada em algo sem nome e sem tempo. Todos os povos têm necessidade de conhecer o início do seu universo. Onde iriam buscá-lo? Encolheu os ombros.

Pegou nas sandálias e pôs-se a caminho. Tinha tanto para revisitar. Não estava só. Os que já tinham partido, deviam estar nalguma galáxia, numa aula de catequese sobre a sua alma ou ainda em algum hospital espiritual para se tratarem das maleitas corporais. Nos intervalos desciam como borboletas e volteavam à sua volta.

Etna lera, algures, que não se entra sozinho no Universo Cósmico. Há sempre o Anjo da Guarda que nos conduz ao Dono desse Universo. Seria aqui que estariam as “tais mansões? A quem se destinavam?

Já não era tempo para desenterrar o passado, mas para soterrar outras vivências, de outras cores e aromas cuja fragrância actuaria

como lenitivo de molde a não atingir a alma. O grande objectivo é compreender a casa interior sem ódios nem raivas por serem brancos de segunda classe. Uma rotulagem muito antiga, desde os seus tempos de menina. Essa consciencialização só pode despertar, quando se tiver a compreensão de que precisamos uns dos outros. Os que vieram com Etna, devem ter dito ao Senhor do Universo: — Esta mulher anda à procura do tempo perdido. Não a queremos humilhada. Deixamos acompanhá-la de perto para ser capaz de saborear ao seu jeito, a Terra do Mar Longe a que chama na brincadeira “a terra do nunca” imaginando-se Peter Pan. Acaba por se teatralizar criativamente. Não queremos que chore mais pelos que já perdeu. Trouxe-nos para nos deixar entre as casuarinas e a aldeia dos macacos, onde fazíamos de Jane, Tarzan, a Chita pendurados nas acácias raquíticas de tanto serem trepadas. Era o nosso refúgio com que brincávamos a quietude de vida selvagem.

Etna sentia a presença dos que já não lhe pertenciam. Tal sentimento alegrava-a. Estava protegida. Voltaria mais tarde àqueles lugares constantemente acompanhados pela aragem do seu mar.

Debruçada sobre o varandim, Etna refrescava a memória.

É aqui que os que partiram para o outro Universo no outro lado do Equador acabam por cair. Encontravam finalmente Paz e Saudade.

Se somos uma partícula da energia dinâmica, a força motriz do Universo, criado por um SER dito bom, humano, refúgio dos que sempre amaram a paz e a não-violência atravessavam distâncias inquietantes. Ali morriam de vez. Somos um todo. Quando esse todo se desfaz, os ventos de todos os pontos cardeais levam as nossas partículas para o ponto de partida, à terra mãe.

Etna era um desses ventos. Veio do outro lado do Equador, para

auscultar a autenticidade de vozes. Possivelmente, vagueando pela Floresta das Sombras à espera do resgate por algum Anjo de Luz.

Ali, já mais ninguém se lembraria das suas identidades. Poderiam deambular pela praia extensa ou refastelar-se nalgum galho embalado pela maresia.

— Etna, estás tão calada! Estranhou Jô.

— É verdade. Estava a ouvir os espíritos dos que a vida me ceifou. Aqui encontraram a paz tranquilizadora sem ódios. Respondeu Etna.

Jô e Lisa entreolharam-se. Não tinham palavras para partilhar aquele momento com Etna. Perceberam que ela se reconciliara com o presente.

— Sabe, Lisa, os brancos de segunda que partiram em debandada, incluindo eu própria, somos uma geração de um passado Histórico para dar lugar a uma nova História. A caminhada foi árdua e dura. O que mais custou, foi eliminar o ódio, a ira, o medo do desconhecido, o orgulho ferido.

Eu não quero carregar esse fantasma na alma. Quero preservar a Paz. Quanto mais se fecha no passado, mais se distancia da vida em Paz. E na vida há coisas mais belas para admirar do que para destruir. Lisa respondeu:

— Tens razão Etna. Quem gosta do passado são os museus e tu não és nenhuma peça confinada a museu. Vá, são horas de dormir. Hoje passarinhaste *maningue*... Chega, certo?

Etna concordou. Lembrou-se da irmã encurralada no seu casulo no outro lado do mar. Faria tudo para que Etna Maria o abandonasse para voltar a ser ela própria, a menina que adorava poetar com as palmeiras. Que lhes segredaria?

*Sou a filha dos teus coqueiros.
Os braços das palmeiras foram as esteiras
Dos meus segredos cantados,
Sonhados castrados.
Sou a filha dos teus búzios
Que me choraram
Me abraçaram na hora do adeus.
Sou a filha das tuas chuvas
Em fúria meus cabelos lavaram.
Sou vento e venho
Entro no teu recanto
De quebrantos.
Aí guardo as lembranças
Das minhas crianças
Tuas sananas.
As tuas timbilas
Já sem sílabas
O chão já não pisam
Bayete! Já não me gritam.
Saudades me agitam.
Sou uma fatia sombria da tua magia.
Assim uma africana ao Sol se gerou,
Ao vento cantou
Trovas que amou.*

Etna guardava as imagens de tudo por onde passava. Aquele estar ali, era um troféu. Aprendera que afinal as coisas pequenas, mas grandes por dentro, devolviam-na às suas raízes.

Que estranho apelo do outrora.

A Avenida continuava vestida de mimoseiras sorridentes no seu amarelinho, frondosas, pujantes, apenas empoeiradas. Se calhar lavavam-se na época das chuvas torrenciais. Deviam ficar lustrosas como se fossem a um baile por algum tempo. Olhou-as com carinho. Eram testemunhas da criançada nas suas sombras fresquinhas. Ali as *mamanas* tinham sob vigilância o soninho dos meninos dos *molungos*.

Etna, de repente, recuou no tempo. O tempo do coaxar das rãs pelos charcos ladeados de capim e carreiros tortuosos que conduziam as gentes à cidade do caniço ao ritmo do coaxar das rãs “Ran... Ran... Ran...” ensurdecidor. Dificultavam as passadas pesadas dos *magaíças*⁽⁶⁰⁾ à sexta-feira. Carregavam, ao longo do corpo subnutrido, o sobretudo à general com botões amarelos luzidios. A viola, a ginga luzidia, o lampeão, cobertores, bugigangas coloridas que iriam seduzir as *tombazanas* fagueiras da aldeia encaniçada. Ser *Magaíça* era manter-se idêntico a si próprio, fiel à herança ancestral. Promover-se no *ranking* social. Ganhara dinheiro, fossara as entranhas da terra, sofrera faltas de ar, o frio, uns copos de cerveja e comida mal confeccionada. Era um herói e como tal seria considerado. Ir para as *minas do John*, comer o pão que o diabo amassou, dormir

(60) Emigrante africano aliciado para trabalhar nas minas de ouro Sul-Africanas; Também utilizada, a expressão “magaíza”, no sentido pejorativo com idêntico significado de “boçal”; “grosseiro”; “estúpido”.

(61) Pagamento efectuado, pelo noivo ao pai da noiva, normalmente em numero de cabeças de animais de criação ou em dinheiro, variando de região para região segundo as tradições locais.

sabe Deus como, pensando na aldeia, escondida, eram as memórias que embalavam o corpo dorido. Aí seria recebido como um senhor de terras e gado. Era a apoteose. Um triunfo, de peso para requestar a *tombazana*, como um relicário traduzido no *lobolo*⁽⁶¹⁾ chorudo.

Vacas, cabras e dias de festa ao som do batuque, mulheres rodopiando com grande frenesim sob o olhar atento dos velhos. Conservava-se religiosamente aquele ritual. A mulher aceita o que os deuses órfãos impõem como destino. Complementariza-se o acto da fertilidade. Ela suporta calada a nudez do seu corpo no braseiro de uma cruz milenária. Mulher, jovenzinha, casada fica. Alma sofrendo sob o halo do silêncio. Este duplica-se quando uma nova estrela aparece no cinzento da existência. Mulher fruto por amadurecer conformada com a destemperança dos deuses órfãos. Estes passam ao lado da reprodução. Quando esses deuses não acordarem do sono letárgico em que ainda estão ressonando, sonhos de mudança vaguearão pelas estações dos tempos.

Realmente, Etna Maria, trinta anos de ausência é muito tempo... Se tivesses vindo, deliciavas-te com as lembranças repousadas sossegadamente felizes. De mãos dadas, contaríamos as nossas histórias. Muito havíamos de rir. Correríamos que nem tontas pelo paredão da praia. Nem a pérgola escaparia. Sentar-nos-íamos num banco, olhando o mar ou jogando às pedrinhas — lembras-te?

Reconhecias-te em cada rua, em cada esquina, desde que eras menina.

Até as mimoseiras da nossa avenida perguntaram por ti. — A Etna Maria não veio. Porquê? Quiseram saber.

Tive de as contentar com a tua vinda para breve.

É uma questão de tempo. Falei no teu Tiago. Riram-se. Eu só

ouvia: — Quem diria hein? Comentavam umas com as outras. Marotas e brincalhonas.

Viveste cada dia sem um protesto, olhando sempre em frente, tentando não desperdiçar energias para um dia voltares à Terra do Mar Longe. Mas desististe à última hora! Mandaste-me a mim como se eu apagasse o fogo do passado recheado de traumas, mágoas, perdas irreparáveis. Frustrações e injustiças. És masoquista, desculpa que te diga. Nada beneficiaste com o não da última hora. Sabes o que mais queria? Era que encarasses o passado como uma realidade que já não existe. Cremada. Vem. É altura de renovares as tuas raízes. Acredita. Reaprendemos a descobrir o valor que se encontra em cada espaço das nossas vivências. A vida não passa de um embaraçoso e mero acidente de percurso.

A manhã acordara de boa disposição, cantando de maneira a ser bem ouvida. Pássaros empoleirados em galhos das mangueiras aguardavam que Etna saísse. Assim aconteceu. Foi ao pão como de costume, cumprimentada por africanos na fila, a que correspondia com um sorriso matinal.

Matabichou calmamente. Comeu as torradinhas de *sura* que Lisa deixara em cima da mesa. Saiu apressada antes que o sol quente se intrometesse no passeio matinal. Reparou que a linha férrea não castrara a História. Estava ainda ali rente às habitações revestida de ervinhas... Se já não tinha utilidade, ao menos enfeitava-se de verdes airosamente. Etna ainda se lembrava do tempo em que o *xitimela* passava a caminho da ponte de cais. Muito devagar, todas as sextas feiras, avisando com o seu ofegante “Puf... Puf... Puf... Puf...”, bufando

(62) Trabalho forçado. (Tem origem no recrutamento compulsivo de trabalhadores para o trabalho em obras públicas, dentro e fora do território moçambicano, com remunerações irrisórias e sob condições indignas, antigamente.)

por todos os poros. A criançada apreciava com respeito a caminhada.

Ia ter com os navios que despejavam aos molhos sacas de produtos para as populações. Lá estavam na mesma os “ganhares”, pagos ao dia, magros, mirrados, vergados sob o peso de cada saca.

Mesmo assim, estes *chibalos*⁽⁶²⁾ cantavam como que a dar graças aos deuses órfãos pelo amendoim, para o caril de peixe seco, o milho para ser pilado e pronto para uma saborosa refeição. A farinha de milho para a *xima*⁽⁶³⁾ com molho do caril de côco, a troco de uns magros chicudos(*).

Etna entrou pela ponte já a decapitar-se. Muito tinha durado, com um piso ainda suportável. Superlotada de vais e vens carregados do que as *machambas* produziam no outro lado da baía.

Esgueirou-se para a direita, rentinha à amurada com os pilares meios escaqueirados pela erosão dos tempos. Espreitou pelas vigas de betão já semi-desnutridas. Olhou para baixo. Viu sobre a areia *gasolinas*⁽⁶⁴⁾ tombados, uns para a direita outros para a esquerda, enferrujados.

Fizeram parte de uma frota de transportes entre o cá e o lá de outras paragens, povoadas de gentes do mundo de trabalho, quer fizesse bom ou mau tempo.

Aquela frota de *gasolinas* era agora substituída pelos botes à vela, os célebres *ngalavas*⁽⁶⁵⁾. Ia-se numa espécie de cadeirinhas humanas para as mulheres não se molharem. Eram movidos à vela,

(63) Prato da gastronomia tradicional moçambicana, de preparação muito simples e que tem como ingredientes farinha de trigo ou de arroz, côco ralado, água e sal.

(64) Pequenos barcos de passageiros, movidos a motor, utilizados para a travessia entre as cidades de Inhambane e da Maxixe, (Os primeiros motores eram movidos a gasolina).

(65) Pequenos barcos à vela que transportavam carga e passageiros.

(*) Forma nativa da palavra escudos.

por vezes, remendada e empurrados por um comprido pau de bambu, forte, impulsionando-os para águas mais fundas. E assim superlotado de gente, coisas e loisas, se fazia a viagem de regresso.

De repente, ouvira:

— Vieste para ficar Etna? Perguntaram.

Sorriu. Sabia quem lhe fizera a pergunta. Fora um dos pilares mais *cocoanas*⁽⁶⁶⁾, com voz sumida.

Com todo o respeito, respondeu:

— Não, vim rever esta ponte e todos os pilares dos meus tempos de menina. Tinha saudades. Ainda me lembro de ver *molungos* à pesca entre os quadrados debaixo da ponte. Parecia que era aí que os peixes se refugiavam. Depois eram facilmente físgados. Comi deliciosos peixes pedra. Que saborosos!

— Ainda te lembras?

— Claro que sim. Era cada *Kambala*⁽⁶⁷⁾... Boas pescarias... Até se dizia que vocês aprisionaram uma garoupa de truz que nunca ninguém conseguiu pescar... Verdade? Só vocês sabem....

— Deixa-te de fantasias. Mas, diz porque vieste no fim de tantos e longos anos? Perguntou curioso.

— Vim deixar as infâncias perdidas ao sol e ao vento na praia do mar azul e das ondas a bailar com as sereias ao luar, bafejadas pela aragem das casuarinas. Quero-as tranquilas. É aqui o seu lar. Pelo menos à noite podem procurar a Luz Cósmica. Ninguém os vê.

— Compreendemos-te, Etna. — Só isso?

— Vim visitar a Terra do Mar Longe, o berço que me viu crescer, ser mãe, ensinar ouvir histórias da História e o silêncio deste espaço onde

(66) Pessoas idosas no dialeto africano de várias regiões.

(67) Pequena canoa.

agora sou estrangeira.

— Não digas disparates Etna! Responderam outras vozes vindas das vigas enterradas nas areias centenárias.

— É verdade, sou uma sem terra. Vocês sabiam que eu e os meus, não somos da Terra do Mar Longe?

— O quê? Incrível! Exclamaram.

— Somos apenas naturais deste país. Esclareceu Etna.

— Se calhar, porque desconhecem as nossas terras! Simplificaram os dados. Mas não é justo! Porque não regressas? Quiseram saber.

— Já é tarde... Sou um ninho vazio, desprotegido desasado. Sinto-me feliz por estar aqui por agora, a rever, recordar, respirar esta maresia, olhar este sol, mergulhar nestas águas tépidas. — Lembram-se das sextas-feiras à noite, a ponte que vocês sustentam, se engalanava de cores do arco-íris? Recordou Etna.

— Ainda não esqueceste? Perguntaram surpresos.

— Como podia esquecer. Criava-se um ambiente de magia, festivo. Ceavam-se lautos banquetes, com música de fundo suave. Em contrapartida, de dia os porões descarregavam cargas humanas. Os *magaíças* que não escondiam o orgulho do regresso.

— O que para aí vai! Disseram. — Pudera tinham o mundo na mão por muito pequeno que fosse. — A Etna Maria não veio? Quiseram saber.

— Vem mais tarde. Prometo trazê-la até aqui. Ela vai gostar, não fosse ela um ser de alegria. — Vou-me, *kanimambo*⁽⁶⁸⁾, pelo vosso carinho e por ainda se lembrarem desta *manhambana*⁽⁶⁹⁾ já meio-cocoana. Só

(68) Obrigado.

(69) Originário de, ou Residente no Distrito ou Província de Inhamanbe

me falta a bengala... Eheheheheh.

— Para onde vais? Quiseram saber.

— Por aí desenterrar memórias. Respondeu Etna.

Pelo caminho de regresso a casa da Lisa, Etna lembrou-se da Etna Maria.

Carta da Terra do Mar longe

Etna Maria,

Lembras-te das sextas-feiras e dos navios ancorados na ponte de cais? Esta preciosidade por cá continua, com mazelas já bem visíveis, sonhando que a existência não seja breve.

Lembraste como estes navios alteravam a pacatez nocturna da ponte de cais?

A miudagem acorria para ver de perto a actuação do contra-mestre a bordo do navio. Pegava no cabo com punho de retinida na outra ponta do cabo da retinida amarrava o olhal, rodava a pinha até ter uma certa velocidade para chegar ao cais. Quem estivesse no outro lado do cais puxava pela amarra da retinida, pegava no olhal e enfiava no cabeço, puxando o navio pelas amarras com o auxílio do cabrestante.

Então é que era uma explosão de alegria. Uma ovação de palmas com pulos de aplauso.

O navio atracava.

Era ver centenas de *magaiças* em largas passadas dirigirem-se aos caminhos de ferro. Paravam aqui ou ali para comprar que comer e mitigar o silêncio dos balanços a bordo. Apressavam o passo para o *xitimela*. A todo o vapor, as caldeiras fumegavam no meio de constantes “Uh... Uh... Uh... Uh...”

Já não passava por carreiros encalhados em arbustos e rãs.

A avenida fora transformada numa via alcatroada com mimoseiras amarelinhas. Carros e gentes das mais variadas terras não paravam. Parecia um dia de feira.

Sabes Etna Maria, os navios se foram para nunca mais voltarem. E a ponte de cais continua no seu papel de servir de meio de comunicação. Se feita na década de vinte pelos *machambeiros* com recurso com recurso à aguardente de cana, verdade ou não, o que interessa é ter ficado à disposição do povo lutador, sobretudo da mulher que não pára.

O *xitimela* está estimado, pintado de branco prateado, num espaço dos caminhos-de-ferro como peça de museu.

Tirei fotos e encontrei gente conhecida surpreendida pela minha presença. Porque havia de ignorar aquela preciosidade? Águas passadas não moem moinho e é bem verdade. Ficou-se por momentos na *bulabula*. Falou-se de tudo um pouco. Vi-os felizes, aliviados de uma época em que não era fácil ser assimilado e integrado na sociedade. Grande bizzarria, mas existiu por muito tempo o que chocava seriamente. Agora já se podia respirar a liberdade de cidadão.

Carta do outro Lado do Equador

Etna,

Sentei-me à beira do rio. Aí esperei recuperar imagens da Terra do Mar Longe. O rio quando me viu, carpiu as dores que me escorraçam dela. Compadecido, às ninfas dos rios, confidenciou as minhas mágoas tecidas na solidão, meu desajuste interior de que me faz prisioneira.

As ninfas comovidas consolavam-me. Sabiam bem que aquelas imagens seriam, como uma madrugada lavada em lágrimas.

Na verdade, a Terra do Mar Longe foi sempre, um vazio sem fim de afectos e do prazer de estar bem com.

Todos os dias, Etna estava sempre algures.

Achava, ela própria que regressava do mundo dos que já tinham partido.

Ao longo da marginal, sorria para as casuarinas centenárias, altivas viradas para o mar. As bolotas espinhadas caíam ao sabor dos ventos. Rebolavam para cair nos trilhos esburacados dos passeios já trôpegos.

Etna vagueava pelo paredão com as sandálias a tiracolo.

Desfrutava a maresia matutina.

Como estava tão longe de qualquer filosofia de vida. Sentia um bem estar jamais adiado por aqueles espaços que calcorreava sempre que podia. Outros espaços a esperavam.

A dado momento, aproximou-se em passo de gata manhosa, da velha mesquita.

Lá estava o velho trinco dos tempos de menina. Uma aldraba tão centenária como a porta. Segurava os anos dos tempos ecoados de um passado longínquo 1840 com um Corão de 340 anos. Os sapatos arrumadinhos em fila indiana no pátio asseado.

Espreitou.

Num ápice afastou-se, não fosse ser surpreendida por algum crente mais hostil.

— Etna Maria adivinha onde estou... Sentadinha no banco de cimento

a meio comprimento do muro altíssimo. Ali, tu lias livros de histórias que te emprestavam sob a condição de o fazeres, enquanto corria o almoço. Tu adoravas os contos dos irmãos Grimm... Aquelas histórias fascinavam-te e de que maneira. Entre ti e os teus amigos havia sempre um livro com histórias de encantar. Era o teu mundo. Viajavas no teu Pégaso, fugindo do labirinto limitado da vida dos Pais. Recriavas personagens com toda a familiaridade. Acompanharam-te sempre e projectaram-se na tua vida. Serviram para encantar as infâncias criadas ao sol e ao vento. Hoje, o passado é um mapa pendurado no teu casulo, como um troféu.

Etna recordou as travessuras de Etna Maria.

As pedras atiradas aos sapatos desalinhando-os. Adoraria ver os crentes andarem à procura deles.

E o episódio do leitão?

Entraste no quintal da vizinha. Apanhaste o leitãozinho. Abafaste-o com uma toalha, depois amarraste o focinho, embora esperneasse. Com o focinho bem aperreado para não fazer muito barulho, atiraste-o para o patamar e fechaste a mesquita com a aldraba.

Céus ...foi uma algazarra inesquecível.

Berros, gritos, vassouradas...enfim, um fim do mundo.

— Ai, Etna Maria, o que foste fazer? Que sacrilégio! Custou-te bem caro. O *Hajji*⁽⁷¹⁾ descobriu-te como autora da proeza. Não escapaste ao tareão do pai. Como sentença, durante nove luas, foi-te interdita a passagem pelo passeio da mesquita. Episódio incrivelmente rocambolesco.

(71) Denominação dada à pessoa que tenha efectuado a Peregrinação a Meca. Palavra derivada de “Haj” (Peregrinação a Meca).

Lembras-te dos baldes da água do mar, pela meia noite, para sacralizar o espaço religioso?

O que teria acontecido aos sapatos com tanta vassourada? Não sei e tu? — Certamente também não. Francamente... um lugar de culto...

Sabes, agora a mesquita prima pela cor, cor-de-rosa, com os caracteres em branco, muito nítidos no frontispício. Quem diria, 1824 e um Corão de 348 anos no interior, zelosamente guardado, num santuário artisticamente trabalhado! — Só nós é que sabemos!

E nós que pensamos que os filhos de Alah são cobras e lacraus do deserto, quando afinal oram ao Deus de todos.

Também nunca nos ensinaram os preceitos do Alcorão, como poderemos pensar de modo a encarar os seus valores direcionados para a concórdia entre povos?

— Sabes, tenho uma novidade para ti... Entre a Mesquita e a casa do Patrão-mor, erigiram uma Escola Secundária frequentada pela fina flor muçulmana. Futura preparação para nova leva de intelectuais e economicistas? Se são *experts* nessa matéria, Admiro-os a valer!

Convidaram-me para uma aula de Português que acabei por não dar... Sinceramente, já nem me lembro porquê!

Etna procurou os correios para telefonar para Etna Maria.

Olhou a escadaria, espaçosa, subdividida em patamares amplos.

O edifício pintado de cor-de-rosa e branco dava-lhe um toque a orquídea fora da estufa.

O sol africano, com um olhar sobranceiro, vigiava atentamente o vai e vem do trabalho da mulher africana, sem parar, a caminho do bazar. Carregada que nem uma burra de carga, o filho pequenito às

costas aconchegado pela *capulana* e embalado no ritmo dos passos da mãe com uma carrada de produtos à cabeça, sempre consciente da subsistência do lar.

Ao entrar, Etna sentiu o coração apertado.

A solidão vagueava pelo balcão de atendimento dos tempos de menina. A timidez desconfiada do funcionário encurralara Etna num hipotético diálogo.

Nem uma palavra de cordialidade, que mais não fosse para matar a curiosidade. Olhos frios e distantes.

Etna apressou-se a descer a escadaria sem uma beliscadura dos tempos. Já tantos passados. Sentou-se à sombra de uma acácia enfezada defendendo-se do calor.

Etna sentia pena dos navios que nunca mais voltaram.

Andando pela muralha de suporte à invasão das marés cheias que furiosas embatiam contra a amurada, confrontava-se com as suas raízes. Faziam dela uma viajante que a levavam a uma navegação solitária.

De repente sacudiu o cansaço.

Carta da Terra do Mar Longe

Lembras-te, Etna Maria das noites de sexta-feira? Mocinhas casadoiras, sofisticadamente vestidas e maquilhadas, com estolas de arminho e sapatos de salto alto, vinham airoas para a ceia, conversar

com os fardados de branco. Ouviam música até altas horas da madrugada na esperança de despertar algum coração mais solitário. Subiam o portaló com uma empáfia que em nós, miúdas causava um impacto de admiração. Tornavam-nos mais pequeninas na escala social.

Suspirávamos.

Sonhávamos com um dia em que, já senhorinhas, também iríamos ali cear. Admiradas. Galanteadas pelo comandante, pelo Imediato, enfim por todo o escol de membros de bordo.

Tu partiste para o outro lado do Equador. Quando regressaste, eras uma jovem que pertencia a réstias de um imaginário que teima em presentificar-se eternamente.

Carta do Outro Lado do Equador

Querida Etna,

Emocionei-me por me trazeres de volta tantas pertenças da nossa meninice, galopando a toda a brida!

Fiquei radiante por saber que o *xitimela* está bem cuidado, pintadinho de branco prateado e em exposição, bem à vista.

Um rei de um reino já desfeito. Ironia do destino. Orgulhosamente só.

Um marco histórico.

Vi-nos, às sextas feiras, no bulício da velha e atormentada ponte, como pude deduzir do teu encontro com os pilares que a sustentam.

Vai e vens carregados de amendoins, camarão seco, fiadas de cana do açúcar, paus de *melala*, baciazinhas de esmalte recheadas de montinhos de castanha de caju açucarados, mandioca pilada ou em

braçadas, tiradas fresquinhas da terra. O tempo passou mas ficou-nos a sede dos tempos da memória.

As luzes do portaló enchem de colorido as recordações.

Ainda me lembro de ver os passos de rainha das candidatas a sonhos de um casamento com uma farda branca.

Um porte principesco a fazer as honras da sala para um jantar requintado marcado por primorosa etiqueta.

Não era todos os dias que se deliciava com tais mordomias ao som de música de fundo.

Por uma noite eram rainhas de um reino inimaginável em vestidos de organza agodesados.

Que será feito dessas Cinderelas africanas? Teriam encontrado o seu príncipe encantado sob a batuta de uma valsa de Strauss? Ou ao ritmo de um tango?

Do Tiago nada posso dizer!

Já muitas luas vieram, com luares vazios do seu rosto enternecido por esta *Iara*, a sua deusa das águas profundas, a princesa de um amor tardio.

À distância, telefona-me de tempos a tempos.

Diz me para não preocupar-me.

O entendimento entre etnias diferentes vai andando devagar, mas um poço de água criou um ambiente de partilha.

O pior são os *highjackers*. Ceifam almas viventes convencidos que aniquilam o espírito, reduzindo-os ao barro de que somos feitos.

Como sabes, o Tiago vive um mundo visionário. Acredita que não será preciso destruir flores, mas gerar um mínimo de convivência entre canteiros para se chegar à paz.

Curou-me feridas, sarou-me mágoas.

Ensinou-me o afecto e também a liberdade de me sentir bem

em estar com.

Etna Maria e Tiago conheceram-se acidentalmente num restaurante.

Como havia um lugar vago na mesa de Etna Maria, pediu para se sentar.

Conversaram banalidades. O tempo. A profissão. Os hobbies. A carestia da vida. Até que países do outro lado do Equador entraram nas conversas.

Assim se descobriram pertença de Terras do Mar longe.

A empatia desabrochou amizade. Esta abriu portas a uma relação poderosa.

Demasiado grande para morrer. Uma vida sem Tiago não era imaginável.

Quando Tiago levava tempo a aparecer, a casa enchia-se de um silêncio atroz.

Em frente do computador, a atenção atrofiava-se. Perdia os pensamentos em Tiago.

Etna Maria já não tinha idade nem para um “TE” nem para um “TI”.

Recordava o encontro no restaurante.

Foram momentos que lhe revoltaram a vida.

Dentro do seu imaginário, sucediam-se cenários de intimidade, sedentos, esfomeados, pronta a arriscar-se para não perdê-lo.

Não esquecia a postura de quem viajava muito.

Óculos verdes que escondiam olhos castanhos perscrutadores.

Estatura mais do que mediana. Um colete de ganga, à desportiva

e sob este, um corpo sem barriga. Cabelos já grisalhos. Um sorriso entreaberto, se calhar para cativar o lugar vago na mesa.

Etna Maria sempre cativante. Destacava-se onde estivesse, pelo sorriso que projectava nos olhos a sua força interior. Cabelos alourados que escondiam fios grisalhos, detestáveis.

Calma, sorrindo ligeiramente acedeu a que se sentasse à sua mesa.

A partir desse encontro, outros encontros se sucederam aqui, ali, acolá, para conversar sobre a Terra do Mar Longe.

Havia laços comuns desde as gentes com hábitos e costumes diferentes, a solidão, as disparidades entre os habitantes, até à vida de cada um.

Lentamente foram aproximando-se cada vez mais com um companheirismo cúmplice.

As mãos tocaram-se.

Os olhares cruzaram-se em atracção e afecto.

Sempre que se encontrava com Tiago, Etna Maria sabia quanto era amada e desejada. Apenas queriam estar um com o outro e com os seus sentimentos. Nem precisavam de palavras. Saiam. Beijavam-se com ternura e paixão, vagueando pelo jardim aromatizado, nem que fosse com chuva!

Ao despi-la pela primeira vez, Tiago deu-se conta de quanto estava faminto dela. Tiago ausentara-se. Etna Maria tentou esvaziar-se daquela repentina e assustadora paixão. Reconhecia, contudo, que Tiago só queria a ela, e Etna Maria só a ele.

Faziam amor.

Deitados nos braços um do outro, saciados e tranquilos.

Pairava naquele mundo pequeno a quietude de uma paixão

saciada.

Num dado momento de euforia amorosa Tiago, olhando Etna Maria disse: — Etna, serás apenas Maria, a minha doce princesa!

— Sério? — És um tonto, respondendo sorrindo.

Etna quis saber o motivo de ser apenas Maria.

— Presta atenção ao que vou dizer-te:

M — maresia

A — amor/paixão

R — rima /poesia

I — Iara /mãe de água /deusa poderosa

A — Amenidade

— Os sons das letras são suaves. Tu és um poema de carinhos. Para todas as letras encontrei significado. És maresia, amor, paixão, poesia, a deusa das águas profundas, afável, terna.

— Tiago, por favor não me sobrestimes. Sou apenas mulher! Respondeu Etna Maria, enroscando-se, como uma serpente, em Tiago, escaldante de paixão.

Riram-se.

Nunca falavam no futuro.

Viviam o presente apenas, cada hora, cada minuto, cada segundo, como trémulos astros, naquele universo de si próprios.

Tiago sabia que não havia mais ninguém naquele coração. Como também sabia que Etna Maria era um fruto proibido.

Partia, talvez pela última vez.

Etna Maria sentia que a partida estava próxima. Uma noite, o telefone retiniu. Acorreu. Levantou o auscultador e ouviu apenas:

— Parto amanhã.

Palavras que serviram para que a sua inquietação interior se

desfizesse em imagens e momentos que só a ela pertenciam.

Encorajando-se, foi ao aeroporto. Viram-se de longe. Por momentos sentiu-se como uma gaivota ferida vinda de longe.

Tiago, por momentos, ficou indeciso.

Doeu-lhe a melancolia do ambiente.

A família estava ali, como parte integrante da sua vida.

Era como se fossem a Coreia do Norte e a Coreia do Sul separados pelo paralelo 38. Por isso, talvez, levava consigo a recordação de um sorriso tímido.

Etna Maria limitava-se a olhar aquele rosto para se consolar nos dias vindouros.

Como queria dizer-lhe: — Desde que me aprisionaste com a doçura dos teus beijos, fizeste da minha vida um oásis em pleno deserto. Fizeste emergir o fogo lunar na nossa história que mal acredito que vivemos juntos uma dádiva inesperada da vida.

Um nó na garganta, engolia histórias vividas.

Agora, emoção caía na lágrima furtiva, que tudo dissipa. Restará a saudade prolongada pela ausência. Repousaria eterna no cofre forte do coração.

As palavras “amo-te”, “como te amo”, são palavras que vêm do nada e nem sempre é o que se quer ouvir.

Um simples olhar, um sorriso, mãos entrelaçadas, vibram de desejo, volúpia, sexo, falam que o tempo não espera.

Emigro então com os ventos à procura das tuas emoções. Não sei dominar os meus sentidos, meu corpo soluça.

Loucuras, beijos vorazes com que espalho ao vento toda a ternura que me estremece. Percorres a nudez do meu corpo despido.

Sou uma ave pelos céus da sensualidade e faço dos teus beijos

raios de sol bem quentes. Destilas-te inteiro no meu corpo, nos mais íntimos gestos, fazendo amor porque sou para ti uma flor que se abre.

Sei quanto sou amada e desejada. Não precisamos de palavras.

A ternura e a paixão deitam-se nos braços um do outro saciados e tranquilos. Vivemos o presente cada hora, cada minuto, como trémulos astros, a realidade de nós próprios, como se fossemos fruto proibido.

Somos a tormenta da emoção. O meu corpo invade a tua morada. Eis como sou para ti.

Quero ser aquela em que colheste a inocência, és a essência da minha vida, o fogo que me mantém viva sempre que me faz sonhar e me tira do oceano da vida. Sou uma rede de malhas suaves. Cada malha um afecto à vida nos teus braços. Nos teus beijos as cores do meu arco-íris.

Quem me liberta das memórias
Com histórias e fantasias
Das coisas pequenas, mas grandes por dentro?
Quem me habita na solidão vadia?
Ah! São as estrelas que esquecem as dores
Amores
Lágrimas
Saudades
Sonhos
Partidas.

Como seriam os momentos sem as estrelas para lhes confidenciar a mágoa baleada pela ausência do carinho e da ternura?

Olho-as, embevecida, em silêncio para ver a luz profunda que delas emana. Assim vou vivendo, dialogando-me.

Nas estrelas, deixo a saudade e o desejo de ser levada para muito longe. Saudosa da tua ternura e abraços que nunca mais vou ter, mas sempre pensando em ti e juntos somos então um só.

Tu és único para mim e os dias deixam de ser tempestades, repletos de nadas.

Etna encolheu os ombros.

Não podia fazer nada Esforçara-se por reflectir sobre Etna Maria.

Muitas mulheres nos “entas” sonham com alguém que as descubra ou como simples amigas ou sensuais companheiras. Mas ninguém possui ninguém!

Etna Maria teria de fazer a sua opção para se sentir livre e não ser magoada.

Comportava-se como uma colegial. Simplesmente teria sempre o paralelo 38 entre ambos.

A vida familiar era pontuada por inúmeras situações de ausências e o constrangimento persistiria.

Era o preço que pagaria pela sua loucura.

Etna pôs os óculos.

A luminosidade chamou a atenção da Alfândega, fechada.

Devia estar entristecida. Era a morte anunciada. Não admira. Estava vazia de afazeres. Um mono numa esquina apetecível.

Naquele momento não passava de um armazém encarquilhado.

Frente ao armazém, o que restava era um espaço apenas ocupado, outrora, por funcionários alfandegários, portugueses para ali destacados, desterrados.

Os serventes africanos, para os servir, aboboravam no exterior, á espera de qualquer recadinho.

Etna sentia-se deleitada por vaguear por aquela avenida das infâncias criadas ao sol e ao vento. Veio-lhe à memória a chegada de um Presidente em visita oficial.

Etna Maria teimou em ver a chegada dessa individualidade, com a sua *mamana* bem curiosa e com as suas *sananas*. numa esquina.

De repente, uma multidão de africanos a caminhar ao ritmo do carro presidencial... “Umm... Ummm... Ummm... Ummm...” uma multidão ululante, síncrona.

A comitiva desfazia-se em acenos festivos.

Nesse momento, Etna Maria entrou em pânico...

A multidão levava-a de arrasto. A *mamana* das sananas já nem sabia o que fazer. Se não fosse um ex-aluno nocturno que a ajudou, segurando-lhe a mão, com o mais “canito” ao colo na direcção do muro de um prédio, sem abandonar o ritmo do “Umm... Ummm... Ummm... Ummm...” seria o bom e o bonito! Um episódio dantesco jamais esquecido.

Etna Maria queria ver de perto aquele Ministro, a quem as mães dos brancos de segunda ofereceram um saquinho com terra

moçambicana. Pediam a auto-determinação para a nova Pátria dos antepassados já enterrados e das gerações vindouras. — Que ousadia! Santa ingenuidade! Que veleidade!

O certo é que esse pedido não pode ser atendido. Quando o Ministro regressou à metrópole já tinha sido exonerado do cargo... *Personna non grata*... Sonhos quem não os tem?

O sonho comanda a vida... Mas, não o destas mães... Tantos anos neste episódio... Inesquecíveis... Hoje, as gerações vindouras são figuras mediáticas ou... Pássaros emigrantes navegando com a saudade sem braços nem cor, sempre a doer e demais, quando aperta.

Etna ficou bem disposta com a lembrança... Quanto riu... De repente, cruzou-se com a vivenda de varanda enorme, arejada, ampla com cadeiras e mesas sempre com gentes conversando à gargalhada.

Subitamente, uma voz sussurrou: — Etna, repara na casa do amigo que foi e deixou de o ser com a mudança dos tempos da História.

Certamente que ainda te lembras do que disse quando Etna Maria se aproximou do grupo a favor da Independência de que fazia parte.

Assim que a viu próxima, insurgiu-se com a sua presença na galeria da escola. Ainda te lembras do que disse com um ar triunfante de um poder que ainda não tinha: — Ó, branca ordinária quando te vais embora?

Num abrir e fechar de olhos, tal pergunta cortou as asas do sonho de africana. Etna Maria fervia de indignação. Parecia um vulcão em erupção. Palavras coléricas transformaram-se em lavas incandescentes do âmago do teu ser africano.

Passados tantos anos, consigo rir! Se calhar, na altura, julgava-se

já parte do novo poder. Era bem a experiência antecipada igualmente inútil. Um vaso quebrado em cacos estilhaçados.

Etna Maria, segundo dizem, quando aparece por aqui, passeia a barriga luzidia já obesa pela praia, por onde as tuas infâncias brincavam em correrias pelo sol e pelos ventos sem medos.

Abrisa dos mares do outro lado do Equador deveria confidenciar prantos de tumbas, floridas de tantos, que hoje são ninguém.

É caso para dizer “Quem quiser conhecer o vilão, é darem o pau e o mando na mão” — Acaso teria tido assim tanto poder?

Ainda me lembro como o empurravas na banheira de zinco à laia de bote, no quintal da casa grande inundado pelas águas das chuvas.

Até te esquecias das *matacanhas*⁽⁷²⁾ e da *filária*⁽⁷³⁾. A tua única preocupação era vê-lo feliz, gargalhando ou batendo palminhas.

Entraste no carro magoada e ferida numa amizade que afinal, era um mito. Nunca existiu. Soluçavas. Percebeste que te tinham apontado a porta da rua com o rumo para o outro lado do Equador.

Parei diante daquela vivenda. Mirei o portão ladeado por dois portentosos e soberbos *dendingueiros*⁽⁷⁴⁾. Não me demorei. A altivez da varanda despedia-me. Descaminhei-me. Encharquei-me de episódios ruins. Tal como o vento tudo traz também tudo leva. Etna Maria, não vale a pena revivê-los!

Etna entrou na Avenida recheada de secreta intimidade.

(72) (*Tunga penetrans*). No Brasil conhecidos por “bicho de pé”, são insectos parasitas que, normalmente, se alojam nos pés causando imensa comichão e alguma dor.

(73) Parasita internos em forma de fio que se encontram de ordinário no tecido conjuntivo, sob a pele, no cristalino, brônquios e outros órgãos.

(74) Árvore de dendém.

As acácias franzinas, algumas bem *cocoanas* repovoaram-na de perguntas.

Etna desfez tanta curiosidade. Contou, recontou, carpiu-se, descarpuiu-se.

Vinha de longe. Uma terra de sorrisos sonâmbulos, habitados em elevadores num corrupio de sobe e desce, a transpirar um desequilíbrio interior, urdido pelas ralações que sustentam o quotidiano. A monotonia, a maneira de encarar a vida com chuva, frio, vento, indiferença, ocorre sem um sorriso.

— Ah! Exclamaram, surpresas e atentas. — Foi por isso que voltaste?

— Claro! Vim à procura de uns tempos sem fadiga.

— Quer dizer, não conseguiste desabitar-te... Comentaram a rir.

— Vim desafadigar-me. Respirar o humanismo deste céu sempre sorridente de azul, do pôr-do-sol mesclado de cores quentes até partir para outras paragens, *bulabular* com a voz da maresia que também me pertence e permanece na raiz das lágrimas.

— Tanta saudade, Etna! Vens afinal à procura de ti própria. Responderam.

— Talvez. Concordou Etna. — Bem, já *bulabulei* com convosco. Tenho muito para visitar.

— Vai! Tens muito para reencontrar em silêncio, bem como uma forma de sentir, pensar e venerar. Não te aproximes do que foi teu, nem te desestabilizes por não reencontrares a toranjeira, desenterrada, soterrada em cinzas com as memórias das tuas infâncias irrequietas e turbulentas. Avisaram.

— Deixo-vos as saudades já cansadas. Despediu-se Etna. — Os ventos das monções levam-nas para o cosmo para descansarem com

serenidade.

Carta do Outro lado do Equador

“Rio que secou”... Uma frase que vai surpreender-te Etna!

Fujo assim ao meu silêncio. Após o tempo em que recebia as tuas cartas onde falas do que somos, gente sem história, fui tomando alento para enfrentar o vazio em que caí com a partida do Tiago para o outro Universo.

Recebi uma mensagem na minha página.

Tenho que te dizer “o Tiago já não está entre nós! Abusava dos amanheceres, adorava o nascer do sol africano. Apesar das recomendações dos repelentes, a malária vitimou-o com tremores violentos e delírios.”

Bastou esta rajada de vento para me desmoronar.

Sabia que se esforçava por apressar o regresso. Não me preocupava.

Aparecia sempre como um relâmpago quando tinha tempo.

Aqueles *chats* calaram-se para sempre. Pelo menos, deve ter encontrado a paz interior. Embora eu tenha ficado sem horizontes.

Leio e releio as tuas cartas.

Invejo o sentido que dás à vida.

Que boa essa consciência das raízes da Terra do Mar Longe, mesmo que carregues um fantasma na alma.

Como gostaria de me transformar num flamingo de plumas cor-de-rosa. Só apareciam em Agosto, no tempo das marés mortas, depenicando nas margens do canal os moluscos indefesos, certamente *magajosos* ou aquele caranguejo miudinho. Sempre a correr. Depois, ao entardecer partiam em bando, elegantes em voos abertos, para

outras paragens. Regressavam no dia seguinte pelas tardes mornas. Uns vêm. Outros se vão para não voltarem. Tal como nós procuram-se noutros horizontes.

Somos uma geração de intrusos com capítulos das nossas histórias. Aproveita o mais que puderes. Faz uma reportagem de recuo no tempo onde desfilem pessoas, espaços com um pouco de nós.

Não deixes morrer a criança que fomos.

Será possível reconciliar o passado com o presente?

Carta do Outro lado do Equador

Querida Etna,

Obrigada por este ar de alegria e triunfo com que voltas nas tuas cartas, sem revoltas nem saudades do além Equador. Carinho, pela cacimba fria, pelo mar ora plano ora encrespado, pelo céu sempre azul, enfim pelo nosso mundo.

Embora pequeno, é tão rico por dentro pela grandeza de vidas que se cruzaram connosco.

São olhos com imagens de outras paragens, ainda nossas, apesar do ostracismo a que nos têm votado. Quem afirmar o contrário apenas pretende ostentar um perfil que não passa de um triste *show off*, de uma vida fácil que cada um escolheu como sendo um caminho.

Toda a minha vida tem sido um percurso sempre tecido por sonhos inacabados ou caminhos projectados que nunca foram construídos. Ficaram pelos alicerces. Por isso, guardo a nostalgia vergada pelo que poderia ter sido feito e acabou por ficar pela auto-estrada da vida. O peso da resignação resguarda actos disfarçadamente tranquilos.

Tanto assim que, ao dobrar a curva descendente da vida, fui marcada por um amor oculto feito de suspiros, temores, bem como um tempo já sem tempo que me faz tremer e cerrar os lábios de raiva.

Sabes bem como Tiago foi especial, tornando-se parte da minha alma, mas sempre inacessível ao âmago do meu ser. Personifica o meu Everest. Sabes porquê? Porque no cume esteve a família, parte integrante de si próprio. Um homem de extremos. No cume, a inacessibilidade de um espaço onde eu pudesse vogar para o seu mundo, deslumbrada. No sopé, a corça ferida a precisar do abrigo para sarar as feridas da interdição ao cume do seu ser.

O silêncio da distância traz-me a dor que levaste, como se me pisassem. Não deixo que este lado do Equador me cuspa e passe indiferente, dominando a minha vida como um fantasma. Preciso do meu espaço liberto do medo de o perder para não envenenar a minha casa interior.

Sensível como és, já percebeste que a tua Etna Maria não é mais do que uma cana-de-açúcar cambaleando pela catanada feroz de mais um sonho inacabado.

Somos uma asa de Deus, aquele Ser sempre escondido. O que seria da existência sem esta asa? Não seria um hino à Primavera de regatos, flores, brisas acariciadoras, e arco-íris ao som do passaredo, saltitando de ramo em ramo, uma porta aberta para o Verão cálido. Se calhar, o passaredo espreguiçar-se-ia na areia da praia beijada pelas ondas brincalhonas como nós tantas vezes fizemos.

Porém, pertencemos a um deserto batido pelos ventos arenosos, fazendo-nos sentir ausentes de nós próprios. Não basta viver. Há que ter alguém com quem, partilhar todas as coisas. Se calhar, foi por isso que nasceu o mito dos primeiros Pais da Humanidade. Mas, eu fiquei

sem alguém. Sem nada. Hoje sou apenas companheira do Destino que procura controlar-me. Eu sobrevivo a esse controlo, parei de sonhar no meu Universo. É o lar dos meus silêncios.

Tenho como companhia os astros por onde vagueiam os afectos de mãos dadas com o meu TU misterioso, sabes Etna, a asa de Deus que somos, traz-me o poema de Almeida Garrett:

Eu tinha umas asas brancas
Asas que um anjo me deu
Que me cansando da terra
Batia-as, voava ao céu.
Pena a pena me caíram
Nunca mais voei ao céu.

Abismo mágico, Etna! Já não voo para ser feliz. Consigo passear no labirinto da solidão onde também há regatos, flores e arco-íris, envolvendo-me pela voz do coração.

Parti a vida em duas partes. Uma para calar o mundo. A outra apenas para mim. Não te surpreendas por te dizer que eu própria não sei qual delas é a maior. É que não sei mesmo. Por isso, hoje voo nas asas de Pégaso pelo Universo para ver se me encontro. Procuro-me. Sinto-me perdida num mundo ao qual já não pertenço. Preciso mesmo de me esquecer dentro de mim. Há momentos assim. E deseja-se a noite vadia de volta para alimentar este esquecimento, afim de nada querer do que nada se é daquilo que se foi.

Sou apenas a corrente de um rio. Deixo-me navegar nas águas da esperança. Instalar-me nos dias frios das ausências e partidas. E afinal, acabo por naufragar na corrente para perder-me a mim mesma.

Nesse naufrágio não reconhecem quem fui e afinal, sou tão pouco.

Ficam sempre pedaços de vida que nos deixam muito sós. Mas, ajudam a seguir em frente, como se fossemos Éolo.

Do Olimpo, os deuses vigiam-nos atentamente, bem como as constelações luminosas e, sobretudo, a voz poderosa do hoje.

Sabes Etna, a saudade é um cancro insidioso que se apodera de mim, me atira para o outro lado do Equador como um insulto. É dor.

Não gosto da dor
É ostra desventrada
Fica vazia de calor.
Vida magoada
Lentamente largada
Fora do meu navio.
Resisto
Insisto
Avanço
De braços abertos
Vou vencendo
O pior inimigo
Em luta comigo
A solidão
Fechada na mão.

Sorrir nesta etapa da vida é fingir ser feliz. Faz parte da lembrança, do nascer do Sol rosado espreitando num céu de azul

suave. Carinhosamente solta palavras da minha interioridade. Dissipa lágrimas e os sonhos das minhas infâncias criadas ao sol e ao vento.

Magoada, vou sobrevivendo. Tento compreender porque o século passado ressurge como caminhante. Retomo a ira de ter perdido as minhas infâncias, tão distantes no tempo e no espaço.

Seguro lembranças, transformadas numa ilha de crianças e alegrias vãs. Enterro-as num livro de páginas já amarelecidas. Que saudades, Etna, da terra do Mar Longe, a terra molhada com um bafo calorento das suas entranhas após uma chuvada de bâtegas assustadoras. De repente, vão à procura de um sol risonho cheio de calor sorridente e brincalhão.

O mar precisa desse sol sobre as ondas para dar outra vida a este Universo. Lembras-te quando se fugia para a praia e se tomava banho à chuva neste mar tranquilo? Era uma paródia entre amigos das fugas de casa.

Que dizer dos cheiros dos *jambuleiros* madurinhos, bojudos, que pintavam os lábios de roxo e desafiavam a fúria da Mãe? E os cajus suculentos, uns amarelos, outros rosados, com a castanha prontinha a estalar sobre a chapa de zinco dominada pelo lume incandescente?

As *ateiras*⁽⁷⁵⁾ estarão ainda recheadas, junto ao poço em boa vizinhança com o cafezeiro raquítico?

As *papaeiras* continuarão a parir aquelas papaias gorduchonas e enormes? Como eram cobiçadas!

O candeeiro da rotunda deve-se ter fundido. Deixou de iluminar os africanos amarrados ao poste gritando, sob as chicotadas do cavalo marinho dos cipaios? — Claro, o trabalho sujo era feito por quem tinha de salvaguardar a sobrevivência familiar. Grande tática, sem

(75) Árvore de fruta que produz atas ou fruta-pinha; fruta de conde.

dúvida.

Que grande baú de lembranças, dirás tu, Etna.

É verdade! Os meus “entas”, ainda não atraíçoam o fio da memória.

Etna, não esqueças:

A memória está assente predominantemente no coração.

A noite vazia transforma o silêncio. Lembrou-me que tu és a minha interlocutora privilegiada. Preciso de sair desta solidão. Se não fossem as tuas cartas, como as feridas da saudade se cicatrizariam?

Vivo um coração triturado por tanto que perdi. Custa-me admitir que o sonho se evadiu. Esse sonho flutua como a viagem que tu tanto insistes em marcar. Não sei se irei.

Passeando pelo calçadão ao longo do rio, o frio fez-me regressar a casa. O vento trouxe-me as monções da Terra do Mar Longe. Olhei o céu despido de estrelas. É nelas que quero guardar as coisas pequenas ,mas grandes por dentro. Sorriem. Recusam-me.

Eu quero ir ao encontro da minha estrela azul para encontrar Paz. Aí, escrevo a minha solidão.

Sabes o que fez? Estendeu um raio de luz para esquecer o tempo em que andei perdida. A minha alma ouviu uma orquestra de cítaras que recordaram o eco do Amor que queima dentro de mim e teimo em repudiar.

Afinal, Etna quem sou?

Um sonho inacabado?

A incerteza da certeza do que sou?

*Sou solidão
Apaixonada pela vida
Sou a cor da esperança
Uma aresta de beijos
Aquela que foi princesa de um condado
Sou o que não quer ser
Cores, dunas, flores
Sou um tempo a cicatrizar feridas
Palavras sonhadas
Um rio a desaguar
Um coração coragem
Sou lágrimas à janela
O bote dos búzios
O medo do alto mar
Sou uma ilha perdida
A derrota das derrotas da vida
Um dia serei a música
De um assombroso amanhecer.*

Para não me sentir nesta solidão infernal, parto no meu alazão branco, de cabelos ao vento, em busca da estrela azul que ilumina o meu caminho.

Conversamos. Fascínio. Ficciono o meu EU. Enterro esse EU onde a cor de ébano espreguiça a sensualidade. Diverte-se com a nudez do meu corpo, uma fragata esfrangalhada. Calo as palavras. Transformo-as em metáforas para um TU ausente. Sulcam dois

Universos por nunca mais poderem abraçar-se num enlace de carícias perturbadoras.

Grito pela estrela azul. Pergunto: Porque foges? Persigo o teu rasto luminoso, deslizas pelo Universo ao som de lágrimas. Já as sequei e a minha interioridade transformou-te num oásis, o deus dos meus dias.

A Consciência Cósmica ostensivamente determinista sorri dizendo: Tudo passa, menos o Amor. Mas que Amor tão estranho! Afinal um Amor de viajantes eternos com o aval do Mestre dos búzios para todo o sempre.

Nessa estrela azul, deixei as coisas pequenas, mas tão ricas por dentro.

De corpo e alma invado-me de ti

Banho-me nas tuas águas

Vida de fráguas

Tropeço

Desfaleço.

Mas por ti espero

A qualquer momento

Num lugar.

Teu sorriso

Leve

Suave

Abraçará meu corpo

Sem fôlego

*Em labaredas de fogo
Sem parar.*

A vida é um livro. Nas páginas, registei alegrias, fracassos, sucessos. São imagens que povoam pensamentos. Recordo-as a cada momento. São vidas da vida. Sonhos de sonhos. Persigo o meu real. Sozinha procuro o esquecimento da minha condição humana. E fico-me pelo mistério da existência como uma asa de Deus.

*Na sombra dos teus silêncios
Fiz dos meus dias melodias.*

Etna, arrepiada com o mundo interior de Etna Maria, caminhou paulatinamente. Aproximou-se do que fora pertença dos Pais. O passado presentificado. Avançou pela relva esmorecida. Abeirou-se dos que trabalhavam à volta de carros entre pneus espalhados ao acaso. Jovens a praticar um futuro. Apareceu inesperadamente um velho mecânico. Ao encarar espantou os olhos. Exclamou: — Senhora piquino! Shiiiiiiiiiiiiiii.

— É verdade! Respondeu Etna abraçando aquele velho, restos do mundo das infâncias distantes.

— Mininos? Maningue neto? Aqui falar sinhora grande morreu. Maningue doente... Sinhora piquino sofrer maningue... Ishhhhhhh...

— Espera aí... Deixa sentar aqui... Depois falar tudo...

Atento, de pé aquele velho não perdia pitada do que ouvia.

Sabes, Etna Maria quem devia estar aqui eras tu para ouvires “Ish... Ish... Faz favor... Cliques ruidosos... Uhm... Uhm...” acompanhados do menear de cabeça, vezes sem conta, e de sucessivos encolher de ombros.

Eu não podia falar dos *mininos* nem da *minina* de uma só vez. Por momentos vi lágrimas pequeninas e os braços caídos como folhas ao vento.

Tu e eu éramos memórias de um tempo da memória da Terra do MAR LONGE. Olhei o céu. Voltei atrás uns longos anos. Lembras-te da nuvem em forma de pneu de camião com novelos fofos entre o cinzento e o branco sujo, a servirem como que de câmara-de-ar? Com a forma de estranhos e bizarros duendes! Nem imaginas os arrepios percorrendo o corpo. Conforme vieram, se foram.

Mais de uma hora, Etna esteve sentada no patamar das bombas de gasolina envelhecidas pela corrosão da aragem chuvosa. *Bulabulou*, gargalhando com as diabruras dos *mininos*, os gansos abatidos com uma pressão de ar, as gemadas dadas ao cão “Piloto”. Enfim, um não acabar de memórias... Entre *Shiiiiiiii* *aqueles mininos*...

O velho *mufana* tinha percorrido trezentos e cinquenta quilómetros para me rever. Foi a mãe quem providenciou para que tirasse a carta de condução de pesados. Era motorista por conta própria.

Não quis sentar-se! Tive de insistir.

Bulabulámos.

Tem uma filha enfermeira, outra na Universidade.

A certa altura comentou: — Agora, africano está mesmo bem!

— Que queres dizer com isso? Perguntei.

— B'ranco trabalha para nosso. Tem micronda, geleira, televisão, ferro eléctrico... Shiiii... S'inhora piquena... Maningue milando... Meu mulher quer ter tudo... Não pode mesmo!

Nem queiras saber o que gargalhei! – Preso por ter cão, preso por não ter...

O velho *mufana* teve de partir antes de cair a noite .Nunca mais nos reveremos...

Etna, consciente de que aquela era a última despedida, apertou-lhe as mãos secas e mirradas, abraçou o velho. Restos de uma pré-história. Segurou-lhe o rosto, encostou-se-lhe ao peito magro e disse-lhe com a voz embargada: *Hambanini*.

Disfarçadamente afastou-se para se despedir do pássaro azul, o jipão, com um volante de *machibombo* com que se fazia rolar para a praia das maresias suaves e frescas. Recordou num ápice as infâncias distantes numa grande algazarra. Foi quando teve consciência de como ultrapassara perdas irreparáveis, medos, dores, sonhos, projectos e lágrimas.

Etna não se esqueceu de esclarecer o novo proprietário de que a Mãe tinha partido de cabeça erguida, tendo entregue as chaves ao Comité de Bairro. Há um documento que o comprova. É para nós, um

documento histórico guardado como uma relíquia.

Continuávamos, afinal a ser restos de vida com as cores do arco-íris.

Espreitou por tudo que era sitio. A limalha cobria o chão. As paredes conviviam com o silêncio de tinta a pincel. O cheiro a óleo transpirava os ares. Sucata pelos cantos.

Etna Maria, ter-te-ia feito bem veres o que foi pertença nossa. Cicatrizaria as feridas por sarar. Abrir-se-ia uma janela e a aragem da maresia desmantelava os fios do teu casulo e guardarias sem lágrimas as boas lembranças porque é delas que vamos viver. Já nada nos pertence.

O amor por esta terra é um feitiço. Entra o sol todos os dias e continua, imagina, a aquecer as alegrias ao despertar. Se é bom ou não, não sei. Sei que, contudo, sou amor, revolta e angústia. Não fomos nós que destruímos as raízes deste quinhão de terra. Aqui nascemos. Aqui demos vidas. Hoje, muitas delas, pairando em outros Universos, cintilantes de estrelas, onde estão as almas simples. Apenas queriam Paz. Outros, vagueando em espaços sombrios, torturam-nos com a saudade eterna.

Imagina, Etna Maria, onde me encontro. Na loja da esquina. O comerciante, teu ex-aluno, casado com uma morena tranquila debruçada sobre os afazeres escolares do filhote.

Olhando-o, dei comigo a dizer, quem diria vê-lo casado com aquela serenidade?! Deve ser uma mulher de fibra.

A loja nem parecia a mesma de outrora. Perdera o ar de armazém com prateleiras superlotadas de caixas sobrepostas. Ostentava uma fisionomia de tempos arejados.

Nem imaginas como ficou quando me viu entrar. Reconheceu-

-me de imediato. Travámos um curto diálogo.

— É mesmo a D. Etna, não é verdade? Depois de tantos anos... bem...

— O bom filho à casa volta ou já te esqueceste?

— Veio visitar a terra? Perguntou curioso.

— Vim antes visitar-me. Respondi.

— Que quer dizer? Quis saber.

— Olha, que é bem difícil. Acrescentei.

— Ah! Já percebi. Veio reencontrar-se com a terra e com os que por cá andam ainda. Muita gente partiu.

— Ora vês como me redescobriste?

Choveram perguntas a concretizar notícias chegadas no diz-se-que-disse, cavalgando alazões entre nuvens e mares. Gostei de conversar com ele... Abraçámo-nos. Senti nesse abraço, o desejo de um futuro melhor. Ainda estive para perguntar pelo menino descalço que marcava o compasso da filarmónica. Percorria a cidade como anúncio de algum feriado. Mas, para quê desenterrar a memória pacífica e simples do menino atrás da filarmónica?

Disse-lhe que voltaria para me despedir. Não o fiz. Recordarei com carinho a reminiscência dos traços no rosto de moço maroto que conhecemos. Olhar travesso, era o que restava de um tempo condenado a não viver mais.

Não voltei, Etna Maria. Não teria coragem para dizer: Adeus até sempre.

Dói este até sempre. Diz tudo e não diz nada. O amanhã ninguém o viu, não concordas?

Etna procurou os correios para telefonar para Etna Maria. Olhou a escadaria espaçosa, subdividida em patamares amplos. O edifício pintado de cor de rosa e branco, dava-lhe um toque de orquídea fora da estufa. O sol africano, com um olhar sobranceiro, vigiava atentamente.

Do patamar superior, Etna olhava o vaivém do trabalho da mulher sem parar, a caminho do bazar, carregada que nem uma burra, o filho pequenito às costas aconchegado pela capulana e o ritmo dos passos da mãe com uma carrada de produtos à cabeça. Sempre consciente da subsistência do lar.

Ao entrar, Etna sentiu o coração apertado. De novo a solidão vagueante. Volteou sobre si e desceu a escadaria.

Deambulou até que se encontrou no sopé do cinema onde ainda existem as árvores de verdes frondosos, sob as quais, bancos sempre povoados de gente a ler o jornal. As palavras não eram poucas.

Embora cobertas de poeira, fotografei-as para as rever no nada para contar. Sentei-me num banco. Ali fiquei a recordar.

Uma fiada de casas pegadinhas umas às outras que ainda descem a rua, desdenham as ausências. Lembras-te do bulício dos que entravam, regateavam e saíam com os embrulhos amarrados pelas capulanas? Partiu-se em debandada por esse mundo do Deus de todos. Muitos já para o infinito.

A lojinha do barbeiro pequenino, ladino, ainda lá está torcida pelo tempo. Passava-se à tardinha sempre pejada de gente moça gargalhando, enquanto aguardavam pela vez. Era bem castiço. Sempre bem disposto com a sua solidão. Devia sentir a vida com outra cor. Dizia-se que tinha sido deportado para a Terra do Mar Longe por

questões antifascistas.

Mas ele não se ralava. De manhãzinha, na sua bicicleta, seguido do seu rafeiro, fazia o seu passeio matinal de que a criançada troçava. E lá ia pedalando em paz com a vida de chistes maliciosos sem nunca se ficar a saber da vida particular.

Creio que ainda hoje estará presente nas memórias como ninguém.

Não há palavras, Etna Maria, para quem já não está mais. Não há nada a fazer senão abrir as portas da alma e nela derramar o desconsolo e também gratidão. Vozes tranquilas do outro lado do Universo acalmam a saudade.

Hoje, este barbeiro é uma página do passado.

Merece a frase de Fernando Pessoa: “O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

Etna Maria, nem imaginas as fotos tiradas. Deliciar-te-ão. Vão lembrar-te de onde vieste. Por aqui ando, avivando recordações que, após tão longa ausência, fazem sorrir.

Sei quanto as coisas pequeninas são as mais ricas por dentro, fazendo-te muito feliz. Não há lugar que não me encha de alegria. Uma forma de relacionarmo-nos com a vida, despindo a nostalgia, os cheiros, o pôr-do-sol vestido de amarelo de braço dado com o castanho e o vermelho. as mangueiras pejadas de mangas a amadurecer e os cajueiros com aqueles pomos de néctar coloridos.

A Terra do Mar Longe mora eternamente dentro de nós. Deu-te as infâncias perdidas. És fruto deste mundo e nele queres morrer. Neste mar da vida, resta-nos aproveitar cada momento.

Subo a ladeira. Respirei a luz do sol que ilumina a caminhada em direcção ao cinema de largas entradas agora repletas de nada nos dois lados. Nas noites de cinema regurgitava de gente. Uns fumando. Outros *bulabulando* ou fazendo curtos picadeiros. A rua deserta sussurra lembranças de ontem. Mercedes Benz preocupados com o estacionamento no mesmo *parking* do governador como forma galharda de exteriorizar a balança da vida. Vejo-os na neblina do tempo Excertos de memória levam-me à sala do cinema. Lembras-te da divisória quase ao fundo da plateia? Aí ficavam os *mufanas* das *sananas* dos *mulungos* e das *sinharas*. Como vibravam nos filmes de *Farwest!* Ouvia-se “Eh! Pá, *languça...*” Quando o herói do tiroteio saía ileso... Um alarido de satisfação. Saíam lateralmente. Nada de misturas. Caso para dizer “cada macaco no seu galho”, mas em grande galhofa com trejeitos dos tiros ou outros ainda, gargalhando. Tive pena daquele espaço destinado ao silêncio na carreira de entretenimento conhecido por “galinheiro”. Imagina o ser humano que apenas pela cor e pela iliteracia, era ali o seu lugar.

Tem como companhia o velho clube *Sporting* frequentado pela elite de poder económico *socialised*(*). Hoje, de janelas fechadas, de paredes delambidas pela humidade das chuvas. Somente um corpo enrugado. Mesmo assim, apetecia-me um pedido: deixa-me entrar, ver-te por dentro, rever a altivez da elite ou julgas que esqueci o tempo em que expulsavam a criançada fora do circuito económico? Não passa de uma alegoria mundana. Uma identificação inquietante. Nem sei os anos de existência.

Certamente já não te lembras de um carnaval em que Etna Maria e outras meninas da vizinhança, atraídas pelo ritmo das músicas,

(*) Que ascenderam na escala social.

entraram pelas traseiras.

Atravessaram o jardim e a varanda brincando ao esconde-esconde por entre os vasos recheados de fetos exuberantes e invadiram o salão carnavalesco.

Não estavam mascaradas. Mal tiveram tempo para uns passos de dança antes de serem expulsas com alarido. Na sua inocência, pensaram que fora por não estarem mascaradas...

Descendo a ruela dos decrépitos casarões, Etna deteve-se junto ao antigo casarão de paredes meias com o velho cinema.

Era ali que habitara o juiz goês. Todos dias, após o seu magistério, envergava as vestes tradicionais hindus e, na companhia do seu velho amigo comerciante, também hindu, e de mãos atrás das costas, caminhavam saboreando o crepúsculo, antes do chá ritual servido com simplicidade em ambiente fraterno.

Desci a ruela de antiquérrimos casarões, aborrecidos com tanta solidão. Fui desembocar ao Banco. Entrei para cambiar uns parques dólares. O balcão abarrotava de clientes, expeditos, sabedores dos interesses económicos.

Atarantada, a minha vez demorou a chegar. Pude observar a ligeireza com que movimentavam os seus interesses. Um rosto feminino, fechado abeirou-se de mim. Em silêncio os dólares foram cambiados. Nem um sorriso que mais não fosse de cordialidade

turística.

Quem somos nós? Fantasmas? Senti-me mesmo um fantasma solitário de uma vida roubada... um ente sem ser como costumamos definir-te que te leva para muito longe com tantas palavras por dizer. À medida que, por aqui vagabundeio, vou compreendendo melhor os teus dias de tempestades por não estares neste chão e viveres o abismo solitário de ti própria, mas sempre humana. Lembranças, memórias em algures perdidas nos recantos do tempo. Agora, no Outono da vida, são apenas retalhos amarelados.

Subindo a ladeira da centenária Igreja, peça rara pombalina, inicialmente projectada como fortificação. Ostentava orgulhosa, na torre sóbria, vestutas ameias, os sinos que soavam a Missa. O imponente relógio de 1930 assinalava implacável, o dia que se escoava em horas lentas. Estava encerrada. Porquê? Interrogava-se Etna. Onde estariam as imagens antiquérrimas? E os genuflexórios forrados a veludo, chapeados com os nomes de uma certa linhagem? Não era qualquer um que se podia dar ao luxo de ter ali lugar. Haveria uma espécie de luta surda social.

O povolêu misturava-se entre bancos com uma trave para se ajoelhar nos momentos de grande religiosidade. De um lado, ficavam mulheres e crianças, do outro, homens e jovens. Que época tão complicada, como se o Deus de todos estivesse preocupado com a selecção humana na Sua casa. Devia ficar certamente entristecido.

Deveria encerrar um espólio digno de um museu de arte sacra. Eram tantas as obras de arte e imagens de que Etna se recordava...

Como estava encerrada, retomou o caminho do casario... Uma surpresa... A catedral nova, moderna, cheia de luz ampla onde todos tinham o seu espaço especial.

Sabes, Etna Maria assisti a uma homenagem à Padroeira. Imagina o que aconteceu. No fim da Missa, um grupo de senhoras africanas saíram dos lugares e vieram para defronte do altar cantar e bater palmas. Meti-me no grupo. Estava tão feliz com aquela partilha de cânticos de louvor.

Etna não esqueceu a inovação do coro criada pelo molungo das infâncias perdidas, onde as mães podiam ter as suas *sananas* mesmo a *choringar* pela mama. Em baixo não se ouvia a berrata faminta. Protegia-as um varandim envidraçado.

Mãe Guitonga, lembras-te ainda deste *molungo* com um rosto sempre fechado? Se já não te recordas, também não tem importância! Pertence já a gente sem história. Mas deixou para ti, *Mãe Guitonga* um poema:

*Se prisões e tribunais os gestos e atitudes
Não pecassem por brutais
Se capitães e generais, juristas e outros que tais
Não se tornassem venais
Se fossem mais cordeais
E se as relações entre os homens
Não parecessem animais
Não haveria jamais
Tantas mortes, tanto ódio
Jamais... Jamais... Jamais.*

Não calculas, Etna Maria, onde estive pela manhã depois do mata-bicho na varanda aromatizada da Lisa.

Encontro-me no Jardim onde brincavas todas as tardes com as tuas amiguinhas os joguinhos que, agora se encontram no mundo da Arqueologia. Tinha passado por lá ao anoitecer. Fiquei surpreendida com a ausência da estátua do Navegante do outro lado do Equador. Acabei por descobrir que jazia nas traseiras de umas instalações mecânicas, tendo como companhia o lixo da folhagem. Talvez para esse lixo o transformar num semi-deus condenado a prisão perpétua. Uma carreira invejável. Graduação divina de um homem dos mares que, bem ou mal, serviu o País. Agora inútil, indigno até de um antiquário. Interpelei-me — seria que outros tempos geraram o rumo da insignificância do passado histórico com chapadas e insultos?

Não achas Etna Maria, que frases, nomes, restos de letras enigmáticas cravadas em pedras, bustos estranhos como na Ilha de Páscoa, por exemplo, são marcas portentosas de eventos históricos? Marcas de tempos misteriosos de qualquer História suscitam raiva, rancores, orgulho quer se queira quer não. Cofres de conjecturas. Raízes que ajudam a crescer, a procurar rumos novos e compreender povos entre si.

Aliás, um povo sem memória é um povo sem história ,não achas?

Que pena não estares aqui. Aquela estátua esteve condenada ao mar. Depois de saber que lhe queriam dar este destino, regressei a casa da Lisa, matutando no sarcófago marítimo, onde por pouco não a enfiaram.

M — mandar

A — acolher

R — regresso

Roída por estes pensamentos, estuguei o passo e fechei o portão. Acabamos por dar valor à memória afectiva das coisas pequenas mas grandes por dentro.

Tenho tanta pena daquela estátua ao relento da cacimba, passeada por lagartixas, *bogononos*(*) e escaravelhos. Forma potencialmente nobre reduzida ao espectro de um fóssil sem estatuto. Tenho igualmente pena das gerações vindouras que, incapazes de valorizar a sua identidade, vêm-na como uma excentricidade da História, errando, eternamente.

Carta do Outro Lado do Equador

Etna

O verão ainda não chegou. A primavera espreguiça-se por aqui quase todos os dias. O tempo arrepiante faz eco numa chuvinha aos ziguezagues, deixando o abacateiro, a bananeira e a goiabeira lacrimejantes. O vento dançante nas folhas intimida as roupas leves. Talvez por isso, procuro no silêncio humano do bairro, a minha ausência da Terra do Mar Longe. Onde não estou. Onde estás tu para aí deixares em liberdade o Espírito das minhas infâncias inocentes pelas dunas, como escorregas num grande alarido. Transporto-me para a marginal. Neste propósito vou até à piscina já sem a rede à volta por causa dos tubarões. No meio, lembras-te da prancha sempre superlotada de miudagem para saltos consecutivos aplaudidos pelas apostas dos

(*) Vermes semelhantes a minhocas.

amiguinhos? Defronte, o Clube destinado quase exclusivamente a brancos e africanos da cor de ébano, já com nível social ou profissional na função pública. Aí se reuniam. Uma elite do snooker, do poker, do xadrez.

Tardes femininas marcavam presença nas jogatanas da canastra e do majong.

Etna, ecos de um passado que vai ficando vazio. Entretanto, ainda nos balbuciam segredos que se libertam nas noites enluaradas ao som do batuque na terra dos pombos verdes. Ainda por lá saltam de coqueiro em coqueiro? Testemunhas curiosas de encontros de amores clandestinos passeando à beira mar tranquilamente. Fixo os olhos nesse longe tão longínquo.

Consigno vislumbrar os abutres do medo, bem como ouvir “Mamãe *iangó*... Mamãe *iangó*” gritados, doridos, chorados sob as chicotadas do cavalo-marinho empunhado pelos cipaios. Era um momento de estarrecer. Percorriam a nossa avenida Punham em debandada mães e avós, à hora do almoço, com as crianças para a Pérgola, o espaço vizinho da casa do Capitão. Ao menos aí corria uma aragem acarinhada pelas marés cheias ou vazantes e a frescura da maresia.

Na tua imaginação, como dizias, eu era uma galinha seguida dos meus pintainhos, sem inquietações nem sinais de um mundo em mudança que se avizinhava.

Já subiste a ladeira do Palácio do Governador? Saberão que naquele espaço existiu um casarão solarengo da nossa infância? No interior, grandes salões, um bar sempre bem frequentado. No exterior, baloiços e argolas para a pequenada. Um *court* de ténis, limpinho, tratado com esmero. Ali se exibiam partidas dos apaixonados pelo ténis,

exemplarmente vestidos de branco, a rigor, com raquetes de qualidade. Nada faltava. Cadeiras e bebidas fresquinhas, sombras acolhedoras. Diz-me, não deitaram abaixo aquela frondosa amendoeira onde íamos pilhar amêndoas gorduchonas, madurinhas?

O salão paroquial ainda está aberto à comunidade? E a paróquia continua a ser um ponto de referência na esquina da ladeira? No largo fronteiro, a frondosa árvore se ergue sã e viva? Era aí que se jogava ao berlinde, à saída das aulas, que acabavam em campeonatos de colecção. Um bom bónus de berlindes surrapiados das derrotas do adversário a choringar. Meninos que nunca mais encontrei e pensando neles, sinto um deep breath, um grito do mais profundo ser. Às vezes, nestas deambulações por um tempo sem volta, tenho a veleidade de me sentir uma Antígona que se rebela por ter sido enterrada viva.

Há valores universais que não se submetem a déspotas que se arrogam o direito de desencadear tragédias humanas.

Os meus sonhos estão encerrados numa gaveta do meu coração. Aí os guardo. De vez em quando, abro-a porque me ajuda a lembrar que existo.

Mãe Guitonga, não deites fora a minha identidade. Ela é feita de coisas pequeninas, mas muito ricas por dentro, apesar de as acharem menores! Para mim, são o meu tesouro. Evocá-las-ei mesmo na ponte, esperando pela barca de Caronte.

Sei lá se volto... Carrego já muitas distâncias, muitos cansaços. Não passo de uma varanda do tempo que mais namora com a minha moçambicanidade.

Cada dia que passa é uma forma de me situar no espaço onde apenas a memória habita.

Carta da Terra do Mar Longe

Etna Maria

Viajo num tempo já em silêncio. Não é preciso remexer nos valores de que somos fiéis herdeiros, africanos brancos de segunda classe. Jamais esqueceremos este anátema criado pelas forças do poder para nos excluir. Como se esse sentido selectivo tivesse tido o efeito esperado...

Após trinta e tal anos... Como se fosse possível alterar a nossa africanidade!

É como africanos que partiremos para o Universo da Luz Cómica. Esses valores despertam emoções. Levam a questionar a reviravolta nas nossas vidas no outro lado do Equador. Olho essa reviravolta em silêncio. Geografia humana de contornos sinuosos. Apenas nos dão, o País sem o nome da terra onde se nasceu e a vida. Racismo ou apenas marginalização? Fomos, sem dúvida, um osso duro de roer e de digerir. Hoje, somos apenas gente sem história. Restos fétidos de um tempo em que hoje a Portugalidade já não é de cravos, engalanados estrategicamente no cano das espingardas. Não passa de um feriado aproveitado para destressar aqui ou acolá, apesar do esforço para manter intocável o mistério político de uma liberdade tingida do carmim dos cravos. Aqui sulco a memória sem mágoas pelas ruas deste rincão.

Vultos. Recordações. É o que subsiste. Um rascunho que fala de um espaço de todos e de ninguém. Aí se esconde a nossa fragilidade disfarçada em indiferença por tempos sem regresso. Um mundo já

outro.

Eis-me na busca desse mundo já outro. Desço a rua dos *shitolos*. Já nem me lembro se tiveram nomes. Era a rua dos comerciantes, onde se situava o clube dos *hindus*. Silencioso como habitualmente.

Quanto nos marcou a abertura em boa sintonia daquele espaço à comunidade local com um espectáculo de danças a exprimir os seus valores! Foi, com espanto que assistimos à dança dos paus executada por moças da nossa geração. Como estávamos a leste destes dados culturais.

Foi um momento de manifestação à Deusa das suas convicções. *Saris* abrilhantados de enfeites dourados rodaram graciosamente.

Durante a execução, movimentos dançarinos em círculo, batendo paus pequenos, mantendo o ritmo de seus passos. Foi um *show* surpreendente. Uma Primavera festiva que nunca esqueceste.

Este momento fez lembrar aquele provérbio lusitano “um só caminho como os bois do Minho”. Como éramos presunçosos dos nossos dados culturais! Bem manipulados. A esta distância do tempo, lamentamos o muro criado pelas diferenças. Como seres humanos fazemos parte de um todo universal.

Os *shitolos* dos *hindus*, estavam de portas fechadas. Já lá ia o tempo a regurgitarem de gentes, num *bulabular* apressado por causa do *gasolina* para a outra margem. Capulanas coloridas, calções de caqui, sabão em barra, máquinas de costura a pedalar sem cessar, uns a entrar e outros a sair apressadamente.

O *shitolo* da copra também permanecia silencioso. O cheiro enjoativo evaporara-se. Fazia-se daquele espaço uma espécie de clube, onde se cruzavam pelos ares negócios a fechar de acordo com a época dos produtos cultivados no interior do mato.

Como estas lembranças devem comover-te, ressentir o que já vivemos. Olhas para trás e percebes o passado com os olhos de hoje. A transitoriedade das coisas será sempre um soco no estômago.

Eis-me agora em frente do Colégio, onde iniciaste a caminhada do Saber e aprendeste formas de viver. Hoje é um espaço diferente. Nova gente o habita.

A Capela passou a ser uma sala espaçosa de informática, pelo menos é a informação que tenho.

Continua o recanto especial virado para o mar que se espreguiça pelas areias da praia. Olha-me, com altivez, como se eu fosse uma estranha.

Indignada com aquele ar de pamporra disse-lhe bem alto: — Fica a saber que nunca estarás só! O espírito daquelas mulheres de burel branco vagueiam pelos andares, pelas salas, por todo o lado, porque querem que vivas o presente com galhardia. Não há palavras para o que já não está mais. — Presta atenção. Tempo virá em que tu vais ouvir memórias trazidas pelos espíritos destas mulheres. Quer queiras, quer não, acenderão novas esperanças em novos projectos de vida.

Olhou-me desdenhosamente em silêncio. Furiosa, lembrei que aquele espaço, outrora uma porta aberta a órfãs, a meninas de pais que buscavam no mato um ganha pão, economizado *quinhenta* a *quinhenta* e também a outras meninas *socialisedes* num convívio de risos de igualdade, hoje se convertera num palco de meninos a trepar pela vida. Carreiras brilhantes, com ou sem espinhos, do lado de lá ou de cá do Equador, estabilizaram a vida.

Há que fazer justiça a quem converteu o teu espaço num espaço mais vasto. Alguém, embora dependente do senhor do poder para lá

do Equador, engajou-se ferozmente na transformação deste espaço do Saber, numa Instituição de larga abertura a futuras carreiras de gabarito.

Ficas indiferente a quem se empenhou em dar oportunidades a tantos jovens, que hoje lutam por tornar o meu e o teu País, num lugar Cimeiro na conjuntura internacional?

Mutismo desconcertante. Semente de uma nova dimensão humana. Fui-me embora. Era pretensiosismo a mais pretender um diálogo, não achas Etna Maria?

Desci as escadas para o campo dos jogos abertos ao porvir. A maré estava longe. Olhei-a com ternura. Senti serenidade.

Sentei-me num degrau. Curvei o corpo. Abracei as pernas. Ali fiquei enrolada. Aquele espaço continua a ser o lugar onde moram palavras na companhia de memórias. Como ainda, cheiros da areia molhada depois de uma intensa chuvada e ventos ao sabor das marés. Falam tanto. Falam das tricas, namoricos escondidos, eventos desportivos, palavras interditas. Não faltam anseios trémulos, olhares assustados com o brilho da adolescência envergonhada.

No fim de contas, este espaço toda a vida tão cobiçado pela promoção social e intelectual é ainda pêndulo de vidas. Dá valor ao Saber. Faz parte da auto estima, do saudável contacto com as realidades novas. Aceitará os limites da pessoa que se é? Estive no campo desportivo sentada numa bancada. Um passado presentificado coube naquele espaço. Era o espaço dos desafios do hockey, dos apupos, dos aplausos, da histeria pelos fans hockistas. Sorri ao lembrar-me do 10 de Junho.

Sei lá quantas vezes lhe adicionaram um apostrofo ou continuado. Dia da Artilharia, dia de Camões até que se chegou ao Dia da Raça...

A partir de 1963... Shiiiiiiiiiii maningue contestado...

Muitas vezes pensava porque não, também o Dia das Religiões? Se a Terra do Mar Longe é um melting pot de crenças desde o Alcorão, à Bíblia ao Hinduísmo e às crenças ancestrais? Solenizava-se o 10 de Junho com discursos com que se tentava, se calhar, incutir o halo de Portugalidade. Que veleidade!

Tretas, Etna Maria. O que se pretendia, era pôr o 10 de Junho ao serviço de um passado de grandezas e heróis celebrados por Camões em “Os Lusíadas” assente no *slogan* “orgulhosamente sós”. Legitimava-se um presente sentenciado pelo mito com pés de barro. É verdade, esqueceram-se de que “as árvores morrem de pé”.

Desci a rua anexa a este espaço sem olhar para trás. Se o fizesse levava à proa os olhos de um destino que não traçámos. Foi apenas imposto como o facho supostamente luminoso, ligando gerações que se separaram. Outros caminhos marcados nas estrelas, perderam-se na bruma e no silêncio feito de solidão aos pés dos que partiram.

Nunca me senti tão protagonista de uma história de vida como desde que me encontro nesta Terra, abençoada pelo mar, de um azul céu e ondas cavalgando na calmaria.

Etna Maria, descobri-me um ser sensível. Caminhava por aquela rua feita de simples casas rentinhas ao passeio. Tive a sensação do incenso para afugentar os maus espíritos. Senti que, afinal, aquela Terra era uma cidade de histórias de encantar. Janelas fechadas há tanto tempo. Os que abriam as portas para exibirem capulanas alegres e festivas e os alfaiates num apressado pedalar das máquinas de costura, tinham debandado por esse mundo do Deus de todos. Guarida encontraram em algures. E outras vidas recomeçaram.

Os búzios também devem chorá-los como te choram a ti, Etna

Maria!

De repente parei. Ai, nem queria acreditar no que via. O velhinho hotel. Que idade teria? Encolhi os ombros. Não admira, aquele local não pertencia ao mundo dos *socialisides*.

Lembras-te do modo como se referenciava a esse hotel? Aquilo hotel? Ai, não! E por quê? Era o albergue à moda antiga de criaturas de alegria triste.

Contudo, ainda todo bem avarandado em madeira, parecia sorrir-me. Quantas crianças e mulheres hindus o percorriam... O telhado em zinco ondulado lá estava, como outrora, guardando sonhos dispersos. À varanda ninguém assomou. Também eram horas mortas. Cheiros, vindos de cozinhas improvisadas no quintal visitaram-me. Naquele momento, o incêndio à hora do meio-dia ocorreu-me. Shiiiiiiiiiiiiiii... Que corrupio de baldes pelos presentes e vizinhança. Toda a gente se apressou a ajudar a extinguir as labaredas e conseguiram com alegria.

Afinal, um ex-líbris que me dava asas e raízes. Perguntarás e o outro hotel habitado e visitado por gente de passagem com outro estatuto social?

Igualmente centenário com um bar requintado para os tempos, jazia entre morros de líquen. Bombardeado pelos atritos bélicos partidários. Desisti de fazer perguntas. Não valia a pena. Agora era o símbolo de uma era que já fora.

Lá longe estás tu, Etna Maria, vivendo de lembranças junto ao rio que passa por ti. Corre, flui e tu, sempre sozinha com a tua vida dura sem afagos, sem flores apenas com as tuas raízes bem enterradas. Mas eu não sou louca. Tenho bem presente o que me escreveste para te iludires a ti própria.

Sou Feliz porque nasci aqui na Terra da Língua Guitonga. Terra de gente hospitaleira, cantada em “Os Lusíadas”, como preito de homenagem à recepção do povo quando os portugueses ali aportaram para se resguardarem da chuva e do escorbuto.

Porque a minha língua é a LÍNGUA PORTUGUESA.

Porque a LÍNGUA PORTUGUESA me deu uma Pátria.

Porque chapinhava nas águas da chuva ao sol e ao vento.

Porque a seguir, apanhava filária tratada com cortes de lâmina e banhos de águas de plantas africanas colhidas no mato... E matacanhas curadas com cinza quente, extraídas com um alfinete por desinfecção ou uma tenaz de *guimbasse*.

Porque andava descalça na areia a ferver, sem me importar com os picos afiados.

Porque comia mangas verdíssimas, com sal, provocando febrões.

Porque saboreava gulosamente cajú, *jambolão*, *cigoma*, *dzirriwa*, maçãzinhas e os *moranguinhos da ganga*.

Porque fui mãe de cinco filhos, amamentados com chá de *ganga* ou *cacana* que me punham os seios que nem cabaças.

Porque fui criada entre africanos com quem joguei à bola e fugia para a praia.

Porque sou do tempo em que se viajava de *Xitemela*.

Porque o “tornicrofe”, semelhante a uma carrinha celular toda em ferro e com janelinhas de ventilação, me levou para o *xilunguine* onde embarcaria num vapor cujo nome já nem me lembro.

Porque fiz uma viagem de um mês para chegar ao *xilunguine* dos brancos de primeira.

Porque sou do tempo do *XINKUERRENGUE* aos sábados à

noite.

Porque o meu *molungo* nunca levou uma *quinhenta*, pelos projectos para igrejas, mesquita, escolas, colégios e maternidades.

Porque tive um pai de “letras gordas” que, no primeiro dia de aulas, me disse para não me esquecer que era de um país de muitas raças e religiões, não tendo o direito de me impor, mas de respeitar as diferenças.

Porque tive uma *mamana* que me criou como filha. Só queria que a sua *sanana* viesse para o *xilunguine* do outro lado mar. Senão, eu seria “como nosso”.

Porque saltava os muros das *nunus* para pilhar *lifete* ou bolinhos de coco ou de *sura*.

Porque o cipaio que me adorava, não dizia à minha mãe que estava num galho a comer amêndoas verdes como as ervas.

Porque fisgava as *galagalas* de cabeça azul, por cima dos muros.

Porque por cada filho, plantou uma árvore.

Porque o meu *mainato*(*) corria pelo quintal para o minino respirar por causa da tosse convulsa.

Porque, não muito longe, há poços de petróleo selados desde 1948.

Porque havia pombos verdes numa língua de terra habitada por uma imensidão de coqueiros e caranguejos a enterrarem na areia como *matope*.

Porque vi tubarões, dugongos e peixes voadores.

Porque comi *matapa*, *pelau*, *bagias*, *maningue* mandioca,

(*) Empregado doméstico cuja função é lavar roupa.

lifete, côco, lenho com açúcar, castanha de cajú a estalar debaixo de uma chapa de zinco.

Porque as minhas amigas eram brancas, negras, mestiças e muçulmanas.

Porque andei de batelão ao ritmo de “Maria Teresa *zicuta*”.

Porque os *madalas* e os *cocoanas* eram respeitados.

Porque não sabia de nada de política.

Porque o meu filho mais velho não fez aquela guerra inútil que só serviu para mutilar corpos e almas.

Porque vivo num país onde não há pão, toda a gente ralha e com razão.

Porque nunca fui uma burguesa “*empatée*”.

Porque o artigo 4º dos acordos se esqueceu de respeitar os “bens e as “*peçoas*”.

Porque tive capacidade de sobreviver à marginalização.

Porque fui conotada como “colonialista” sem o ser.

Porque aprendi a comer o pão que o diabo amassou

Porque este País aprendeu a lição e lutou com garra pela causa de Timor.

Porque ainda viajei na antiga frota colonial por mares nunca dantes navegados.

Porque este país continua a ser um país “das mais desvairadas gentes”.

Porque sei onde fica a Ponte Salazar.

Porque também sei cantar Vila morena.

Porque prezo o respeito pela instituição Escola como fonte do Saber.

Porque ainda privilegio os valores humanos.

Porque revisitei a Terra do Mar Longe e fui carinhosamente acolhida.

Porque nada posso fazer pela mediocridade, nem pelos pavões em soberbas bombas.

Sou Feliz por estar ainda viva e sã na recta final da vida.”

Etna Maria, vives intensamente as separações. Serão sempre as tuas feridas.

Não vale a pena fugires à vontade de visitar a Terra do Mar Longe.

O tempo se esvai, por este ar de Agosto. Já não vivemos aqui. Vim para te devolver a realidade do que somos. Gente sem história. Somos um fragmento do nada que tem como companhia quem já está muito longe de nós. Estarão no Universo da Luz Branca, à nossa espera.

Nunca calcorreei a Terra do Mar Longe como desde que estou aqui a visitar os anos que passaram atirados para o outro lado do Mar. Recordações guardadas num baú cheio de histórias. Contos que, num momento para outro, brincam, enfrentam em silêncio um mundo à parte que tinha sido construído longe de tudo e de todos. Um sortilégio maravilhoso. Vivências detentoras de um espólio humano. Uma história de vidas, castiças, pretensiosas, divertidas, caricaturais, expoentes perfeitos de um poder condenado a perder-se para sempre. Tem sido uma aventura pegar no passado. Reconstruir uma ponte. Passaram aí vidas que pagaram caro o lema tirânico “orgulhosamente sós”. Entra-se num mundo julgado esquecido. Aflora repentinamente com alegria. É a hora de regressar a um espaço, onde somos afinal gente sem uma história.

Porém, não é fácil cortar o cordão umbilical.

Adivinha onde me encontro. Diante do casarão da Madame dos bolinhos saborosos. O velho batente lá estava baço no seu verde, onde tantas vezes batíamos a fugir. Dei três batidas estridentes e gritei como se ela ouvisse: Madame dos bolinhos saborososMadame dos bolinhos gostosos, então, quando saem? O seu *mufanita* já tem o tabuleiro com o naperon de linho bem branquinho para os proteger das moscas?

Ainda te lembras daquela velha senhora que não queria ser velha nem por nada deste mundo? E nem permitia que perturbassem a sua solidão. Cochichava-se sobre o que se passaria lá dentro. As noites, como seriam passadas? Se calhar, sob lençóis de seda esconderia as manchas da pele, as rugas, a flacidez do corpo. As fantasias do Amor que há muito os anos deixaram de a despir. Vivía o sonho de se perpetuar como uma ostra. Quando deixava o seu habitat, emproava-se, vestia-se com requinte, enchia os braços de braceletes. O pescoço ostentava um cordão em ouro com voltas a mais. Assim testemunhava como estava palpitante de vida. *Demodée*(*) ou não, que lhe importava? Vagarosamente entrava na Igreja, pela porta grande com um ar de gente importante, direitinha ao seu genuflexório aveludado vermelho com a chapinha prateada sobre o braço do mesmo com o seu nome em letras bem gordas. Com olhinhos de águia astuta, espiolhava tudo e todos, com um sorrisinho desdenhoso. Como se não temesse que Deus não gostasse de a ver ali, entre aquele povo de brancos e não brancos espalhados por bancos corridos em madeira à esquerda, as mulheres à direita com as crianças.

Outros brancos altivos nos seus genuflexórios com as chapas

(*) Fora de moda

identificadas com nome de família empertigados, assistiam ao serviço religioso.

O resto do povoléu misturava-se à entrada da porta grande. Criava-se assim, por momentos, a ilusão de uma comunidade harmoniosa naquela casa de Deus.

Recordo o que dizias, mastigando as palavras para não se ouvir o que segredavas: -Achas que é altura de levantar o dedo e dizer: o rei vai nu? Eu mandava-te calar dizendo: — Estamos a enganarmo-nos. Vivemos em constante agressão à dicotomia branco e não branco. Como se dessa divisão disfarçada não conhecesses histórias de fazer rir, de homens que se julgavam super heróis, quando, afinal, eram anti-heróis. Escroques, caçadores de perdizes de perna preta ou da cor de ébano. Aqui não somos ninguém. Cala-te.

A Madame dos bolinhos saborosos não tirava os olhos de nós. Como a recordo, Etna Maria. Estar só, não a perturbava, dando a sensação de que vivia bem segura do seu passado enigmático. Um fogacho de Luz Cósmica deveria iluminar esse passado que a energizava preservando-o intacto.

Fica com este pensamento: “As pessoas são responsáveis e inocentes em relação ao que acontece com elas, sendo autoras de boa parte das suas escolhas e omissões” (Lya Luft).

Carta da Terra do Mar longe

Etna,

A vida é uma viagem. Se não nos sentarmos à janela, perdemos o que há de melhor: as paisagens, os amores, alegrias, tristezas, enfim,

tudo o que nos mantém vivos. Não sabemos quanto tempo nos resta. Muito gostaria de desfrutar das minhas infâncias criadas ao sol e ao vento. Ouvir o que os espíritos sabem por onde elas andam.

Não quero saber da desolação deste Universo humano. Se me decidir encontrar-me contigo, de mãos dadas vamos esperar pelo nascer das manhãs. Buscaremos um tempo já sem tempo. Mas um tempo só meu. Como o tempo está na posse do grande Ser do Universo Cósmico, resta-me um bom chá de raios solares para receber uma luz no meu casulo labiríntico. Aí guardo a lenda das nuvens em novelo sobre o nosso terraço e o diálogo do velho serviçal. Vaticinou o sombrio da vida que me persegue fatidicamente. Envolveram-me num drama sem tréguas que fizeram de mim, um Ser solitário bem escondido. Eu já não tenho lágrimas. Estas depositam-se no coração como o calcário na máquina de lavar.

O tempo já tão longe vai trazendo, lentamente, a noção de que a vida é como um sonho. Sonhos são como as nuvens e nada nos pertence, senão a sua sombra. Vou sendo gente sem história, como dizes. Vou existindo na memória do acaso. Os que morrem, desaparecem como se fossem estrelas que tombam. Caem sem nenhum ruído, sem se saber onde nem quando. Ficam ténues lembranças que, por vezes, não deixam pertencer a um só lugar e impedem a tranquilidade de não dividir memórias.

A vida é uma dádiva de Deus, perante a qual não podemos estar nem quietos nem manietados. Por isso, sinto-me sempre levada por um tornado, apagando dos olhos, o sofrimento. Luto por sonhar com o impossível. Esse impossível é visionar nas dunas as infâncias, gargalhando de tronco nu. Ao fim e ao cabo, tenho sede daquela ternura como o deserto de água. Quero tornar a nascer para não perder a minha

essência de Ser, não sentir que já não sou nada. Posso ser gente já sem história. Recebo mensagens que deslizam velozes, mensagens de uma existência.

Consigo então, ver troços calmos, tranquilos, paisagens, profusão de flores e até arco-íris. Dão-me guarida e deixam-me flutuar nas ondas do Mar Longe. Vou e venho. Trago-me e levo-me. Nesse vai vem, vou esboçando o Ser que sou - gente já sem história.

A Terra do Mar Longe está tão distante, num longe muito longe. A maresia aconchega-a, ao ritmo das marés sobre o feitiço do homem. Canta segredos íntimos do oceano profundo de amores escondidos. Foi plantada à beira mar. Coincidência dos deuses. Teriam feito um Concílio? Marte e Mercúrio ter-se-iam pronunciado ou falado baixo para que a noite dormisse em silêncio? Apolo, certamente, terá despejado cantares de Amores por aqueles que haviam de vir, nascer, renascer e ver a face da Morte.

Escrever, é de facto, uma viagem no mundo das palavras. Há que nos deixar arrastar pelas vogais e consoantes. Estas letrinhas são fadas do meu Eu. Adoro ver as varinhas de condão pegar na minha pena e correr com elas na folha de papel. Brincam. Riem. Jogam com o que me vai na alma.

No teu espaço, *Mãe Guitonga*, descobri a essência de mim própria. Parti. Fiquei tão só silenciosamente. Chegou o momento de rumos diferentes. Contigo deixo ficar apenas os momentos que nunca mais foram esquecidos.

Oiço palavras não sei de onde.

As vogais e consoantes levam-me até a ti, *Mãe Guitonga*. Não pretendem ser poemas. Aprendi a amá-las. Reparto-as, tropeçando aqui, acolá, mais além. Abraço-as. Limpam-me por dentro. Corrigem

a minha escrita.

Fazem saber que existo no que efectivamente sou, — gente já sem história.

Quero ir para casa. Cada vez mais. Ver Deus face a face. Conversar com Ele. Sem lágrimas, nem tristezas. Eu quero mesmo ir para casa, para o meu Éden construído pelas minhas infâncias criadas ao sol e ao vento. Perdidas pelo Universo. Passarei de novo momentos na minha falésia, tantas horas a ver as tartarugas cabriolar. Quero, ouvir-me rasgar no mar as minhas palavras.

TU, Deus, dás e tiras,
Mas louvo-TE à mesma
Por seres para mim, Quem és.
Não importa onde estás.
Sempre escondido.
Sei, contudo, ó Deus,
Cada lágrima que eu chorar
TU seguras uma a uma nas Tuas mãos.
Sinto-me perdida de mim.
Refugio-me no silêncio.
Talvez precise de o explicar.
Talvez.

Aqui, os dias vestem-se de cinzento. Alimentam a saudade da minha casa. Debruço-me sobre um tempo que me leva a lugares secretos. Só meus.

As algas embranquecidas esperam-me na memória do tempo que morri.

Choram-me angustiadas.

Na falésia, sinto-me como os meus livros. Fechada. Encerrada.

O mar espelha as minhas inquietações. O movimento das ondas dançam com as valsas das espumas, ajuda-me a olhar-me.

Quero voltar para casa. Preciso de respirar devagar vozes ocultas, imagens do tempo em que existi. Deixam mensagens que o vento leva para as esconder em espaços secretos.

Apenas meus.

Aqui tudo é orquestrado. Sorrisos. Abraços sem alegria. Ardis e decepções

Silêncio e vazios. Afectos mergulham em desafectos. Tanta solidão humana. Uma amargura imensa. Que saudade intensa da casa da minha *Mãe Guitonga!*

Quero ir mesmo para a casa da minha *Mãe Guitonga*. Não vou só. Levo comigo a ausência de ti...

No Céu te procuro

Pensamentos sem vida,

Desapareceste entre os astros?

Fiquei no oceano de prantos sem fim

Mergulhei as mágoas nas águas fundas

Sem medo da Saudade.

Tenho o rio como abrigo

Faço das estrelas um manto de retalhos

Aí aguardo a procura de ti inacabada.

*** FIM ***

GLOSSÁRIO

Ateiras: Árvore de fruta que produz atas ou fruta-pinha; fruta de conde.

Bolinhos de sura: Em algumas regiões, também conhecidos por “Micates”, são bolinhos (de vários formatos, consoante os hábitos culturais de cada região) confeccionados com a sura em substituição do fermento industrializado, por isso mais saborosos. A sura é uma seiva retirada nos topos dos coqueiros, logo pela alvorada, e que, passado pouco tempo após a sua extração, fermenta. Além da utilização desta seiva, “sura”, como fermento para a confecção de bolos, também é utilizada como bebida alcoólica pelos autóctones.

Bulablar: Conversar.

Capulana: Em algumas regiões, também conhecidas por “kanga” (galinha da Índia em língua Swahili, porque as primeiras capulanas eram estampadas com fundo negro e pintinhas brancas a imitar essa ave) são peças de tecido de tamanho de 1,80 mt de comprimento por 1,20 mt de largura que as mulheres africanas utilizam como roupa para se cobrir ou para transportar as crianças às costas. Entretanto, hoje em dia, existem capulanas de diversas estampas, além de outras, representando a flora e fauna das savanas de Moçambique e também

desenhos geométricos pela forte influência árabe.

Casuarinas: Árvores semelhante a ciprestes, comuns na linha da praia, em estado silvestre de ramos verdes capazes de atingir mais de 25 metros. Os frutos são pequenas bugalhas redondas com picos curtos e cortantes que caem quando completamente secos.

Chá de ganga (ou chá de cacana): Infusão medicinal tradicional de Moçambique.

Chibalo: Trabalho forçado.(Tem origem no recrutamento compulsivo de trabalhadores para o trabalho em obras públicas, dentro e fora do território moçambicano, com remunerações irrisórias e sob condições indignas, antigamente.)

Cigoma: Frutos secos de cor castanha, cujo aspecto se assemelha aos piões (brinquedos de rodar).

Cocoanas: Pessoas idosas no dialeto africano de várias regiões.

Cocones: Boi-cavalo, (*Connochaetes taurinus*).

Coração de boi: Fruto semelhante à ata, fruta do conde, com formato de coração de boi, no Brasil é conhecida por “Graviola”.

Cuvissa: Proprietário ou dono da mulher, marido autoritário e dominador.

Dendingueiros: Árvore de dendém.

Ddzirriva: Pequenos frutos tropicais secos (nativos), em cachos, de cor acastanhados, com sementes.

Famba: Ir embora.

Feijão Cafre: Variedade autóctone de feijão, de tamanho médio, em extinção por causa da guerra civil ocorrida após a Independência. (Para não morrerem à fome tiveram que consumir as sementes que serviriam

para novas plantações).

Filária: Género de vermes em forma de fio que se encontram de ordinário no tecido conjuntivo, sob a pele, no cristalino, brônquios e outros órgãos

Flor de Mulata: Também conhecida por “beijo de mulata”, pequena flor silvestre, geralmente de 5 pétalas, variando as cores entre amarelas e rosa.

Galagalas: Lagarto de cor acinzentada e cauda comprida que levanta a cabeça para auscultar o inimigo. Segundo a tradição infantil, estes animais atiravam-se aos seios das crianças.

Gamboa: Armadilha alta feita de caniços estreitos amarrados a toda à volta devidamente enterrados na areia lodosa ao longo do canal das marés para os peixes entrarem sem poderem sair na maré vazante. No fundo ficavam os caranguejos grandes.

Gasolinas: Pequenos barcos de passageiros, movidos a motor, utilizados para a travessia entre as cidades de Inhambane e da Maxixe, (Os primeiros motores eram movidos a gasolina).

Guimbasses: Caranguejo.

Hagar ou Agar: (Hebraico moderno: Hagar, Agar; latim: Hājra; árabe: Hājar). Nome da serva egípcia de Sara, esposa de Abraão, segundo o livro de Génesis na Torá, capítulos 16 e 21. Sendo estéril, Sara teria permitido que Abraão coabitasse com Agar e gerasse um herdeiro. Da união, nasceu Ismael, e Agar passou a desprezar Sara. Ismael perseguiu e humilhou o seu meio-irmão. Sara incitou Abraão para que expulsasse Agar e Ismael que quase pereceram de fome e sede no deserto, até serem milagrosamente socorridos por Deus. Agar acabou cuidando de Ismael até que este crescesse e se casasse.

Hajji: Denominação dada à pessoa que tenha efectuado a Peregrinação à Meca. Palavra derivada de “Haj” (Peregrinação à Meca).

Hambanini: Adeus. Palavra típica do Sul de Moçambique.

Impala: Antílope africano de médio porte.

Inhalos: Herbívoros africano de médio porte.

Jamboleiro: Nome vulgar de uma árvore frutífera da Índia e do Brasil, da família das Mirtáceas, que produz frutos comestíveis.

Kambala: Pequena canoa.

Kanimambo: Obrigado.

Kudos: Herbívoro africano de grande porte.

Languça: Espreita; vê; observa.

Lifete: Amendoim assado pilado com açúcar e leite.

Lobolo: Pagamento efectuado, pelo noivo ao pai da noiva, normalmente em numero de cabeças de animais de criação ou em dinheiro, variando de região para região segundo as tradições locais.

Machamba: Quinta, horta, propriedade rústica.

Machongos: Terreno pantanoso propício para o cultivo.

Mãe Guitonga: Bitonga ou Guitonga é uma língua da família Bantu falada em Inhambane, Moçambique. A expressão “Mãe Guitonga” é uma referência à sua língua mãe.

Magaiças: Emigrante africano aliciado para trabalhar nas minas de ouro Sul-Africanas; Também utilizada, a expressão “magaíza”, no sentido pejorativo com idêntico significado de “boçal”; “grosseiro”; “estúpido”.

Mafuta: Gordo, gordura, óleo.

Mamana: Empregada que cria a criança do branco.

Manhambana: Originário de, ou Residente no Distrito ou Província de Inhamanbe

Maningue: Muito / Muita.

Mandioca: Raiz usada na alimentação da qual se extrai uma fécula nutritiva com que se faz a tapioca.

Mafurreiras: Árvores de fruto que produzem mafurra, cujas sementes (oleaginosas) têm aproveitamento industrial.

Magajojos: Muito apreciados na China. Também conhecidos por “holotúria” ou “ pepino de mar”, são invertebrados marinhos , inofensivos, que pertencem à classe dos equinodermes, como os ouriços-do-mar e as estrelas-do-mar.

Mangueiras: Árvore de fruto que produz a manga.

Manqueiras: Cantigas jocosas ou de maledicência.

Matacanhas: (Tunga penetrans). No Brasil conhecidos por “bicho de pé” , são insectos parasitas que, normalmente, se alojam nos pés causando imensa comichão e alguma dor,.

Matapa: Prato da gastronomia moçambicana, confeccionado com folhas picadas de mandioca, amendoim, geralmente cozinhadas com caranguejo ou camarão.

Matope: Terra avermelhada, lodosa na época das chuvas.

Melala: Raiz que depois de limpa é usada para lavar os dentes.

Minas do John: Minas, sobretudo as situadas na zona de Johannesburgo, onde trabalhavam os “Magaízas”, emigrantes negros na África de Sul.

Moleque: Empregado doméstico.

Molungo: Patrão.

Molúrias: Ser indolente, mais conhecido por magajoso, mole, e preguiçoso que, ao ser pisado, expele uma baba nojenta para afastar as pessoas.

Mufana: Rapazinho africano normalmente companheiro das crianças brancas.

Mufundiças: Naturais de uma região perto de Inhambane.

Ngalavas: Pequenos barcos à vela que transportavam carga e passageiros.

Nunus: Mulheres muçulmanas de idade avançada.

Papaeiras: Árvore de fruto que produz papaia.

Peguilho: Conduto que se põe no pão.

Pó Royal: Fermento químico em pó, comercializado sob a marca Royal.

Quinhenta: Moeda de 50 centavos.

Sananas: Crianças de tenra idade.

Sinhara: Patroa.

Sotiçôs: Almas dos muçulmanos falecidos.

Tanana: Criança de colo em fase amamentação.

Tombazana: Jovem africana encantadora.

Wagalawa: Bote à vela.

Xaia: Tareia, açoitar.

Xapau: Dinheiro.

Xilunguine: Cidade grande.

Xima: Prato da gastronomia tradicional moçambicana, de preparação muito simples e que tem como ingredientes farinha de trigo, milho ou de arroz, côco ralado, água e sal.

Xinkuérengué: Bailarico africano.

Xitimela: Comboio.

Xunguila: Bonita, vistosa, formosa.



Maria Sá, luso moçambicana, nasceu em 1935.

Licenciada em Línguas e Literatura Modernas refugiou-se na escrita para, segundo ela, “preencher o vazio da Aposentação”.

Terra do Mar Longe foi escrito entre 2008 e 2011.

É o primeiro trabalho editado de Maria Sá.